

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO**

**JANAÍNA DA CONCEIÇÃO JERÔNIMO LIRA**

**CORDEL NA COMUNIDADE: FORMANDO LEITORES ENTRE O  
RISO, O SILÊNCIO E O ENCANTAMENTO**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2008**

**JANAÍNA DA CONCEIÇÃO JERÔNIMO LIRA**

**CORDEL NA COMUNIDADE: FORMANDO LEITORES ENTRE O  
RISO, O SILÊNCIO E O ENCANTAMENTO**

Dissertação de Mestrado realizada por Janaina da Conceição Jerônimo Lira, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, do Centro de Humanidades, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre, sob a orientação do Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves.

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2008**



L768c Lira, Janaina da Conceicao Jeronimo  
Cordel na comunidade : formando leitores entre o riso, o  
silencio e o encantamento / Janaina da Conceicao Jeronimo  
Lira. - Campina Grande, 2008.  
137 f. : il.

Dissertacao (Mestrado em Letras) - Universidade Federal  
de Campina Grande, Centro de Humanidades.

1. Literatura de Cordel 2. Humor 3. Estetica da Recepcao  
4. Comunidade de Leitores 5. Dissertacao I. Alves, Jose  
Helder Pinheiro, Dr. II. Universidade Federal de Campina  
Grande - Campina Grande (PB) III. Título

CDU 398.51(043)

**FICHA DE APROVAÇÃO**

**JANAÍNA DA CONCEIÇÃO JERÔNIMO LIRA**

**CORDEL NA COMUNIDADE: FORMANDO LEITORES ENTRE O RISO,  
O SILÊNCIO E O ENCANTAMENTO**

---

Prof. Dr. José Helder Pinheiro Alves  
Orientador

---

Profa. Dra. Maria Marta dos Santos Silva Nóbrega  
Examinadora

---

Profa. Dra. Lílian Oliveira Rodrigues  
Examinadora

## DEDICATÓRIA

*In memoriam:*

- À minha avó Mariana (Ita), pedra de amor e fé na formação dos meus sonhos, pela força de sua alma e de seu olhar que sempre me acompanharão na “dura caminhada, pela noite escura”.
- Ao meu avô Chico, pelo amor e carinho, por toda doçura do seu olhar, por nunca ter me deixado dormir sem um beijo de boa noite.

À minha tia Vera, por ser para mim irmã, amiga e mãe. Ombro amigo com quem sempre posso contar.

Aos três amores de minha vida: o espiritismo, a literatura e Campina Grande; a eles dedico cada batida de meu coração.

## AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus, fonte eterna de luz e poesia.

Aos meus pais, pelo presente maior: a vida!

Aos meus tios: Zeca, Hamilton, Josinaldo, Socorro e Vera, pelas doces recordações em minha infância.

Ao professor Hélder Pinheiro, pela inteligência, competência e “mansidão”.

Aos professores da Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da UFCG, pela competência e seriedade.

Às professoras Marta Nóbrega e Lílian Rodrigues.

A todos os funcionários do LAEL, em especial, Ticiane, Zélia e Paulo.

Aos meus amigos Fábio Ronaldo, Edson, Sérgio, Dean, sempre solícitos em ajudar.

A Todos os poetas populares do Brasil afora e, em especial, Manoel Monteiro.

A todas as pessoas anônimas que participam de trabalhos comunitários.

Ao movimento espírita de Campina Grande, bem representado por Socorro Paz, Dona Edite e Eudinete.

À Maria José, diretora da escola que trabalho, pelo exemplo e a compreensão nos momentos que tive que me ausentar.

À Mirian, pela beleza e grandeza de sua alma.

A Linduarte, pela disponibilidade e sensibilidade teórica.

À minha vizinha Maria, pelos causos contados, horas de riso e lazer.

A todas as pessoas que doaram livros para a implementação da biblioteca do bairro das Cidades, em especial, à professora Florence do departamento de matemática da UFCG.

Ao poeta popular Manoel de Freitas e à presidente do Clube de Mães, Dona Geralda, que sempre se mostraram disponíveis, recebendo-me e me ajudando no desenvolver desta pesquisa.

A cada criança e jovem que compareceram às oficinas de leitura no Clube de Mães, pois sem eles não seria possível a realização deste trabalho.

[...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita, sob pena de mutilar a personalidade, porque, pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão de mundo, ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é negar nossa humanidade.

(Antonio Candido)

## RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo investigar a recepção da literatura de cordel, perpassada pelo viés do humor, entre crianças e jovens moradores do bairro das Cidades, Campina Grande, PB. Para tal experiência, lançamos mão de alguns pressupostos teóricos da estética da recepção, formulados por Jauss (1979) e Iser (1979), além das reflexões de Chartier (1999) sobre comunidade de leitores. Foram trabalhados os folhetos: *Viagem a São Saruê*, *O casamento da Raposa com o Timbu* e *A chegada de Lampião ao inferno*. De modo geral, a realização deste trabalho nos possibilitou observar a boa recepção da literatura de cordel entre leitores de classe social desfavorecida. Verificamos que o cordel continua encantando leitores, arrastando-os para a beleza e força de seus versos, principalmente, os de idade escolar. Constatamos que a literatura foi entendida como atividade de lazer e entretenimento por essa comunidade de leitores. Desse modo, conforme Candido (2004), ela é uma necessidade universal para todo homem, toda mulher e deve ser atendida como a forma de se evitar “a mutilação espiritual”. Este trabalho constata, entre outras coisas, que uma metodologia pautada no diálogo, permite uma melhor interação entre texto e leitor e que muitas vezes o educador/pesquisador apresenta dificuldades em lidar com métodos dialéticos, necessitando, pois, rever suas práticas. Nesse sentido, acreditamos que este trabalho contribuiu para o nosso crescimento profissional e pessoal.

**Palavras-chave:** Literatura de cordel. Humor. Estética da recepção. Comunidade de leitores.

## ABSTRACT

This research has the aim to investigate the cheap pamphlets reception, which pass through the humor bias, among children and young people who live in Cidades block, Campina Grande, PB. To such experience we used some theoretical design of aesthetic of reception, formulated by Jauss (1979) and Ives (1979), besides Chartier (1999) reflections about readers community. We were worked with these pamphlets: *Viagem a São Saruê*, *O casamento da Raposa com o Timbu*, and *A chegada de Lampião ao inferno*. In a general way, the achievement of this work made possible to us to look the good cheap pamphlets reception among readers of disfavored social class. We noticed that cheap pamphlets are still enchanting readers, dragging them to the beauty and strength of its lines, mainly the ones who are in their school ages. We ascertain that literature was understood as a leisure activity and entertainment by this readers community. So according to Candido (2004), it is a universal need for each man, each woman and must be considered as the way to avoid "the spiritual mutilation". This work certifies, among other things, that a methodology ruled by dialogue allows a better interaction between text and reader and that, many times, the educator/researcher shows difficulties in dealing with dialectical methods, needing thus to review his/her practices. In this sense, we believe this work contributed to our professional and personal improving.

**Keywords:** Cheap pamphlets. Humor. Aesthetic of reception. Readers community.

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO I.....</b>	<b>15</b>
<b>1. PERCURSO METODOLÓGICO.....</b>	<b>15</b>
1.1. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	15
1.2. CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL E SUJEITOS DA PESQUISA.....	16
1.3. <i>CORPUS</i> .....	20
1.4. CONTEXTUALIZAÇÃO DA COLETA E ANÁLISE DE DADOS.....	23
<b>CAPÍTULO II.....</b>	<b>33</b>
<b>2. LITERATURA DE CORDEL: VERSOS E CONTROVÉRSIAS.....</b>	<b>33</b>
2.1. BREVE OLHAR SOBRE CONCEITO, ORIGEM E TEMAS DA LITERATURA DE CORDEL NO BRASIL.....	33
2.2. CORDEL - NA CORDA BAMBA?.....	36
2.3. LITERATURA DE CORDEL – ONTEM, HOJE E SEMPRE – UMA MESMA LITERATURA?.....	39
<b>CAPÍTULO III.....</b>	<b>47</b>
<b>3. LITERATURA DE CORDEL: TALHANDO UMA POSSIBILIDADE DE LEITURA.....</b>	<b>47</b>
3.1. PERCORRENDO OS CAMINHOS DE SÃO SARUÊ.....	49

3. 1. 1. Sobre a temática, personagem e linguagem presentes no poema.....	53
3. 1. 2. Sobre o tempo e o espaço.....	58
3. 2. O CASAMENTO DA RAPOSA COM O TIMBU.....	60
3. 2. 1. Quanto ao tema e aos personagens.....	61
3. 2. 2. Quanto ao tempo e ao espaço.....	67
3. 3. A CHEGADA DE LAMPIÃO NO INFERNO.....	67
3. 3. 1. Quanto ao tema.....	68
3. 3. 2. Caracterização dos personagens.....	72
3. 3. 3. Aspectos da linguagem.....	76
3. 3. 4. Sobre o tempo e o espaço.....	76
<b>CAPÍTULO IV.....</b>	<b>78</b>
<b>4. COMUNIDADE DE LEITORES DO CLUBE DE MÃES SAGRADA</b>	
<b>FAMÍLIA: PROPOSTAS E DESAFIOS.....</b>	<b>78</b>
4. 1. BREVE COMENTÁRIO SOBRE A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO.....	78
4. 2. VIAGEM A SÃO SARUÊ: UMA EXPERIÊNCIA MEDIADA PELO RISO.	81
4. 3. O CASAMENTO DA RAPOSA COM O TIMBU.....	102
4. 4. A CHEGADA DE LAMPIÃO AO INFERNO: DE VOLTA AO RISO.....	120
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>132</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>136</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>138</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O anseio em pesquisar a literatura de cordel data do último ano de graduação do Curso de Letras (2002), quando nos matriculamos no curso de extensão em "Literatura Popular", ministrado pela professora Geralda Medeiros na UEPB. Esse desejo foi ampliado quando, em 2003, travamos contato com a obra *O cordel na sala de aula*, que nos apontou vários caminhos metodológicos de como utilizar o folheto nas aulas de literatura.

Por outro lado, ao visitar a nossa memória, percebemos que esse contato com a literatura popular deu-se durante toda a vida: os "causos de assombração", as histórias de Pedro Malazarte e Cancão de Fogo, contados em reuniões de família. Não imaginávamos que as narrativas que povoavam a nossa infância se tratavam de literatura. O mais importante é que essas experiências foram muito significativas, nos projetando de alguma forma para o futuro. E foi dessa prática familiar, que despertamos o interesse pela literatura popular, o que resultou em um trabalho monográfico do curso de especialização: *O cordel na sala de aula: um convite ao prazer*<sup>1</sup>.

Em sala de aula, observamos que não apenas o livro didático, mas toda a escola silencia a voz da literatura popular, calando, assim, o saber que alguns alunos trazem consigo, quer sejam de escolas privadas, quer sejam de escolas públicas. Prova disso é que em 2003, quando realizamos uma experiência de leitura com o cordel na escola pública Severino Cabral, com alunos da 1ª série do ensino médio, percebemos o quanto eles não atribuíam valor cultural ao cordel. Isto devido a preconceitos, distanciamento e até desconhecimento dessa produção literária.

---

<sup>1</sup> Monografia de nossa autoria apresentada ao Departamento de Letras da UFCG, em cumprimento às exigências do curso de especialização em Linguagem e Ensino no ano de 2004.

Assim, esta experiência se mostrou importante, tanto para eles, quanto para nós, na medida em que pudemos perceber o interesse e o envolvimento da turma pela leitura dos folhetos.

O encantamento atravessou os muros da escola e muitos alunos relataram que leram o folheto em casa para seus familiares: pais, filhos (as), esposo (as). Apesar disto, verificamos que o cordel não era entendido como manifestação literária.

Em virtude da nossa experiência com o cordel na sala e do contato com trabalhos comunitários e religiosos, surgiu o anseio de trabalharmos com o texto literário fora do ambiente escolar. Quando iniciamos a pesquisa em 2006, ensinávamos na escola Raul Córdula, situada na localidade do Presidente Médice, onde atendíamos a muitos alunos oriundos do bairro das Cidades, comunidade bastante carente do município de Campina Grande. Por este motivo, resolvemos realizar a experiência de leitura, nesta localidade, pois era um meio de sabermos um pouco mais sobre a realidade dos nossos alunos.

Nessa perspectiva, visamos promover a literatura de cordéis, que fossem perpassados pelo viés do humor, para jovens em bairro periférico de Campina Grande, com o intuito de observar o efeito do folheto e a recepção por parte dos leitores a esse gênero literário.

Estruturamos esse nosso trabalho em quatro capítulos. No primeiro, descrevemos o percurso metodológico, no qual apresentamos o local, os sujeitos envolvidos na pesquisa e a nossa metodologia de trabalho.

No capítulo seguinte, intitulado *Literatura de cordel: versos e controvérsia*, abordamos, de modo sucinto, conceito, origem e temas da literatura de cordel no Brasil, além de refletir sobre concepções distorcidas que sempre foram e que ainda

são difundidas sobre o cordel e a cultura popular. Promovemos, ainda, o contraponto entre os primeiros e os novos leitores, desse gênero.

Já no terceiro, apresentamos, a partir de alguns enfoques da estrutura da narrativa, a análise de três folhetos: *Viagem a São Saruê*, de Manuel Camilo dos Santos, *O casamento da Raposa com o Timbu*, de Arievaldo Viana, *A chegada de Lampião no Inferno*, de José Pacheco. Nesse sentido, atentamos, também, para os recursos estilísticos utilizados pelos poetas populares, conferindo qualidade estética às obras em questão.

No quarto e último capítulo, descrevemos o relato de experiência com o cordel, fundamentados pelos pressupostos teóricos da estética da recepção. Nele, apresentamos a vivência de leitura com os três cordéis, realizada no Bairro das Cidades, com jovens leitores daquela localidade.

Em suma, em nossa experiência, buscamos atentar para as diferentes atitudes observadas nos sujeitos envolvidos na pesquisa, diante do poema lido; atitudes essas que reflitam a recepção individual ou coletiva dos leitores. Sem perder de vista o momento singular que é o contato com a obra literária, sobretudo o poema, principalmente quando ele reflete a força e o magnetismo da cultura local e, ao mesmo tempo, universal como é o caso da literatura de cordel.

## CAPÍTULO I

### 1. PERCURSO METODOLÓGICO

#### 1. 1. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

As investigações científicas de natureza qualitativa em educação no Brasil, como em diversas localidades do mundo, têm crescido. Isto porque essa abordagem não faz uso, apenas, da objetividade numérica tão peculiar para as ciências positivistas que se difundiram por longas décadas nos centros acadêmicos. Para Bogdan & Biklen (1999, p.19), os estudos em pesquisa qualitativa possuem longa tradição, sua origem remete ao século XIX. Entretanto, só em meados do século XX, verificamos a oferta de bolsas, destinadas a esse tipo de investigação, nas instituições de pesquisa em programas federais.

Apesar de ter sofrido certa marginalização no meio acadêmico, a pesquisa qualitativa denota, entre as características que podemos evidenciar, um cuidado com os sujeitos-colaboradores do processo, além de ter a sua atenção direcionada mais para o desenvolvimento do que para o resultado final da investigação. Por esta mesma razão (idem, ibidem, p.48) "Os investigadores qualitativos freqüentam o local de estudo porque se preocupam com o contexto (...) e para eles divorciar o *acto*, a palavra ou o contexto é perder de vista o significado." Neste sentido, aplicar investigações em educação sob essa roupagem, é possibilitar ao pesquisador um trabalho mais dinâmico e afetivo.

Com o intuito de melhor desempenharmos a pesquisa, que ora empreendemos, fizemos uso da investigação de natureza qualitativa, cujas inspirações foram de base

etnográfica e de pesquisa-ação. Para o pesquisador que almeje desenvolver um trabalho com a cultura popular, faz-se necessário que ele possa, além de se aproximar dela, manter uma relação dialógica e uma pedagogia de respeito e partilha com as pessoas que emanam dessa cultura e a produzem. Diante do nosso objeto de estudo, a literatura de cordel, acreditamos ser necessária essa postura de maior envolvimento do pesquisador, pois, como afirma Ayala (2003, p.92), "A cultura popular é um fazer dentro da vida".

É por esse motivo que se torna imprescindível nos inspirarmos no método etnográfico, na presente pesquisa. Para André (1995, p.35), a etnografia valoriza os sujeitos colaboradores, partindo de sua história pessoal e coletiva, isto atrelado aos aspectos culturais (concepções, valores, significados dos envolvidos). A partir desse olhar o pesquisador deve evitar descrevê-los e encaixá-los nas suas próprias concepções e valores de mundo.

Lançaremos mão, também, do método inspirado em pesquisa-ação, pois, conforme Barbier (2004, p.14), "a pesquisa-ação obriga o pesquisador de [sic] implicar-se. Ele percebe como está *implicado* pela estrutura social na qual está inserido. Ele também *implica* os outros por meio de seu olhar e de sua ação singular no mundo". Nesta relação dialética consigo mesmo, com o outro e o mundo, ele pode agir de modo a promover ações significativas no microcontexto em que estiver atuando.

## 1. 2. CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS E LOCAL DA PESQUISA

A presente pesquisa foi realizada no Clube de Mães Sagrada Família, situado no Bairro das Cidades, do município de Campina Grande, onde foram ministradas

oficinas com leitura de literatura de cordel. O público alvo foi constituído de crianças, adolescentes e jovens, compreendendo a faixa etária entre 09 e 22 anos.

O Bairro das Cidades possui, hoje, cerca de 10.000 moradores e foi fundado há 20 anos, em 20 de Novembro de 1987. Antes de sua fundação, recebia todo lixo que era recolhido da cidade de Campina Grande, sediando o antigo lixão do município. Em sua estrutura educacional oferece aos habitantes, uma creche, duas escolas municipais e uma escolinha particular. Há ainda duas Ongs atuando no bairro, *A menina Feliz* e a *Proamev*. A primeira atua diretamente com meninas compreendendo a faixa etária de 13 a 18 anos. Já a segunda, tem o seu trabalho voltado para um público misto, embora haja uma freqüência maior do público masculino. Quanto aos aspectos religiosos, na comunidade, encontra-se uma igreja católica, três evangélicas e dois terreiros de umbanda.

O Clube de mães, local onde funcionaram as oficinas de leitura, da presente pesquisa, foi fundado no ano de 1996. Desde sua inauguração o prédio apresenta a seguinte estrutura física: um salão único, uma cantina, que funciona como cozinha, uma secretaria e dois banheiros, além de espaço para um jardim. Nesta instituição comunitária, são desenvolvidas atividades de cunho profissionalizante, cultural e filantrópico, são elas: curso de pintura, vagonite e de preparação de material para limpeza (desinfetante, detergente e cloro), que são vendidos pelas sócias, na tentativa de aumentar orçamento familiar; liberação do espaço, como sede para realização de ensaios de um grupo local, o *Dance Music*; além da distribuição de porções de sopa toda sexta-feira para os moradores, alimentando cerca de 50 famílias.



Fig. 1 - Clube de Mães do Bairro das Cidades – Visão interna



Fig. 2 - Clube de Mães do Bairro das Cidades – Visão interna

A atividade mais recente do clube de mães é “a sala de leitura”. Semanalmente, são atendidas, aproximadamente, 40 crianças que se dividem em dois turnos (tarde e manhã). Essa atividade surgiu, conforme informações da atual presidente, a partir de reivindicações de algumas mães que, diante das dificuldades dos filhos com a leitura na escola, recorreram à instituição comunitária, a fim de que, lá, pudesse ser desenvolvido um trabalho paralelo com a escola. Geralmente, as mães trabalham em horário integral, não dispendo de tempo, nem mesmo de escolarização adequada para atender às dúvidas dos filhos.

Para a presidente, além do reforço escolar, o espaço para leitura tem uma função social muito importante, pois evita que as crianças estejam na rua, coibindo assim, o possível envolvimento delas com as drogas, visto que o tráfico de drogas é um dos problemas graves enfrentado pelos moradores do Bairro das Cidades.

As atividades de leitura são desenvolvidas por três jovens moradores e sócios do clube de mães. Embora essa atividade envolva um número considerável de crianças, os trabalhos acabam sendo desenvolvidos de modo precário, isto porque contam com apenas oito livros infantis, três gibis, três livros didáticos, e dois jornais Mundo Jovem para atender cerca de 40 crianças.



Fig. 3 - Clube de Mães do Bairro das Cidades – Livros utilizados pelas crianças



### 1. 3. *CORPUS*

Escolhemos para aplicação das oficinas de leitura três cordéis que foram lidos para e pelo grupo. Dos folhetos escolhidos, dois apresentam o formato em oito páginas e um em 16 páginas. Os folhetos foram entregues, semanalmente, aos participantes. No final da experiência, eles receberam, em forma de kit, os cordéis trabalhados em uma pasta.

Antes do início das oficinas, o projeto foi divulgado entre os associados do clube de mães e interessados. Os participantes preencheram ficha de inscrição que possibilitaram o ingresso deles no projeto. As oficinas de leitura foram pautadas no diálogo entre pesquisador e participantes, com intuito de investigar as experiências que eles trazem sobre a literatura popular, especificamente sobre o cordel; desejávamos saber se possuíam pai, avô, amigos leitores e /ou produtores de folhetos. O objetivo deste levantamento foi o de convidar moradores do bairro que fossem poetas populares ou que possuísem uma experiência significativa com a literatura popular e desejassem expor seus trabalhos no encerramento de nossas atividades.

O primeiro cordel trabalhado foi *Viagem a São Saruê*, de Manuel Camilo dos Santos. Neste momento, priorizamos a leitura seguida de debate. Esta obra focaliza uma viagem fantástica. Além desse, outros temas nortearam as discussões sobre a obra, como a utopia e a crítica social. Lemos, também, *Cáboca do Ciará* e *Carta matuta*, do poeta Zé da Luz.

No segundo encontro, trabalhamos o cordel *O casamento da raposa com o timbu*, de Arievaldo Viana Lima. A atividade inicial foi uma leitura realizada pelo pesquisador, seguida de debate. Ao final do encontro, lançamos a proposta de trabalhar na semana subsequente o cordel atrelado ao jogo dramático<sup>2</sup>. Porém, a proposta não foi aceita, devido a pouca receptividade dos participantes em relação ao cordel. O que nos levou a acrescentar mais dois encontros em nossas atividades.

No terceiro momento, realizamos a leitura do cordel *A chegada de Lampião no inferno* de José Pacheco. A leitura foi seguida de debate em torno do cangaço e da figura de Lampião.

Na quarta etapa, trabalhamos *O gostosão*, de Maria de Godelivie e o poema *Ah! Que saudades que eu tenho do sertão de antigamente*, de Manoel Monteiro. O poema *o futebol no inferno*, de José Soares, foi o folheto trabalhado no quinto encontro.

No sexto momento, promovemos uma apresentação de artistas ligados à cultura popular: cantores, poetas, contadores de história, do bairro, além da apresentação do poema dramatizado *O gostosão*.

Os três cordéis, cujos títulos seguem em negrito no quadro abaixo, abordam temas variados: viagens imaginárias, cangaço, casamento, política. Contudo, todos

---

2 Segundo (SLADE, 1978), O jogo dramático pode ser classificado de dois modos. No primeiro momento, a mente se sobressai em relação ao corpo, a criança se utiliza de objetos que podem ser criados ou animados por ela, temos, portanto o jogo projetado. Na segunda etapa a mente trabalha na mesma proporção que o corpo, a pessoa converte-se no ser ou objeto representado, incorporando um papel. segundo (SLADE, 1978).

estão pautados no humor, elemento muitas vezes decisivos para cultivar a atenção dos leitores.

<b>QUADRO DE ATIVIDADES</b>		
<b>Cordel</b>	<b>Atividades</b>	<b>Datas</b>
<b>Viagem a São Saruê - Manuel C. dos Santos</b> Cabôca do ciará e carta matuta – Zé da Luz	Leitura e Debate	13/05/2007
<b>O casamento da Raposa com o Timbu</b>	Leitura e Debate	20/05/2007
<b>A chegada de Lampião no inferno – Zé Pacheco</b>	Leitura e debate	27/05/2007
<b>O gostosão Maria Godilvie</b> Ah! Que saudades do sertão de antigamente- M. Monteiro	Leitura, debate e Jogo dramático	07/07/2007
<b>O futebol no inferno – José Soares</b>	Leitura, debate e audição de CD	14/07/2007

Os moradores do Bairro das cidades preencheram, no total, 25 fichas de inscrição para as atividades de leitura com o cordel. Desses moradores, contamos com a presença assídua de 12 participantes. Nas fichas, continha um questionário cujas informações nos possibilitaram os seguintes dados:

Sujeitos		Sexo		Idade		Grau de escolaridade			Renda familiar			Experiência de leitura com cordel	
Colaboradores diretos	Colaboradores indireto	M	F	Crianças (05)	Jovens (07)	1º fase do fund. (3º 4º séries)	2º fase do fund.(5º, 6º,7º séries)	Ensino Médio	Inferior um salário mínimo	Salário Mínimo	Superior ao Mínimo	Possuem	Não possuem
12	02	07	05	9/11 anos	15/22 anos	02	04	06	03	06	03	07	05

Como pudemos perceber, contamos com a presença de 05 crianças, na faixa etária de 09 a 11 anos e de 07 jovens na faixa etária de 15 a 22 anos. Com relação ao grau de escolaridade, 02 participantes estavam cursando 3º e 4º séries do ensino fundamental, 04 distribuíam-se na 1º fase do fundamental da 5ª à 7ª séries, enquanto os seis demais estavam no ensino médio. No que diz respeito à renda familiar, há uma oscilação entre um e dois salários mínimos. E, o que consideramos de fundamental importância, mais de 50% dos colaboradores afirmaram já ter tido contato com o gênero cordel, enquanto 40% não conheciam essa literatura.

#### 1. 4. CONTEXTUALIZAÇÃO DA COLETA E ANÁLISE DE DADOS

A principal atividade das oficinas foi a leitura dos cordéis em voz alta para e pelos alunos, porque acreditamos ser essa prática de fundamental importância para revelar o ritmo do poema lido e, quando bem realizada, acaba sendo fator preponderante para a apreciação e compreensão da poesia. Sobre a metodologia de trabalho a ser utilizada com o cordel, Pinheiro e Lúcio (2001, p.80 -81) orientam:

Compreendemos que qualquer sugestão metodológica no campo do trabalho com a literatura de cordel pressupõe este envolvimento com a cultura popular. Estudos recentes sobre metodologia de ensino têm rompido com uma visão tecnicista da didática. (...) o trabalho com o cordel terá que favorecer o diálogo com a cultura da qual ele emana e, ao mesmo tempo, uma experiência dialogal entre professores, alunos e demais participantes (...)

Por essa razão, buscamos desenvolver uma boa relação com os participantes e as demais pessoas da comunidade, colaboradores da pesquisa priorizando a interação e o diálogo. Desse modo, ouvimos dos participantes: as vivências, as sugestões e os anseios em relação à experiência. Esse contato foi passo fundamental para partirmos para as obras e, a partir delas, estimular os participantes a perceberem como a literatura está diretamente relacionada à realidade na qual estamos inseridos.

A nossa atuação no Bairro das Cidades começou desde Março de 2006, período no qual, além de visitarmos o Bairro, buscamos saber onde se localizavam as principais instituições da comunidade como igrejas, escolas, clube de mães, ongs, etc. Mas só a partir de Abril de 2007 pudemos retomar as atividades de campo.

Neste período, contamos com a colaboração do artista Manuel de Freitas, que, além de contador de histórias, é poeta, compositor, cantor, tendo publicado um livro de máximas, *A lógica das palavras*, e lançado um CD *Viagem Nua*. "Manu", como é

popular e carinhosamente conhecido, não freqüentou a escola e afirma que tudo que aprendeu foi por conta própria; por essa razão, pode ser considerado um autodidata. Além das atividades mencionas, ele ministra palestras sobre assuntos diversos em núcleos Espíritas e em eventos, como O encontro Para Nova Consciência, além de dar aulas de violão e trabalhar como vendedor.

Um fato importante da relação com este colaborador é que iniciamos o contato com ele, ainda no período da graduação, quando desenvolvemos um projeto sobre a *arte de contar histórias* e realizamos algumas entrevistas com o poeta. Participamos do lançamento de seu livro, e podemos dizer que, daquele período para cá, desenvolvemos com Manu uma relação de amizade.

Uma outra colaboradora de fundamental contribuição para nosso trabalho foi a presidente do clube de mães, Dona Severina<sup>3</sup>, que conhecemos através de Manu. Ela nos concedeu algumas entrevistas acerca de fatores históricos e sociais do bairro, além de nos fazer conhecer um pouco do perfil dos moradores do Bairro das cidades.

A líder comunitária nos advertiu quanto à dificuldade de desenvolver atividades comunitárias na localidade, pois, segundo ela, havia uma falta de interesse dos moradores; afirmou, ainda, que isso tem tornado seu trabalho um desafio. Contudo, além de cultivar o bom ânimo e a esperança, Dona Severina é responsável por algumas melhorias na comunidade, como a chegada da escola municipal; fazendo jus, de fato, a designação de líder comunitária, como pudemos observar em algumas reuniões de que participamos no clube de mães.

Pudemos constatar, das várias vezes que caminhamos com aquela líder comunitária pelo bairro, como ela é querida pelas pessoas daquela localidade.

---

<sup>3</sup> Informamos que todos os nomes dos colaboradores diretos desta pesquisa são fictícios para que possamos preservar a imagem dos mesmos.

Observamos o seu interesse em convidar os moradores para participar dos encontros de leitura.

Dona Severina fez questão de nos acompanhar em quase todas as experiências, uma forma de incentivar os jovens, além de ter demonstrado muito interesse pela literatura de cordel. Ela foi moradora da zona rural na cidade de Boqueirão, onde era comum, em sua infância, a presença do folheto. Relembrou com saudade os momentos em que se reunia com parentes e amigos para ler cordéis. Um outro motivo que a levou a nos acompanhar foi o receio que tinha de que alguns moradores “desocupados” interrompessem a experiência, principalmente, através de ações de vandalismo, como lançar pedras no telhado.

Devemos dizer que não tivemos nenhum problema de comportamento com aqueles jovens, todos se mostraram interessados em participar da experiência. Mas o fato de estarmos no clube de mães, e não numa sala de aula, implicou motivações diferentes daquelas que, de um modo geral, movem os alunos a comparecer à escola; como receber uma nota, ou atender às exigências da família. Percebíamos que a motivação para que participassem da experiência, era o interesse pelo texto e pela conversa, após as atividades.

Nesse sentido, não tínhamos o estigma de professora, mas de alguém que, ao demonstrar interesse pelo bairro, acabava sendo bem recebida por aquele grupo específico de moradores. Eles nos deixavam na parada de ônibus e sempre contavam histórias que envolviam as festas do clube de mães, da SAB, da igreja católica, da escola, compartilhavam, também, seus projetos de vida, inclusive problemas de ordem familiar.

Segundo Ayala (2003, p.94) “para apreender a riqueza da literatura popular ou de qualquer outra manifestação da cultura popular é preciso estudar com os olhos e

ouvidos atentos". Para que possamos melhor desenvolver capacidade de ver e ouvir, sabendo usar de empatia para com outro, partiremos não apenas do lugar socialmente estabelecido pelas convenções humanas, (pesquisador *versus* sujeitos pesquisados), mas atentaremos, também, para o fato de sermos pessoas complexas, dotadas de liberdade, criatividade, imaginação e atitude, atuando, assim, de modo singular no mundo.

Ao refletir sobre essa nova postura que o pesquisador deve assumir na pesquisa-ação, René Barbier apresenta o conceito de *escuta sensível* que, segundo o autor:

Trata-se de um "escutar/ver" que pende para o lado da atitude meditativa no sentido oriental do termo. A escuta sensível apóia-se na empatia. O pesquisador deve saber o universo afetivo, imaginário cognitivo do outro para compreender do interior as atitudes e os comportamentos, o sistema de idéias, de valores, de símbolos e de mitos. (BARBIER, 2004, p.94)

O início das oficinas estava previsto para 15 de Abril de 2007 e término previsto para 20 de Maio. Contudo, devido a vários imprevistos, como encontros de catequese, torneios, atuação do trabalho de pastoral da igreja católica, no bairro, as experiências foram adiadas. Iniciamos as atividades só a partir do dia 13 de maio. O término das experiências, com os três cordéis escolhidos para análise, deu-se no dia 27 de Maio.

Durante o mês de Junho, devido às festividades de nossa cidade<sup>4</sup>, não pudemos dar continuidade às atividades. Retornamos no mês de julho, nos dias 07 e 14. Findamos, nesta última data, as oficinas de leitura. O cordel *O gostosão* foi bem recebido pelos participantes que, instigados pelo tema adultério, abordado no poema, escolheram-no para o jogo dramático.

---

<sup>4</sup> A cidade de campina Grande, no mês de Junho sedia o evento que ficou conhecido nacionalmente como o maior *São João do mundo*. Essa festa atrai turistas do Brasil inteiro, sendo considerada o principal evento no calendário de turismo do município.

Começamos a fazer novas leituras e ensaio do folheto, durante o mês de Julho e marcamos a apresentação do grupo para a primeira semana do mês de Agosto. Devido à programação do clube de mães, assim como a festa do dia dos pais e outros eventos, não foi possível a realização da atividade na data marcada. Além da dramatização de *O gostosão*, o evento contou com a participação de artistas do bairro. Desse modo, o encerramento das atividades ocorreu no dia 25/08/2007.

Houve o registro dos encontros com intuito de que todo material coletado (questionário, fotografia e filmagem, além de diário de campo) nos auxiliasse na análise dos dados que é descritiva e interpretativa. Também nos comprometemos de entregar um dvd da experiência para o clube de mães, além de marcar uma data para, juntos, assistirmos às gravações. De acordo com a orientação de Barbier (2004, p. 1006).

A pesquisa-ação visa mudança de atitude, de prática de situações, de produtos, de discurso... em função de um projeto que exprime sempre um sistema de valores, uma filosofia de vida, individual e coletiva, suposta melhor do que a que preside à ordem estabelecida.

Como já mencionamos, aplicamos, ainda, dois questionários após a experiência de leitura, como forma de melhor refletir sobre a experiência e sobre os aspectos sócio-histórico-culturais dos sujeitos envolvidos na pesquisa. A primeira pergunta foi: Possui o hábito de leitura? Quais os gêneros que costuma ler? 90% dos colaboradores afirmaram possuir o hábito de leitura. Apenas uma participante afirmou não ter tal hábito, constituindo, assim, 10% dos entrevistados. Interrogados sobre os gêneros literários que costumavam ler, 40% afirmaram preferir gibis; 20% romances; outros 20% afirmam ler uma diversidade de gêneros; o texto jornalístico apareceu em 10% das respostas; ao lado de 10% que não responderam a essa pergunta.

Sobre os temas preferidos, abordados nas obras literárias, mais da metade das respostas apontou relações familiares como sendo um assunto muito importante a ser

discutido, foi citado, inclusive, o fato de membros, de algumas famílias, brigarem entre si.

Interrogados se “Quando criança alguém da família costumava ler para eles? E Quais os gêneros?” A maioria dos colaboradores afirmou que sim; os gêneros mais citados foram contos infantis, gibis e textos bíblicos. Apenas 20% afirmaram não ter tido essa experiência na infância. Questionados se alguém da família possuía o hábito de ler, todos afirmaram positivamente, os textos citados foram a bíblia, revistas de artesanato, jornais, gibis.

Quase todos os participantes da experiência afirmaram gostar das aulas de literatura ou aulas que envolvam leitura literária. Citaram romances, poemas e contos como os gêneros preferidos. Apenas um participante afirmou não gostar das aulas, alegando que a professora de literatura é “chata” e não sabe dar aulas. Sobre o procedimento dos professores com relação à leitura literária, quase todos afirmaram que os professores tanto liam, como solicitavam leitura extra-sala. Apenas um colaborador - o mesmo que disse não gostar da professora e de sua metodologia - afirmou que ela não lia em classe e não solicitava leitura extra-sala.

Outro ponto relevante, explorado no questionário, diz respeito à orientação religiosa dos colaboradores, dos quais, 91,3% são católicos, havendo apenas uma participante protestante. Questionados se desenvolvem alguma atividade em seu núcleo religioso, mais da metade afirmou participar da catequese. A participante de orientação protestante disse também realizar um trabalho com crianças e adolescentes em sua igreja. Indagados sobre o tipo de leitura realizada no ambiente religioso, todos afirmaram ler a bíblia.

Interpelados acerca da atuação no clube de mães ou na associação de moradores, a maioria respondeu que não era associado às referidas instituições.

Apenas dois participantes afirmaram ser associados ao Clube de Mães e participar das atividades lá desenvolvidas como cursos de artesanato e dança.

Sobre as ONGs *PROAMEV e Menina Feliz*, que atuam no Bairro das Cidades, apenas dois colaboradores informaram participar dessas instituições. Eles afirmaram que nestes espaços era comum a leitura de textos variados e que sempre estavam relacionados com os temas a serem debatidos.

Ao serem perguntados sobre o folheto de que mais tinham gostado na experiência de leitura que realizamos no Clube de Mães, a maioria dos participantes afirmou ter gostado de *Viagem a São Saruê. A chegada de Lampião ao Inferno* foi citado por dois participantes. E apenas uma pessoa afirmou ter gostado mais do folheto *O Gostosão*. Todos os envolvidos na experiência declararam ter gostado de todos os folhetos trabalhados. Indagados acerca do trabalho de leitura de cordéis, realizado pela pesquisadora, os colaboradores responderem que gostaram muito da experiência. Um participante, inclusive, afirmou: "na verdade eu achei proveitoso porque não temos uma aula de literatura tão proveitosa, não temos grupos que valorizasse o incentivo à leitura".

No segundo questionário aplicado, quando interpelados sobre qual o lazer preferido por eles, as respostas foram bastante variadas: alguns elegeram a piscina como o lazer preferido, outros, o passeio com os amigos, shoppings Centers, Ir à igreja, game, cinema, cantar e ler. Esta última atividade foi selecionada, apenas por uma participante, como atividade de lazer.

No que diz respeito à quantidade de livros lidos em 2007, 02 participante afirmaram ter lido vários livros. A média foi de 02 até 03 livros lidos por ano. Uma colaboradora afirmou ter lido 05 cordéis, fazendo referência, talvez aos folhetos da experiência. Os títulos foram variados, havendo ocorrência maior dos contos infantis: O

*patinho feio, Branca de Neves, Pinóquio, Peter Pan, O Ganso de Ouro, A bela e a fera, Tom Sawyer, O Gostosão, A chegada de lampião ao inferno, O Código da Vinci, Capitães de Areia, Romeu e Julieta, O Gay que queria ser homem, O bom crioulo e Terra de santa Cruz.* Estes dois últimos livros foram, a propósito, indicados para o vestibular de 2008 da UEPB.

Dos 12 participantes envolvidos com a pesquisa, 50% afirmaram ter lido algum livro em 2008, enquanto os outros 50% não havia lido; alguns informaram ter relido obras do ano anterior, como: *Peter Pan, O ganso de ouro, A bela e a fera, O gostosão e A chegada de Lampião ao inferno.* Outros mencionaram novos títulos, como: *Zé carioca, A princesa, A pequena sereia e O significado dos sonhos.* Perguntamos se, naquele momento, eles estavam lendo algum livro; 10 colaboradores responderam que não; apenas dois afirmaram estar lendo e citaram os títulos: *Como encontrar a paz interior e a Bíblia.*

Perguntamos, ainda, se eles só liam quando a escola, através do professor, solicitava a leitura: 90% responderam que não, enquanto os 10% restante disse ler apenas em cumprimento às atividades escolares. Inquiridos se, depois da experiência de leitura, eles leram por conta própria algum cordel, 06 participantes afirmaram que não, os demais colaboradores afirmaram ter lido. Desses, 02 disseram que não lembrava o nome dos folhetos; 03 afirmaram ter lido *O PROCON, Como anda a Paraíba e Confissão de Caboclo*; 01 participante afirmou ter lido folhetos escritos por um amigo, mas não mencionou os títulos dos cordéis.

Interpelados se já haviam ganhado algum livro de presente, 06 sujeitos afirmaram que sim, os demais disseram que nunca haviam ganhado; um dos jovens mencionou, inclusive, que, apesar de ter o desejo de ganhar, nunca o havia realizado. Perguntamos, também se eles costumavam comprar livros, revistas, jornais, gibis; 50%

afirmaram comprar ou pedir para alguém da família o fizesse; os gêneros mencionados foram contos infantis e revistas de signos. Os outros 50% afirmaram que não compravam, nem pediam para ninguém de casa comprar.

Com base nos questionários aplicados aos colaboradores da pesquisa, pudemos observar o grau de envolvimento deles com a literatura, bem como a contribuição do gênero Cordel no estímulo da leitura, além de ter uma idéia de como a literatura se apresenta no cotidiano desses participantes.

## CAPÍTULO II

### 2. LITERATURA DE CORDEL: VERSOS E CONTROVÉRSIAS

#### 2. 1. BREVE OLHAR SOBRE O CONCEITO, TEMAS E ORIGEM DA LITERATURA DE CORDEL NO BRASIL

O folheto brasileiro é relativamente jovem. Os primeiros registros de que temos notícias desse gênero impresso, data do final do século XIX. Para muitos pesquisadores o primeiro cordelista a publicar os seus versos no país foi Leandro Gomes de Barros, contudo não se pode precisar, ao certo, se ele foi o primeiro a dar corpo a essa poesia, cujas regras de composição já houvera se firmado através dos repentes e cantorias entoadas pelo sertão nordestino e pelo Brasil afora. Sobre a impressão dos primeiro folhetos e o comportamento dos poetas iniciadores desta arte, Abreu (1999, p. 91-92) informa que:

Não se sabe quem foi o primeiro autor a imprimir seus poemas, mas Leandro Gomes de Barros foi o responsável pelo início da publicação sistemática. Em folheto editado em 1907, ele afirmava escrever poemas desde 1889. [...] os primeiros poetas costumavam anotar suas composições em tiras de papel ou em cadernos, sem intenção de editá-los. Muitos evitavam a publicação, acreditando ser melhor conservá-los exclusivamente para apresentações orais.

Observa-se que a resistência de alguns poetas, neste período, em não materializar, através da palavra escrita, seus versos, é bastante significativa, uma vez que acaba por revelar a tentativa de preservar a poesia, evitando plágios, possibilitando ineditismo da obra; sem contarmos que a maioria dos cordelistas, quase sempre, eram homens oriundos de classes populares, apresentando pouca familiaridade com a escrita. "João Faustino, poeta e vendedor de folhetos, fazia

poemas, mas jamais os publicou, afirmando: 'Eu faço romance em verso, mas não solto se não perde a graça'" (ABREU, 1999, p.92).

Do início de sua publicação até os dias atuais, o cordel passou por algumas transformações, no tocante à forma de venda, público consumidor, divulgação, etc., acompanhando as transformações socioculturais de seu tempo. E, embora definir e classificar sejam atividades difíceis de realizar, principalmente, quando nos referimos à poesia, pelo caráter flexível que este assume, tentamos, aqui, apresentar algumas definições e classificações propostas por diferentes autores para a literatura de cordel.

Ao refletir sobre a popularização do termo cordel, no Brasil, Pinheiro e Lúcio (2001, p.13) afirmam que "a expressão Literatura de Cordel foi inicialmente empregada pelos estudiosos de nossa cultura para designar os folhetos vendidos nas feiras"; desse modo, constatamos que o "batismo" do termo cordel foi dado pelos pesquisadores e não pelo povo, numa tentativa de comparar essa manifestação literária "com o que acontecia em terras portuguesas" (p.13).

Em pesquisa recente, realizada com leitores das décadas de 30 a 50 do século passado, do estado de Pernambuco, pode-se perceber que ainda é comum, entre os leitores, sobretudo os mais antigos, a utilização de outros nomes, como informa Galvão, (2001, p.26):

folheto, 'livrinho de feira', 'livro de histórias matutas', 'romance', 'folhinha', 'livrinho', 'livrinhozinho' ou 'livrinho veio', 'livrinho de poesia matuta', 'poesia matuta', histórias de João Grilo', 'leitura e leitura de cordel', histórias de João Martins de Athayde ou simplesmente livrinho.

Embora o termo cordel apareça nas denominações acima, ainda segundo Galvão (2001, p 27), os entrevistados afirmavam ter notícia deste termo sem, contudo, ser usual entre eles. Hoje, como ressalta Pinheiro e Lúcio (2001, p.14) "os próprios poetas se reconhecem como cordelistas". A expressão também ganha popularidade

entre os novos leitores do cordel. Para Galvão (2001, p. 27), a literatura de cordel pode ser compreendida como:

[...] uma forma de poesia impressa, produzida e consumida, predominantemente, em alguns Estados da região Nordeste. Embora caracterizado pela forte presença da oralidade em seu texto e forma o cordel é necessariamente impresso distinguindo-se de outras formas de poesia oral, como as pelejas e os desafios, "cantados" pelos cantadores ou repentistas.

Já para o poeta e pesquisador Sobrinho (2003, p.109), o termo "folheto", comumente utilizado pelos antigos leitores, é uma expressão genérica para referir-se aos poemas que se inserem na literatura de cordel. Para ele, na classificação desse gênero, quanto ao número de páginas, o folheto compreende entre 8, 12 ou 16 páginas. Os romances ou histórias compreendem produções de 24, 32, 48, ou 64 páginas.

Atualmente, podemos encontrar folhetos com o número inferior a 8 páginas, demonstrando, assim, uma flexibilidade em relação ao número comumente utilizado, que acabava por determinar a classificação do cordel, além de revelar o barateamento do folheto para o poeta.

Quanto aos temas abordados na literatura de cordel, há uma grande variedade, conforme Galvão (2001, p.35):

Religião e misticismo (com a forte presença de Cristo, dos Santos, do beato-Padre Cicero e Frei Damião – e do diabo), relatos de acontecimentos cotidianos e políticos mais amplos, descrição de fenômenos naturais (como as secas e as enchentes) e sociais (como o cangaço), "decadência dos costumes" (muitas vezes associada ao urbano), narração de histórias tradicionais, aventura de heróis e anti-heróis.

No entender do pesquisador Luyten (1992, p.41-42), dividir a literatura de cordel por temas é um absurdo, pois, para ele, devemos ter bem definido o fato de a literatura de cordel possuir autores que se interessam por temas variados, como em

qualquer outra literatura, por esta razão Luyten aconselha que se estude os folhetos por seus autores e não pelos temas abordados nesta literatura.

## 2. 2. O CORDEL – NA CORDA BAMBA?

De modo geral, no cenário da cultura brasileira, os estudos sobre a literatura popular eram escassos, uma vez que poucos estudiosos se interessavam pelas manifestações oriundas do povo. A literatura de cordel e outras expressões da literatura popular estiveram fora de escolas e academias por serem consideradas manifestações de classes tidas com subalternas, "coisa de pobre". Na maioria das vezes, a literatura popular não é interpretada como arte, logo, esta má compreensão dificulta seu estudo. "Na universidade muitos insistem em achar que não é arte, que não é cultura, que não é literatura aquilo que iletrados e semi-letrados fazem" (AYALA, 2003, p.98). Essa visão acerca do cordel e de toda literatura popular revela, além de pouco estudo sobre o assunto, uma postura preconceituosa dos que assim procedem.

Desse modo, a não aceitação da literatura popular, enquanto arte, por alguns, ou olhares distorcidos, de outros, que a vejam como "prática exótica", que devem ter seu espaço reservado nas escolas, apenas no dia do folclore, são idéias já difundidas, cristalizadas e cultivadas por uma boa parte da população brasileira e, por muitos pesquisadores sobre o assunto. De modo que eles acabam reforçando o ideário do senso comum. Paradoxalmente, o povo passa a não valorizar suas práticas culturais pelas razões acima expostas.

Um outro ponto que levantamos, sobre a dificuldade no estudo da literatura popular, é a compreensão do que vem a ser *popular*, na manifestação da cultura, ou seja, como definir a cultura popular? E, conseqüentemente, a literatura popular?

Sobre o conceito de cultura popular Chartier (1995, p.179) faz uma afirmação aparentemente contraditória: "a cultura popular é uma categoria erudita". Ao leitor pode soar estranha tal afirmação que se assemelha a um trocadilho, contudo o autor parece querer mostrar que essa denominação é utilizada a despeito do próprio conhecimento dos praticantes dessa cultura. Nesse sentido, o termo é muito mais erudito do que popular, uma vez que foi criado e utilizado por intelectuais e não pelo povo.

Desse modo, mesmo correndo o risco de ser reducionista, Chartier (op. Cit p.179) apresenta o conceito de cultura popular em dois grandes blocos: o descritivo e o interpretativo. O primeiro, cujo objetivo central é pensar a cultura popular como um sistema simbólico e autônomo, independente da cultura letrada, no qual idéias etnocêntricas não são postas em discussões; o segundo confronta as práticas populares com o sistema da cultura dominante. Dessa forma passa-se a entender a primeira, através de sua "carência" e "dependência" com relação à segunda. Conforme o pesquisador esses dois modelos perpassam todas as ciências que se debruçam no estudo do popular.

Parece que a escolha e utilização de um dos modelos acima mencionados pelo pesquisador, implicam correr o risco de extremismo, uma vez que o caráter plurissignificativo – e, por isso mesmo, dinâmico da cultura popular - pede também a diversidades de olhares e perspectivas teóricas, mediante seu estudo. Daí porque a soma de abordagens pode favorecer a compreensão do que é ou está sendo popular.

No compreender de Ayala (2003, p.106):

A literatura popular, como as outras práticas populares se nutre da *mistura*. Seu fazer precisa da mescla. E esse processo de hibridização talvez seja um dos seus componentes mais duradouros e mais característicos. (...) A literatura popular não conhece delimitações e é isso que torna difícil seu estudo. Impossível compartimentá-la em gêneros, espécies tipos rígidos; tampouco é possível definir quando e onde se encontra a literatura popular. Isto vale para as narrativas, para a poesia, para as representações

dramáticas. Existe, mas não é visível para todos. Em sua existência, mantém-se de difícil definição classificação.

Um outro ponto que ressaltamos sobre o caráter dinâmico da literatura popular é sua capacidade de dialogar, imbricar-se com suas próprias manifestações ou de outras culturas. “A cultura popular dialoga com a cultura de massa. Esta com a cultura erudita; e vice-versa. Além de velhas culturas ibéricas, indígenas e africanas” (BOSI, 2003, p.07).

Acreditamos ser essa dinamicidade, o caráter híbrido da literatura popular que despertou o interesse em pesquisadores e estudiosos do mundo inteiro, pelo cordel. Temos “a partir dos anos 90, assistido a uma revalorização dos movimentos culturais, calcados na cultura popular” (GALVÃO, 2001, P. 18).

Contudo, esse crescente interesse, gerou, em décadas anteriores, algumas idéias equivocadas a respeito do cordel, como a de que é preciso “resgatá-lo” antes que venha perecer, pois estaria o cordel fadado a extinção. Uma das explicações elaboradas seria a de que “Os mestres do momento áureo do cordel envelheceram ou morreram, outros, por necessidade, foram obrigados a procurar outros meios de ganhar o pão de cada dia” (CURRAN, 1991, p.143).

Endossar o pensamento do pesquisador seria crer na máxima: morto o artista, morta a obra. Parece problemática essa idéia defendida por Curran, uma vez que novos poetas cordelistas estão surgindo. E mesmo no caso de poetas já falecidos como Leandro Gomes de Barros, Zé Pacheco, Manoel Camilo dos Santos, responsáveis por clássicos da literatura de cordel, nota-se que as suas respectivas obras continuam sendo reeditadas e vendidas.

Nesse quadro, no qual o cordel é retratado como um moribundo, prestes a se ultimar, caberia ao pesquisador o feito heróico de divulgá-lo entre a população, mesmo que sem muito sucesso, além de colecionar alguns exemplares para serem

apresentados à posteridade. Daí a idéia disseminada de que os indivíduos que constituem o povo seriam os “guardiães da memória”, prestes a cair no esquecimento. “Tudo se passa como se o campo da cultura popular fosse análogo ao de uma formação geológica (...) O intelectual, como o geólogo, caminharia pelas camadas intermediárias, para finalmente recuperar os restos arqueológicos coberto pela poeira da história” (ORTIZ, 1992, p.27). Logo é, desse momento, o princípio: “resgatar antes que acabe”, utilizado para qualquer manifestação popular, inclusive o cordel.

Essas previsões não se consolidaram e, em dias atuais, podemos ver um crescente incentivo por parte dos poderes públicos, tanto ao cordel quanto à cultura popular como um todo, através de programas locais e federais que objetivam o financiamento de projetos ligados a essa área do saber. Podemos citar como exemplo, o BNB cultural que já está na sua terceira edição e vem promovendo a cultura popular pelo Nordeste. Sabemos que tais incentivos não dão conta da demanda cultural nordestina, cuja abundância e diversidade são provas da riqueza da cultura popular.

### 2. 3. A LITERATURA DE CORDEL – ONTEM, HOJE E SEMPRE – UMA MESMA LITERATURA?

O Brasil, como o resto do mundo, vem passando e assistindo a crescentes e abruptas transformações no meio social. E, indiscutivelmente, as transformações observadas no campo científico e tecnológico, durante o século XX foram as mais radicais. Isto porque foi durante este século que se deram os avanços na computação, na cibernética, na genética e tantos outros setores, influenciando, diretamente, o comportamento das pessoas.

dos livretos apresenta gravuras na capa e criou-se, assim, uma nova e muito forte modalidade artística popular.

Para Manoel Monteiro, que atua como poeta popular há mais de cinquenta anos, as colocações de Luyten sobre a xilogravura não são tão precisas assim, uma vez que o cordelista afirma que à arte de talhar madeiras como uma prática milenar. Monteiro afirma<sup>5</sup> ainda que as xilogravuras no folheto já eram utilizadas pelos poetas, bem antes da década de 60.

Nesse sentido, não podemos afirmar com muita exatidão, quando começou o uso das xilogravuras nos folhetos. Registramos apenas que ela é um importante recurso visual na confecção dos folhetos e que acontecia de forma rudimentar, de modo que os poetas talhavam a madeira, conforme a gravura desejada, e carimbavam as capas do folheto.

Hoje, com o advento das novas tecnologias, o sistema de impressão do cordel, bem como da confecção das capas, inspiradas nas xilogravuras, acompanha a aceleração da sociedade moderna, de modo que observamos a impressão das xilogravuras sendo realizada em larga escala, através do processo de informatização, obedecendo ao ritmo da sociedade industrial e digital.

Conforme afirma o artista gráfico e poeta cordelista Silas<sup>6</sup>: “trabalhar nos moldes de antigamente se torna cada vez mais difícil, na medida em que se perde tempo”. Por esse motivo, o artista gráfico continua fazendo uso do mesmo desenho vazado, utilizado antigamente e, ainda em nossos dias, pelos xilógrafos. Contudo, alia a esse procedimento o nanquim, técnica chinesa de pintura, surgida há mais de 2000 anos.

<sup>5</sup> Entrevista concedida pelo poeta no dia 04 de Fevereiro de 2008

<sup>6</sup> Entrevista concedida pelo poeta no dia 10 de Fevereiro de 2008

Em seguida, Silas diz que o desenho vai para o *scanner* e afirma que, mesmo talhando com a madeira, o desenho também tem de se submeter ao scanneamento, para tornar o processo mais ágil. Desse modo, o cordelista afirma que esse processo, utilizado por ele, possui o mesmo efeito da xilogravura e torna o procedimento mais rápido, além de ser politicamente correto, pois a imburana está cada vez mais rara de ser encontrada, passando mesmo pelo processo de extinção.

Do início do século XX, até nossos dias, não foram apenas as formas de produção que mudaram, houve transformações, também, nas formas de vendas do folheto. Para Abreu (1999), no início do século XX, muitos poetas abandonaram a vida campesina, se estabeleceram na cidade, onde passaram a compor, editar e vender suas obras, de modo que suas próprias casas passavam a ser ponto de venda, a exemplo de Leandro Gomes de Barros, que costumava anunciar seu endereço nas capas e contracapas dos folhetos. “Os livrinhos poderiam também ser encomendados pelo correio, ou comprados em livrarias” (p.95). Todavia, a pesquisadora afirma que boa parte das vendas era realizada em viagens excursionadas pelos autores e vendedores. Sobre o assunto, também reflete Galvão (2001, p. 31):

As histórias eram veiculadas por cantadores ambulantes, que iam de fazenda em fazenda, de feira em feira, transmitindo notícias de um lugar para outro, aproximando as pessoas. Reproduzindo histórias, inventando casos, improvisos, repentes, desafios e pelejas entre cantadas.

Hoje, as formas de venda do folheto divergem das formas de antigamente; os folhetos não são mais encontrados nas feiras com a mesma frequência e abundância que antes. No passado, como recorda o poeta Manoel Monteiro, havia pelo menos oito pontos de venda de folheto na feira central de nossa cidade. Sobre os novos espaços de vendas e de leitura que o folheto vem conquistando, o poeta popular Manoel Monteiro comenta:

O que acontece com o poeta de hoje é que ele está preparado psicologicamente para vender seu peixe nas universidades, para mostrar o seu trabalho nas escolas de qualquer nível, isso fez com que os alunos conheçam que [...] existe também o folheto que tem uma mensagem, que tem uma cultura<sup>7</sup>.

Atualmente, podemos encontrá-lo, facilmente, nas bancas de revistas, nas livrarias e nos shoppings centers locais. Contudo, sabemos que a disponibilidade do folheto, não é comum a todas as cidades nordestinas e, talvez, em demais regiões como a sul, ele se torne mesmo raro, por questões culturais. As vendas ambulantes realizadas pelos autores e/ou vendedores, pelas fazendas e lugarejos, de fato não existem mais. Todavia, surgem novos espaços de divulgação e de venda, através da internet e dos webers sites.

A Partir das transformações no modo de produção e de venda do folheto, surge um novo público consumidor da literatura de cordel no Brasil. De acordo com Galvão, durante quase todo o século XX, principalmente no período que compreende às décadas de 30, 40, 50, conhecido como o apogeu do folheto, os leitores eram masculinos, embora as mulheres e crianças também participassem como ouvintes das rodas de leitura, mas, sobretudo, do espaço doméstico, uma vez que a leitura dos folhetos, em espaços fora do lar e de folhetos mais jocosos, era destinada aos homens.

Os negros, no grupo de pessoas entrevistado pela pesquisadora, denotam minoria do público leitor; já os brancos eram a maioria. Durante o período, já mencionado, boa parte dos leitores de folheto no estado de Pernambuco, local onde se desenvolveu a pesquisa de Galvão, era analfabeta, haja vista que, desse tipo de entretenimento, as pessoas com um bom poder aquisitivo não costumava se dedicar a

---

<sup>7</sup> Entrevista concedida pelo poeta no dia 04 de fevereiro de abril de 2004

essa cultura. Sobre essa questão, Zé Moreno, poeta popular entrevistado por Galvão (2001, p. 1004), afirma que:

Pessoas de poder aquisitivo melhor ia se preocupar com outras coisa, às vezes ainda era estudante, era outra coisa... Ia se preocupar com estudo dele, outras coisas mais importante, que era aquilo era coisa passageira... [...] Era difícil, porque cada uma tinha a sua, suas ocupações, suas funções a desempenhar. Não ia se passar pr'aquilo. Só pessoa *menos culta* é que gostava disso, porque isso, também instruía, né?

De acordo com o comentário do poeta popular Zé Moreno, podemos inferir que a leitura da literatura de cordel era realizada por pessoas das classes mais populares como se, mesmo naquele momento, considerado como o apogeu do folheto, em que as vendas atingiam números gigantescos, ele era pouco privilegiado pelas classes ricas, demonstrando já o preconceito que, até em nossos dias, se verifica em relação à arte produzida pelo povo.

Nesse sentido, podemos afirmar que o cordel esteve presente durante muito tempo na vida das pessoas, oriundas das classes pobres, como uma atividade de entretenimento, uma vez que os meios de diversão eram bastante escassos naquele período. A maioria das pessoas entrevistadas por Galvão (2001, p.174) chegou a atribuir o sucesso dos folhetos à inexistência da TV e aos altos custos do rádio, como podemos observar no trecho da entrevista concedida pelo poeta Zé Mariano (*apud*, Galvão, 2001):

Televisão ninguém tinha, não tinha televisão, não tinha um rádio, às vezes não tinha rádio... Era difícil um pobre naquele...naquele mundo ter um rádio, um rádio pra escutar, né? [...] Era muito difícil, tinha um pobrezinho que tinha um rádio, às vezes nem tinha um rádio. Ai o pobre faz um folheto pra num...pra se distrair em casa. Às vezes os vizinhos ia pra lá, aí juntava um bocado de gente:" O D. Maria, vamos ler um folheto hoje? Seu marido..." [...] "Seu galdino, vamos ler um folheto hoje pra gente ouvir? " Os folhetos, meu pai tinha aquele bocado de folheto...Ai ele chegava, dizia...Aí chegava gente, juntava tudo, ficava, na...na...na sala, muita gente, sala grande, aí papai lia o folheto... Lia [...] Era bonito... O divertimento que existia naquele tempo era isso, né?

Presente nas feiras, nas praças, nas fazendas, nas reuniões familiares, o cordel era lido de modo coletivo (mais comum) e individualmente (mais esporádico), sendo, inclusive, um instrumento de educação popular, uma educação extra-oficial, uma vez que o folheto, ao que tudo indica, não circulava nas escolas e nas academias. A educação oficial não se interessava pelo cordel, em função disso “as bibliotecas não tinham [...] folhetos em seus acervos” (Galvão op. Cit. 133).

As instituições educacionais e a mídia reconhecem aos poucos o valor cultural e estético do folheto, de modo que ele passa a ser objeto de estudo de universidades, além de inspirar o cinema, o teatro e artistas ligados a MPB, ganhando espaço nos meios de comunicação. Sobre esse novo público leitor do cordel, Pinheiro e Lúcio (2001, p.7) esclarecem que:

O contato com alunos de escolas públicas, particulares e estudantes universitários tem revelado que significativo número de jovens e de professores que conhece e cultivam a leitura de folheto aqui no Nordeste, sem falar nos leitores tradicionais. Quando conversamos sobre as narrativas e a literatura de cordel em geral; nos dias seguintes muitos alunos nos trazem folhetos para mostrar, contam histórias de cantadores e embaladores, enfim falam de sua experiência com a literatura popular.

No estado da Paraíba, uma prova do ingresso do folheto na sala de aula é a indicação de obras da literatura de cordel, por três anos consecutivos, para o vestibular da Universidade Estadual da Paraíba. No primeiro ano, em 2006, tivemos a indicação de um clássico de Leandro Gomes de Barros, *O cachorro dos mortos*. Em 2007, foi indicado como uma das obras *A História da Donzela Teodora*, uma narrativa que tem origem na península ibérica, recontada também por Leandro Gomes de Barros. Na relação das obras do ano de 2008, tivemos *O pavão misterioso*, de José Camilo. Todavia, se imaginarmos a quantidade de universidades existentes no Brasil, veremos que a aceitação do cordel enquanto gênero literário é um desafio, apesar do inegável incentivo da UEPB.

A cidade de Campina Grande vem estimulando a leitura e a produção de cordel, através de projetos desenvolvidos pela UFCG em parceria com a prefeitura, além de projetos como *O cordel campinense* realizado há quatro anos em novembro 2004, e organizado pela Secretaria de Educação, Esporte e Cultura. O evento ocorreu em praça pública e teve como objetivo a publicação de dez títulos; desses autores, cinco são mulheres, quebrando um pouco a tradição que tem sempre destacado apenas os homens nessa arte. Não obstante, cremos que tais iniciativas deveriam ocorrer de modo sistematizado, não apenas em relação ao cordel, mas a toda literatura e cultura popular.

Em suma, a literatura de cordel vem fazendo história no cenário da cultura popular brasileira. No início do século XX, era vendida de modo que refletia o contexto sócio – político e cultural da época. Hoje, o folheto é vendido e produzido de modo que reflete o comportamento da sociedade moderna, apropriando-se das novas tecnologias. Contudo as mudanças ocorridas não afetam as suas regras de Composição (sextilhas, setilhas ou décimas). Talvez sejam, justamente, essas transformações que possibilitem a sua sobrevivência, atravessando séculos e encantando, da mesma forma, diferentes públicos de leitores pelo Brasil afora.

## CAPÍTULO III

### 3. LITERATURA DE CORDEL: TALHANDO UMA POSSIBILIDADE DE LEITURA

Este capítulo apresenta a análise de três poemas, que abordam temáticas diferentes, perpassando-as pelo viés do humor, são eles: *Viagem a São Saruê*, de Manoel Camilo dos Santos; *o casamento da raposa com o Timbu*, de Arievaldo Viana e *A chegada de Lampião no inferno*, de José Pacheco.

A literatura de cordel apresenta um rico repertório de temas, todavia é inegável a predominância daqueles, cuja abordagem focaliza problemas de ordem social. Por esse motivo, analisaremos os poemas acima citados a partir das reflexões de Pinheiro e Lucio (2001), Galvão (2001) e de outros autores que refletem sobre a literatura de cordel.

No que diz respeito aos aspectos estruturais, nos nortearmos pelas contribuições da teoria da estrutura da narrativa, por entendermos que o cordel é um tipo de poema narrativo, cuja organização pode ser melhor compreendida à luz desse olhar. Contudo, estaremos cientes de que a complexidade do texto poético, mesmo que apresente uma predominância de um determinado aspecto temático-formal, deve ser lido a partir da sensibilidade do interprete, além dos vários aparatos teóricos de que o pesquisador possa lançar mão para apreender o objeto.

Sobre o trabalho de interpretação da obra literária, compreendemos, com base nas reflexões de Bosi (2003, p.461), que "Se os sinais gráficos que desenham a superfície do texto literário fossem transparentes, se o olho que neles batesse visse de chofre o sentido ali presente, então não haveria forma simbólica, nem se faria esse trabalho tenaz que se chama *interpretação*".

Por este motivo, quando estamos diante do texto literário, quer sejamos professores, quer sejamos alunos, somos convidados, ou melhor, arrastados para as

reflexões propostas por este campo plurissignificativo, principalmente, “Se entendermos o texto não como uma coisa ou fato dado, mas como reflexões sobre a experiência da reflexão, teremos que reconhecer, que enquanto leitores, participamos desse trabalho”(CHIAPPINI, 2005, p. 115). O ato de interpretação faz parte de uma camada mais profunda da leitura, não basta apenas deslizar os olhos sobre a página do papel. Para Bosi ( op. cit. 462 ):

Ler é colher tudo quanto vem escrito. Mas interpretar é elege (ex-*legere*: escolher), na messe das possibilidades semânticas, apenas aquelas que se move no encaixe da questão crucial: o que o texto quer dizer?[...] Entre o querer dizer do texto e o texto ultimado há a distancia que separa (e afinal, une) evento aberto e a forma que o encerra. A forma, nos casos de êxito, será o claro enigma que o poeta Carlos Drummond de Andrade escolheu para sua palavra.

Entendemos que o ato de interpretação da obra de arte exige do intérprete uma postura seletiva, mais precisamente analítica. Neste sentido, o labor do interprete consiste em mediar o dito, expresso na forma, com o não dito da obra de arte, a partir do **evento**, categoria rica e complexa, cuja definição pode ser compreendida como: “todo acontecer vivido na existência que motiva as operações textuais, nelas penetrando como temporalidade e subjetividade” (op.cit. 463).

A reflexão em torno da interpretação da obra de arte nos leva a crer que esta atividade assume uma postura muito mais intensa, quando nos deparamos com o texto poético. Para Candido (2004, p.19):

A atividade poética é revestida de um caráter superior dentro da literatura, e a poesia é como a pedra de toque para avaliarmos a importância e a capacidade criadora desta. Sobretudo levando em consideração que a poesia foi até os tempos modernos a atividade criadora por excelência, pois todos os gêneros nobres eram cultivados em verso. Hoje o desenvolvimento do romance do teatro em prosa mudou essas coisas, mas mostra por isto mesmo como toda literatura saiu da nebulosa criadora da poesia.

A tradição poética brasileira apresenta uma variada produção, prova disso é a riqueza da literatura popular, a exemplo do cordel que sempre teve um público cativo de leitores, principalmente entre as pessoas oriundas das classes mais populares, todavia, esse gênero não era concebido como literatura entre pesquisadores e leitores de outrora.

Debruçamo-nos sobre o folheto, no presente trabalho, com o intuito de apresentarmos uma possibilidade de leitura, diante das várias que a poesia nos permite, atentando para a beleza das construções poéticas desse gênero de poesia popular, além de observarmos como se apresentam os aspectos referentes à estrutura da narrativa em cada obra.

### 3. 1. PERCORRENDO OS CAMINHOS DE SÃO SARUÊ

Escrito na década de cinquenta (1950)<sup>8</sup>, o poema *Viagem a São Saruê*, do poeta Manoel Camilo dos Santos, pode ser considerado um clássico da literatura de cordel. De caráter narrativo, o poema se decompõe em 206 versos distribuídos por 33 estrofes, quase todas escritas em sextilhas sete sílabicas (a forma fixa mais popular do cordel), além de duas estrofes escritas em décimas. As rimas obedecem ao esquema ABCBDB, bastante utilizadas pelos poetas cordelistas.

O poema em análise apresenta um ritmo envolvente, capaz de conduzir o leitor à viagem que o narrador propõe. Isto pode ser observado a partir do título *Viagem a São saruê*, o qual, ao ser submetido ao processo de escansão, revela sete sílabas métricas: **Via / gem / a / São / Sa / ru / ê**. Instaura-se a partir do início a musicalidade que vai ser reforçada por figuras sonoras como assonâncias /a/ e consoantes de sons aproximados como o / g /s/ .

---

<sup>8</sup> Informações concedidas pelo poeta Manoel Monteiro

Nesta perspectiva, passamos a avaliar o referente semântico do signo **Saruê**, haja vista que a palavra não remete a nenhum país conhecido da geografia do mundo real. Desse modo, cabe a pergunta: qual a origem e significado da palavra Saruê? Conforme a Wikipédia:

Saruê seria um pequeno roedor conhecido cientificamente como, *Didelphis aurita*, gambá-de-orelha-preta, é um marsupial. Podendo atingir 60 a 90cm e pesar até 1,6 kg, alimenta-se praticamente de tudo o que encontra: insetos, larvas, frutas, pequenos roedores, ovos, cobras. Habitam florestas, regiões cultivadas e áreas urbanas em toda a Mata Atlântica e Restinga brasileira, ocorrendo também no norte do Rio Grande do Sul e Amazônia. A etimologia desses nomes populares em tupi-guarani revela a sua identidade em relação à bolsa em que criam os filhos: gambá, de "guá-mbá" (ventre aberto, barriga oca, peito oco), saru (de manso, calado), xuê (devagar) e sarigué "desoór-igué" (animal de saco). Ocorrem ainda as seguintes variantes: sarué, sarigueia e sorighê<sup>9</sup>.

Neste caso, parece-nos paradoxal que o poeta nomeie este lugar de maravilhas e de sonhos como se configura São Saruê, com o mesmo nome de um animal que expele odores, considerado desagradável como os gambás. Por outro lado, a sonoridade do termo originário do tupi-guarani, a versatilidade desses animais que parecem se adaptar facilmente às regiões brasileiras, além da capacidade de procriação, de perpetuar a vida, sugere uma possibilidade de leitura que acaba indo ao encontro da proposta alegórica elaborada no poema, como sendo um país inusitado e abundante.

Este animal, embora pequeno, é capaz de alimentar e abrigar até vinte filhotes nas cavidades anatômicas que traz em si, sendo comparadas com bolsas. Compreende-se que, da mesma forma que o animal pode saciar a fome dos filhotes, São Saruê é um país que possui abundância capaz de suprir as necessidades materiais de seus moradores.

<sup>9</sup> <http://pt.wikipedia.org/wiki/Saru%C3%AA>



Outra questão semântica, que envolve o título do folheto, é o significado da palavra “São”, presente no título, que nos remete a um lugar sagrado. Encontramos desse modo, a partir da descrição do país São Saruê uma forte intertextualidade com a bíblia, quando em Isaías cap.54, v.12; e cap. 55, v.1, respectivamente , o profeta fala da necessidade do povo de Israel deixar o exílio e voltar à terra prometida, descrevendo como será suas construções, além da vida que se teria nesta região:

Farei os teus baluartes de rubi, as tuas portas de carbúnculos, e toda a tua muralha de pedras preciosas (...) Ah! Todos vós os que tendes sedes, vinde às águas e vós os que não tendes dinheiro, vinde e comprai, sem dinheiro e sem preço vinho e leite.

A terra prometida aos hebreus foi descrita pelo profeta Isaías como sendo um lugar de muita riqueza e fartura. Do mesmo modo é descrito o país de São Saruê, pelo poeta Manoel Camilo, como sendo um lugar onde não existe fome, nem miséria.

Vejam as duas estrofes abaixo do poema:

Lá os tijolos das casa  
São de cristal e marfim  
As portas barras de prata  
Fechaduras “de rubim”  
As telhas folhas de ouro  
E o piso de cetim.

Lá eu vi os rios de leite  
Barreira de carne assada  
Lagoas de mel de abelha  
Atoleiro de coalhada  
Açudes de vinho do porto  
Montes de carne guisada.

Sobre o poema, afirmamos, ainda, que ele está dividido em três etapas distintas:

1) o percurso da viagem até São Saruê; 2) a chegada e a descrição do país; 3) a despedida deste lugar de maravilhas. O primeiro momento se dá, quando o narrador-personagem, Camilo, se propõe a viajar para conhecer Saruê:

Doutor mestre pensamento  
Me disse um dia: Você  
Camilo vá visitar  
O país São Saruê

Pois é o lugar melhor  
Que neste mundo se vê

Esta etapa compreende as primeiras estrofes do poema. Nela, o poeta emprega o maior número de personificações; além de apresentar delicadeza e sutileza na descrição do cenário da natureza, assumindo um tom solene e comovente, como podemos conferir na estrofe que segue:

Enquanto a tarde caía  
entre mistério e segredo  
a viração docilmente  
afagava os arvoredos,  
os últimos raios do sol  
bordavam os altos penêdros.

A partir da décima estrofe, o poeta muda o tom e passa a fazer o uso da descontração, tornando o poema mais humorado, como pode ser percebido na seguinte estrofe: Lá tem um rio chamado/ O banho da mocidade/Onde um velho de cem anos/Tomando banho a vontade/Quando sai fora parece/Ter vinte anos de idade. Esta descontração permeia o cordel até a trigésima estrofe (30°), sendo interrompida na trigésima primeira e segunda (31° e 32°), e retomada na última estrofe. Marca também a chegada do narrador a esse país fabuloso:

Avistei uma cidade  
Como nunca vi igual  
Toda coberta de ouro  
e forrada de cristal  
ali não existe pobre  
é tudo rico em geral

O terceiro momento presente no poema é marcado pela despedida do narrador-personagem, que muda novamente o tom do poema, passando da descontração a um tom solene. Para melhor expressar essa despedida, o poeta muda, também, a estrutura das estrofes que, de sextilhas sete silábicas, passam a ser construídas em décimas.

Lá existe tudo quanto é de beleza

Tudo quanto é bom, belo e bonito,  
 Parece um lugar santo e bendito,  
 Ou jardim da divina natureza:  
 Imita muito bem pela grandeza  
 A terra da antiga promessa  
 Para onde Moisés e Aarão  
 Conduzia o povo de Israel,  
 Onde dizem que corriam leite e mel  
 E caía manjar do céu no chão.

Tudo lá é festa e harmonia  
 Amor, paz, benquerer, felicidade,  
 Descanso, sossego, e amizade,  
 Prazer tranqüilidade e alegria,  
 Na véspera de eu sair naquele dia  
 Um discurso poético eu fiz,  
 Me deram um mandado de juiz  
 Um anel de brilhante e de "rubim"  
 No qual um letrado diz assim:  
 -é feliz quem visita este país.

Verificamos que este recurso estrutural, com a utilização das décimas, contribui para a construção do significado do poema, haja vista que tal recurso torna o andamento do poema lento, como se buscasse se demorar um pouco mais naquela região, mostrando a melancolia da qual o narrador faz uso para demarcar que a descrição do país São Saruê está chegando ao término. Neste sentido, a construção formal colabora ou enfatiza o significado do poema.

### 3. 1. 1. Sobre a temática, personagem e linguagem presentes no poema

O poema aborda o tema das viagens fantásticas muito comuns na literatura. Encontramos essa temática na Grécia antiga: na *Odisséia* com Ulisses. No século XVIII com a obra a *Viagens de Gulliver*, escrita por Jonathan Swift, sem contarmos com histórias e lendas de todos os povos, a exemplo das *Histórias das mil e uma noites*<sup>10</sup>

<sup>10</sup> Tradução ferreira Gullar – Editora Revan, 2006, Rio de Janeiro.

que se perdem no tempo, até os dias atuais. Escrito na década de cinquenta, *São Saruê* apresenta uma forte intertextualidade com as narrativas do *país da Cocanha*<sup>11</sup>,

[...]  
 Lá quem mais dorme mais ganha.  
 A ninguém é ali permitido trabalhar,  
 Velho ou jovem, forte ou fraco.  
 Ali ninguém morre.  
 As casas ali têm paredes de salsichas,  
 As cercas são de peixes de água doce,  
 [...]

cuja data remete ao século XIII, e com o Folheto *Viagem ao céu*, de Leandro Gomes de Barros.

Vi cerca de queijo e prata  
 E lagoa de coalhada  
 Atoleiro de manteiga  
 Mata de carne quisada  
 Riacho de vinho do porto  
 Só não tinha imaculada

Sobre a construção do fantástico, presente em São Saruê, pudemos perceber a criação de um universo utópico, em que há a presença da felicidade e do prazer, de modo intenso e permanente, em detrimento da infelicidade promovida pelas desigualdades sociais, presente em nossa sociedade. Em relação a isso, Pinheiro e Lucio (2001, p. 46) comentam:

*Viagem a Saruê*, de Manuel Camilo dos Santos nos oferece um contraponto forte ao modelo de vida que conhecemos. Tudo em São Saruê é farto, rico e bonito. Beleza, fartura e riqueza levam à felicidade nesta cidade em que não há proprietário, nem exploração. A riqueza, portanto, é de todos.

Sobre a recorrência das imagens presentes em *Viagem a São Saruê*, destaca-se a personificação, nas primeiras estrofes, como já mencionamos, e a hipérbole<sup>12</sup> que

<sup>11</sup>

<sup>12</sup> (Grego hyperbolê, transporte por cima, excesso. Figura de linguagem que consiste na ênfase do resultante do exagero deliberado, quer no sentido negativo, isto é, "encarecer a grandeza do objeto, ou em panegírico, ou em sátira" (Baltasar Grácian, *Agudeza y Arte de Ingenio*, 1642, discurso XIX). Constitui efetivamente uma forma de "exagerar a verdade, mas com respeito à beleza, seja por amplificação\*, seja por atenuação" (Quitiliano, *Institutio Oratoriae*, VIII,6, 67).) (...) E

se faz recorrente em muitos momentos do poema – *barreiras de carne assada/ lagoa de mel de abelha* –, cujo emprego contribui na construção do humor. O poeta enfatiza, também, a questão temática, uma vez que, contrastando com a escassez vivida no Nordeste, por questões climáticas, mas acima de tudo políticas, ele constrói, pelo menos na ficção, um mundo às avessas, onde a fartura torna-se uma constante; e, subjaz a essa construção, a ironia, na medida em que o narrador afirma na ficção aquilo que é negado no mundo real. É o que podemos constatar nas estrofes abaixo:

Lá eu vi rios de leite  
 Barreiras de carne assada  
 Lagoa de mel de abelha  
 Atoleiros de coalhada  
 Açude de vinho do porto  
 Montes de carne guisada

Feijão lá nasce no mato  
 Maduro e já cozinhado  
 O arroz nasce nas várzeas  
 Já prontinho e despoldado  
 Peru nasce de escova  
 Sem comer vive cevado.

Tudo lá é bom e fácil  
 Não precisa se comprar  
 Não há fome nem doença  
 O povo vive a gozar  
 Tem tudo e não falta nada  
 Sem precisar trabalhar

Ao tratar sobre o Tema que anima o objeto estético, Sartre (1989, p. 51) afirma que:

Qualquer que seja o tema, uma espécie de leveza essencial deve aparecer por toda parte, lembrando que a obra não é dado natural, mas uma exigência um dom. E se esse mundo me é dado com suas injustiças, não é para que eu as contemple com frieza, mas para que eu as anime com a minha indignação, para que eu as desvende e as crie com sua natureza de injustiças, isto é, de abusos-que-devem-ser-suprimidos.

Em *Viagem a São Saruê*, o poeta aborda a viagem fantástica, apontando para uma região utópica, uma vez que propõe um mundo onde igualdade social, a saúde, a juventude são vivenciados, de modo pleno, por todos os moradores daquele país. Nesse sentido, acreditamos que o poema de Camilo pode ser, conforme o pensamento Sartreano, considerado um poema engajado. O poeta, neste caso, revela sua insatisfação com as injustiças sociais de seu tempo, uma vez que expressa seu desejo de transformar a realidade, construindo um mundo de fartura, como podemos verificar a partir das seguintes estrofes:

Os peixes lá são tão mansos  
 Com o povo acostumados  
 Saem do mar vem pras casas  
 São grandes gordos, cevados  
 É só pegar e comer  
 Pois todos vivem guisados

Os pés de notas de mil  
 Carrega chega encapota  
 Pode tirar-se a vontade  
 Quanto mais tirar-se mais bota  
 Além dos chachos que tem  
 Casca e folha tudo é nota.

Sobre a linguagem do poema, um aspecto interessante é revelado a partir da seleção vocabular, pois o poeta faz uso de expressões e descrições de lugares e comidas típicos da cultura nordestina: atoleiros de *coalhada* (estrofe 15°, verso 88°) / *As pedras em São saruê / são de queijo e rapadura/ as cacimbas são café*(estrofe17°, versos 91°, 92°, 93°, respectivamente).

Acreditamos que a obra *Viagem a São Saruê* consegue retomar a realidade, partindo de elementos ficcionais – rios de leite, barreiras de carne assada, atoleiros de coalhada, entre outros – ao passo que denuncia, reivindica e propõe transformações para a realidade de exploração e miséria de que é vítima, não

apenas a região nordestina, mas boa parte do mundo capitalista. E isto sem perder de vista a qualidade estética da obra, sem correr, também, o risco de ser uma obra com tom panfletário.

Por fim, o poeta se despede, retomando o clima de descontração verificado na maioria das estrofes:

Vou terminar avisando  
A qualquer um amiguinho  
Que quiser ir para lá  
Posso ensinar o caminho  
Porém só ensino a quem  
Me comprar um folhetinho

No folheto *Viagem a São Saruê* encontramos Camilo que protagoniza a narrativa e se apresenta como um narrador-personagem, neste caso, ele “não tem acesso ao estado mental das personagens. Narra os fatos a partir de um centro fixo, limitado, quase sempre preso às suas percepções, pensamentos e sentimentos” (CHIAPPINI & LEITE, 1988, p. 43).

Neste poema narrativo, não encontramos outro personagem, além de Camilo, embora em alguns momentos da narrativa, elementos inanimados ganhem vida, assumindo características humanas, como por exemplo: *Doutor mestre pensamento/ me disse um dia : - Você/ Camilo vá visitar/ o país São Saruê.*

Camilo, narrador – protagonista não descreve a si mesmo, mas todo tempo se ocupa em descrever o país visitado, de modo que deste personagem sabemos, apenas que ele é poeta e que vende folhetos: “todo esse tempo ocupei-me/ em recitar poesia.”, “porém só ensino a quem comprar um folhetinho.” Pela importância de São Saruê para a história narrada, podemos afirmar que o espaço, aqui, assume características de personagem.

### 3. 1. 2. Sobre o tempo e o espaço

Como entendermos o significado e a função desempenhados pelo tempo em uma determinada narrativa? Em primeiro lugar, para a teoria literária numa visão estrutural “o tempo é apenas um termo semântico: significa a sucessão dos fatos (história) e as seqüências do discurso, como elemento de um sistema de signos” (NUNES, 1988, p. 74).

Em virtude disto, é importante ressaltarmos, a partir do enfoque fenomenológico apresentado por Nunes (1988, p. 75):

que o tempo ficcional reconfigura o *tempo cronológico*, que é, conforme vimos a representação dominante do tempo real. Mas na ficção narrativa há uma dupla temporalidade. *Como, então falar de um tempo ficcional?* É o que precisamos considerar, revendo a função dos dois tempos.

Em *Viagem a São Saruê*, o narrador apresenta, a longo da narrativa, vários elementos que fazem referência ao tempo cronológico: “Iniciei a viagem/ às quatro da madrugada”, “enquanto a tarde caía”, “Morreu a tarde e a noite/assumiu sua chefia”, “Ao surgir da *nova aurora*(...)”. Neste momento da narrativa, o tempo cronológico passa pelo processo de personificação, uma vez que a eles são atribuídas características humanas. Desse modo, o tempo ficcional reelabora o tempo cronológico.

Como marca do tempo na narrativa, na sucessão de ações engendradas pelo narrador, destacamos o uso dos verbos, que é realizada de duas formas: quando o narrador - personagem refere-se às ações, por ele praticadas, em visita a São Saruê, os verbos quase sempre estão no pretérito perfeito: *avistei* uma cidade/ como nunca vi igual (10° estrofe, no 55° e 56° versos). Quando o narrador descreve o país fabuloso os verbos são sempre utilizados no presente do indicativo: o povo em São Saruê/ tudo *tem* felicidade/ *passa* bem *anda* decente/ *não há* contrariedade/*não precisa trabalhar* *tem*

dinheiro a vontade (13º estrofe), de modo que presente e passado parece alternarem-se nas lembranças do narrador.

Podemos afirmar, ainda sobre o tempo, que ele apresenta característica cronológica, pois, conforme verificamos no poema, o poeta narra sua viagem de modo linear, embora toda essa viagem desenrole-se no interior de seu pensamento. Vejamos, a 3ª estrofe:

Inicie a viagem  
as quatro da madrugada  
tomei o carro da brisa  
passei pela alvorada  
juntou do quebrar da barra  
Eu vi a aurora abismada.

O espaço em que a presente história se desenrola é a parte mais significativa desta narrativa, uma vez que “região entra na literatura popular nordestina de diferentes maneiras. No folheto viagem a São Saruê, de Manoel Camilo dos Santos, tem-se a utopia, na qual a conexão com a realidade nordestina é feita pelo avesso” (Ayala, 1997, p.163). São Saruê surge como uma criação mítica, cuja predominância do fantástico permite ao leitor se deparar, a cada nova estrofe lida, com o inusitado, com um mundo que só o universo da literatura pode oferecer aos seus leitores. Sobre a descrição do espaço em São Saruê, destacamos a seguinte estrofe:

As pedras em São Saruê  
São de queijo e rapadura  
As cacimbas são café  
Já coado e com quentura  
De tudo assim por diante  
existe grande fartura.

Nesta perspectiva, afirmamos que na criação do espaço em São Saruê há uma espécie de cumplicidade entre o leitor e o autor. Este pacto se estabelece no início da 1ª estrofe, em que o poeta avisa ao leitor que é através do pensamento que toda a aventura acontece. Este procedimento acontece, também, no final, quando o narrador

se dirige aos leitores, mas não a qualquer leitor. Neste caso as crianças, avisando qual a condição para que ele possa ensinar o caminho para São Saruê. Vejamos a 1ª e a última estrofe, do folheto, respectivamente:

Doutor mestre pensamento  
 Me disse um dia: - Você  
 Camilo vá visitar  
 O país São Saruê  
 Pois é o lugar melhor  
 Que neste mundo se vê.

Vou terminar avisando  
 A qualquer um amiguinho  
 Que quiser ir para lá  
 Posso ensinar o caminho,  
 Porém só ensino a quem  
 Me comprar um folhetinho.

A proposta de uma viagem a um mundo fantástico é tema que bem encantando os leitores em várias épocas históricas, de modo que *Viagem a São Saruê* consegue reunir o lúdico, a utopia e sensibilizar o leitor a visitar esse país de sonhos.

### 3. 2. O CASAMENTO DA RAPOSA COM O TIMBU

O cordel *O casamento da Raposa com o Timbu*, de Arievaldo Viana, tem como enredo o casamento arranjado entre os personagens que nomeiam a história. A Raposa possuía uma boa posição social, “espécie de socialite” dos dias atuais e era amante do Rei Leão que era o “mandachuva” da floresta, cuja corte ficava na capital. O Timbu, por sua vez, era um sujeito de má índole, aspirava a um cargo político para poder encobrir sua vida de crimes e falcatruas. Quando a esposa do rei Leão descobriu a traição do marido, ele se viu obrigado, junto com a Raposa, a por em prática a manobra de forjarem o casamento desta última para evitar um escândalo maior. O timbu era a pessoa mais indicada, pois reunia “qualidades necessárias” para tal missão. A marquesa dona cobra foi designada a convencê-lo do casamento. Ele não se fez de rogado e pediu muito dinheiro para subir ao altar. O casamento foi

marcado seguido de os todos preparativos. Contudo, ninguém contava com intromissão de dom Macaco, jornalista e dono do pasquim “A trombeta”, cujo fim era destinado a fofocas e extorsão de toda natureza. Através de seu jornal, ele deu notícia da farsa do casamento do Timbu com a Raposa, divulgando que este consentia ser traído por dinheiro. O macaco cobrou caro para retirar essa nota de seu jornal. Mesmo recebendo a quantia, o jornalista continuou divulgando a situação de marido traído, que enfrentaria o Timbu, após o casamento.

Por esta razão, o macaco amanheceu morto, crime praticado pelo Tamanduá e encomendado pelo Noivo Timbu. O Sagüi que era jornalista da Trombeta e primo da dona macaca vingou a morte do patrão, assassinando o Timbu, quando ele saía da igreja junto com a Raposa. Em seguida, foi preso e morto na cadeia pelo delegado Cururu. A trombeta foi vendida ao cururu, financiada pelo rei Leão. Logo, a viúva do macaco se mudou. E a raposa e o leão continuaram sendo amantes e saíram impunes dessa situação.

### 3. 2. 1. Quanto ao tema e aos personagens

O cordel de Viana pode ser considerado uma fábula<sup>13</sup>, uma vez que os personagens assumem características humanas. O uso da alegoria é um recurso muito recorrente de que lançam mão os poetas na composição das histórias da literatura de cordel. O autor, no “tom aparentemente infantil”, constrói uma sátira da sociedade moderna, abordando temas como o casamento por interesse, a traição, a corrupção do meio político e dos meios de comunicação e a impunidade.

---

<sup>13</sup> Narrativa curta não raro identificada com apólogo e a parábola\*, em razão da moral implícita ou explícita que deve encerrar, e de sua estrutura\* dramática. No geral, é protagonizada por animais irracionais, cujo comportamento, preservando as características próprias, deixa transparecer uma alusão\*, via de regra satírica ou pedagógica aos seres humanos (Moisés, p.

O folheto se compõe em 62 duas estrofes sete silábicas, cuja distribuição dá-se por 434 versos. Podemos afirmar que o cordel assume um caráter de crítica e denúncia dos problemas encontrados na sociedade. O autor debruça-se, principalmente, sobre a alta classe, pois os personagens representam não individualidades, mas tipos comuns de profissionais ou grupos sociais, facilmente identificados na referida classe. É o que podemos conferir com as seguintes estrofes:

Lá pelos tempos do Bumba  
Quando os animais falavam  
Rei Leão mandava em tudo  
E os bichos não contestavam  
Pois Leão era carrasco  
Para não virar churrasco  
Os mais fracos se calavam

Somente o Marechal Tigre  
Pessoa de posição  
Ousava contrariar  
As ordens de Rei Leão  
(Pobre ficava calado,  
Seja qual for o estado  
Pobre não vence questão).

Vamos falar do Timbu  
Um velhaco interesseiro  
Malandro de profissão  
Jogador e cachaceiro  
Puxa-saco descarado  
Traficante, viciado.  
Delator e maconheiro

A Baronesa Raposa  
Todavia, mas, porém  
Apesar de fofqueira  
E caloteira também  
Tinha fortuna em dinheiro  
Aos olhos do mundo inteiro  
Era pessoa do bem.

Ainda sobre o tema, verificar-se que, ao longo dos seus mais de cem anos de histórias na literatura popular, o cordel sempre fez uso de temas sociais, alguns poetas inclusive se autodenominam como “porta voz do povo”. Mark j. Curran (1986), em sua obra *A sátira e a crítica social na literatura de cordel*, realizou uma série de entrevistas com poetas populares com o intuito de comprovar a sua teoria

de que o poeta popular “ é ligado estritamente ao povo e aos seus problemas devido a sua vida em comum, a sua tradição cultural e a sua condição social” (CURRAN,1986, p. 311).

Das perguntas elaboradas pelo pesquisador aos poetas, as mais relevantes foram: “1) O senhor considera-se porta-voz do povo? 2) São representados em sua poesia os problemas e as queixas do povo?” (1986, p.311). A maioria dos poetas entrevistados respondeu que não se consideravam representantes daquele. Embora todos, sem exceção, afirmaram ter compromisso em sua poesia de revelar as injustiças de ordem social cometidas contra o povo.

O poeta e editor José Costa Leite residente em Pernambuco não atribui para si a função de porta-voz do povo, embora se considere “um pequeno instrutor das classes mais humildes, homens do campo.” ((CURRAN, 1986, p. 311).

O estudo de Curran revela, desse modo, que os poetas populares, utilizam a literatura de cordel, também, com fins de denunciar as desigualdades de ordem social, além de reivindicar por melhorias neste setor.

No cordel em questão, fica claro, em várias passagens do poema, que o poeta constrói um narrador onisciente, que tudo vê e tudo sabe sobre os personagens da narrativa. Este revela-nos a degradação da sociedade, através do comportamento vil dos personagens. Vejamos as estrofes abaixo:

Para evitar um escândalo  
Ali naquele momento  
Rei Leão chamou Raposa  
Entraram em entendimento  
O acordo foi firmado:  
Encontrar um abestado  
Que a pedisse em casamento

Timbu, que não era besta  
Mas se fingia de cego  
Dizia com seus botões  
Eu sei de tudo não nego  
Isso são coisas do amor,

Eu serei embaixador  
No Reino da caixa prego!

O folheto apresenta 12 personagens que podem ser classificados em planas, isto porque durante a narrativa eles são previsíveis, não apresentando uma complexidade psicológica capaz de surpreender o leitor. Esta linearidade dos personagens é muito comum na literatura de cordel, uma vez que a brevidade da narrativa não possibilita a criação de personagens que apresentem uma complexidade psicológica maior.

Sobre o nome dos personagens, é importante ressaltar que embora os animais representem os tipos humanos, eles, de modo geral, não possuem nomes próprios, salvo o sonhim, que se chamava Paulo Pedrosa Paulino, além de jornalista, tornou-se o assassino do Timbu.

No poema em análise, os animais não se constituem em individualidades, mas em tipos humanos presentes na alta classe da sociedade, em sua maioria, reconhecidos pela posição social, pela profissão, pelo traço comportamental que são comuns a um dado grupo de indivíduos. Por esta razão, os personagens eram tratados na narrativa pelos títulos de nobreza, dos quais eram possuidores ou pela função desempenhada no campo profissional. Como podemos perceber nos seguintes trechos: "o Marechal Tigre", "A Baronesa Raposa", "Rei Leão", "Dom macaco", "A marquesa Dona Cobra", "mestre Tamanduá", "doutor Cururu", "O cabo surucucu"

Um outro ponto interessante é o fato do autor ter escolhido animais possuidores de algumas características, comumente, atribuídas a determinado tipo de comportamento humano, pelo senso comum. Por exemplo, em nossa sociedade, associa-se uma pessoa esperta a uma raposa, ou ainda no sentido depreciativo, quando um indivíduo possui um comportamento vil, afirma-se, de igual modo que ele

policial, dentre outros.

A sociedade no cordel representada retrata de forma alegórica a realidade brasileira. Para o poeta, contudo, essa realidade não pode ser alterada, uma vez que a ideologia pregada em toda a história é a de que: "... só vale quem tem/ (...) o mundo só prestigia/ Quem possui o que gastar (...)".

### 3. 2. 2. Quanto ao tempo e ao espaço

Na história, observamos que o tempo se configura, miticamente, de modo alegórico, cujo início é impossível de precisar: "Lá pelos tempos do Bumba/ Quando os animais falavam", como também cronológica e linear. Como podemos observar em diversos momentos: "*Raposa desde menina*", "*No outro dia (...)*", "*quando foi no outro dia*", "*Irá casar-se amanhã*", "*nesse tempo não havia*". Para Nunes (1980, p. 66), não existe a rigor um tempo mítico, isto por que:

O que quer que o mito narre, ele sempre conta o que se produziu num tempo único que ele mesmo instaura, e no qual aquilo que uma vez aconteceu continua se produzindo toda vez que é narrado, será mais correto dizer que o mito retrata um acontecimento genérico que não cessa de reproduzir-se: uma origem coletiva – tal o drama do Eden – e a repetição dessa origem – a nostalgia do *paraíso perdido num presente* intemporal, que se insinua na linha imutável da vida individual.

Quanto ao espaço, ele é imprescindível nas histórias narradas. Não se concebem histórias nas quais os personagens estejam à deriva, soltos no ar. Na presente história, os espaços são citados, sem, contudo, serem detalhados, de modo que é possível, apenas, enumerá-los: "altas rodas", "Europa", "a corte do Rei Leão", "capita do reinado", "a floresta", "igreja", "pé de laranja-lima, cadeia".

### 3.3. A CHEGADA DE LAMPIÃO NO INFERNO

está elaborado a partir de 31 estrofes escritas em setilhas sete silábicas, distribuídas por 217 versos. Este folheto já é considerado um clássico da literatura de cordel. O cangaço foi sem dúvida um dos temas mais recorrentes nesta literatura. Lampião desfila pelas páginas dos folhetos, ora como herói, espécie de Robin Hood brasileiro, ora como facínora, bandido, malfeitor da humanidade.

No caso do cordel em análise, o poeta brinca com a possibilidade de Lampião vencer até o Satanás no inferno, meio de ressaltar a astúcia desse personagem. Pacheco cria uma história cujo enredo está centrado na tentativa do rei do cangaço entrar à força no inferno, sem a permissão do chefe do lugar. Logo, o humor se estabelece, uma vez que fica subentendido, inicialmente, para o leitor, que a fama atribuída a Virgulino de desordeiro, diante dos crimes por ele cometidos, assusta até o próprio Satanás: "Lampião é um bandido/ Ladrão da honestidade / Só vem desmoralizar/ a minha propriedade/ E eu não vou procurar / Sarna pra mim coçar / sem haver necessidade".

A fim de impedir a entrada do cangaceiro em seu estabelecimento, o proprietário do inferno convoca toda sorte de demônios: jovens, velhos, moças e crianças para, em batalhão, enfrentarem a Virgulino. Arma-se, então o conflito, lampião põe fogo no inferno, espanta todos os colaboradores de Satanás e se retira vitorioso do local.

### 3. 3. 1. Quanto ao tema:

O tema, predominante, do folheto em questão, é o cangaço, contudo podemos detectar, facilmente, outros temas paralelos, que são de igual modo, trabalhados pelo poeta. A priori, temos a questão da religiosidade que se delineia a partir do título *A chegada de Lampião no inferno*. A crença numa região de

sofrimento na qual as almas, depois da morte, vão pagar pelos pecados cometidos, quando viviam na terra, sempre animou algumas religiões.

A crença numa região circunscrita, denominada de *inferno* é crença da maioria das religiões que se reconhecem como cristãs. Embora, no folheto de Pacheco, em nenhum momento, seja mencionado nome de religião. Para alguns pesquisadores, durante o apogeu de venda e produção dos cordéis a maioria dos temas religiosos, quando abordados no folheto quase sempre estavam vinculados à religião católica, isto porque a maioria dos leitores e produtores desse tipo de poema pertencia a esse universo religioso.

Em pesquisa realizada por Galvão (2002), acerca dos leitores e ouvintes do estado de Pernambuco, das décadas de 30 e 50 do século passado, a autora pode constatar que:

Todos os entrevistados disseram-se católicos. Zé Mariano e Zé Moreno afirmaram que os crentes não gostavam de folhetos, pois além de não se identificarem com os conteúdos das histórias dos gozadores dos “nova-ceita”, não se coadunavam com a maneira de viver dos poetas e também dos leitores / ouvintes, muitas vezes associadas à boemia. (GALVÃO, 2001, p.103)

A idéia de que almas de outro mundo possam se comunicar com o mundo dos vivos é outro pensamento bastante disseminado na cultura popular, mesmo que a rigor não seja aceita, oficialmente, pela igreja católica. Vejamos os versos abaixo:

Um cabra de Lampião  
 Por nome Pilão deitado  
 Que morreu numa trincheira  
 Em certo tempo passado  
 Agora pelo sertão  
 Ando Correndo visão  
 Fazendo mal-assombrado

E foi quem trouxe a notícia  
 Que viu Lampião chegar  
 (...)

A apropriação dos elementos tidos como religiosos, o aspecto de humor, e por que não dizer até de deboche com os elementos tidos como religiosos, colabora

com a descontração evidenciada no folheto.

O inferno é representado como um lugar que possui certa ordem e organização como verificadas nas cidades, lá inclusive seria desenvolvido o comércio como é sugerido nos seguintes versos: “O inferno neste dia / Faltou pouco pra virar / Incendiou o mercado...” O narrador prossegue dando notícia dos estragos realizados pelo rei do cangaço, nesta região de tormentos, mostrando que o lugar com a presença de Lampião tornou-se impossível e num tom hiperbólico e de deboche acrescenta: “morreu tanto cão queimado / que faz pena até contar”.

A possibilidade de matar aquele que simbolicamente já está morto, reforça o humor presente no cordel, além de colocar Virgulino numa situação de superioridade; mais do que herói, ele passa a posição de figura mítica. Se Satanás é a figura, para os cristãos, antagônica a Deus, uma vez derrotado por Lampião, este passa a ser visto como superior “as forças do mal”. Vejamos a estrofe que demonstra tal reflexão:

Satanás com esse incêndio  
Tocou um búzio chamando  
Correram todos os negros  
Os que estavam brigando  
Lampião pegou olhar  
Não viu mais com quem brigar  
Também foi se retirando

Houve grande prejuízo  
No inferno nesse dia  
Queimou-se todo dinheiro  
Que Satanás possuía  
Queimou-se o livro de pontos  
Perderam seiscentos contos  
Somente em mercadoria

A superioridade conferida a lampião, por derrotar a Satanás e seus comparsas, nos permite a seguinte observação: ora, se Virgulino está contra Satanás, ele estaria contra o mal e a favor do bem? Neste caso, a favor de Deus? Parece que as respostas a essas perguntas não podem ser dadas de modo

simplista, uma vez que a figura de Lampião no cordel parece subverter a idéia de bem e mal pregada pelas religiões. Entender lampião sob a égide do maniqueísmo religioso parece diminuir a representação de sua imagem, quer seja neste cordel, quer no meio social.

O cordel de Pacheco põe o cangaceiro numa posição de liberdade e autonomia, um fora da lei da justiça da terra e da justiça divina. Lampião não serve a Deus, nem ao demônio, mas serve a si mesmo e numa visão fantástica sobre o destino deste personagem, o autor sugere que ele possa estar no o sertão. Leiamos o que diz o autor sobre isso, na penúltima estrofe do poema:

Leitores vou terminar  
Tratando de lampião  
Muito embora que não posso  
Vos dar a resolução  
No inferno não ficou  
No céu também não chegou  
Por certo está no sertão

A morte desta personagem histórica aumentou a especulação em torno do cangaço e, por conseguinte de sua pessoa, de modo que depois de morto lampião continuou inspirando a cultura nordestina, e porque não dizer, brasileira, através da música, cinema, teatro. Sobre o assunto Pinheiro e Lúcio (2001, p.75) fazem o seguinte comentário:

Embora "bandido", e "ladrão da honestidade", lampião termina como herói, valente e brigão. Não chegou nem mesmo a purgar os seus pecados, não precisa pagar o que fez na terra, volta para o sertão, permanece na memória das pessoas. Depois de morto, deixa o sertão e invade as grandes cidades, torna-se personagem de cinema, é cantado pelos jovens do Nordeste. Todos sabem de suas maldades com os inimigos, com os moradores de sítios e fazendas, com as mulheres, mas a cada época a sua imagem assume novos significados. Lampião é imitado no jeito de se vestir, na sua postura diante da vida e da sociedade.

Além da temática religiosa, outros assuntos permeiam o poema como a crítica aos órgãos públicos, pois o inferno apresenta uma estrutura que sugere a mesma encontrada nos referidos órgãos. Façamos à leitura da estrofe que demonstra tal

crítica:

O vigia disse assim:  
 -Fique fora que eu entro  
 Vou conversar com o chefe  
 No gabinete do centro  
 Por certo ele não lhe quer  
 Mas conforme o que disser  
 Eu levo o senhor pra dentro

A problemática da seca é um tema bastante recorrente nos folhetos por afetar diretamente o povo nordestino. De modo geral, a literatura de cordel sempre abordou temas ligados aos tempos difíceis, elabora críticas à desigualdade social, a injustiça de ordem política e econômica, para isso se utiliza, muitas vezes da sátira. Aqui Pacheco faz alusão à seca enfrentada pelo nordestino a partir das queixas de Satanás:

Reclama Satanás:  
 - Horror maior não precisa  
 Os anos ruins de safra  
 E mais agora essa pisa  
 Se não houver bom inverno  
 Tão cedo aqui no inferno  
 Ninguém compra uma camisa

Diante da construção humana do inferno, apresentada pelo narrador, o leitor pode depreender que este não é um lugar tão ruim como sempre foi dito, afinal de contas tudo que encontramos aqui pode ser encontrado lá, pelos menos na ficção: mercado, padaria, dinheiro, repartições públicas, secas; ou ainda tantas semelhanças sugeridas, levam a deduzir que o inferno é aqui agora.

### 3. 3. 2. Caracterização das personagens

Na presente narração, podemos destacar, inicialmente, dois personagens: Lampião, protagonista da história e Satanás, o antagonista que tenta a todo custo impedir que o cangaceiro entre em sua propriedade. Além de Satanás, observamos

que a tropa de demônios comandada por este último, forma uma “verdadeira legião”, igualmente disposta a fazer oposição ao personagem principal. Segue abaixo a 19ª estrofe que demonstra tal passagem:

Quando Lampião deu fé  
Da tropa negra encostada  
Disse: só na abissínia  
Oh! Tropa preta danada  
O chefe do batalhão  
Gritou: as armas na mão  
Toca-lhe fogo negrada!

Na composição das personagens, verificamos que Lampião é descrito como o herói, valente, brigão e desordeiro. Já Satanás mostra-se temeroso, esconde-se atrás de seus subordinados e evita o confronto direto com cangaceiro, comandando a luta à distancia, na condição de autor intelectual do enfrentamento, pode inspirar certa covardia para o leitor. Como podemos conferir nas estrofes abaixo, que revelam características dos personagens:

Lampião disse: - vá logo  
Quem conversa perde hora  
Vá depressa e volte já  
Eu quero pouca demora  
Se não me derem ingresso  
Eu viro tudo asavesso  
Toco fogo e vou embora

Lúcifer mais Satanás  
Vieram olhar o terraço  
Todos contra Lampião  
De cacete, faca e braço  
O comandante no grito  
Dizia: - briga bonito  
Negrada, chega-lhe o aço

São inúmeros os personagens secundários deste folheto; destacamos a atuação de Pilão Deitado, personagem citado pelo narrador e o vigia que recepciona lampião na porta do inferno, além da infinidade de demônios que são apenas citados.

No folheto, a descrição acerca do personagem Pilão Deitado assume,

contextualmente, um aspecto de humor. Já o vigia é descrito como sendo jovem, além de educado, parece não levar “desaforo” para casa, mostrando coragem e até ousadia diante da figura de lampião. Vejamos as estrofes abaixo:

Vamos tratar da chegada  
Quando lampião bateu  
Um moleque ainda moço  
Na porta apareceu  
-Quem é você cavaleiro?  
-Moleque eu sou cangaceiro  
Lampião lhe respondeu

-Moleque não! Sou vigia  
E não sou seu parceiro  
E você aqui não entra  
Sem dizer quem é primeiro  
Saiba que sou Lampião  
Assombro do mundo inteiro

O vigia disse assim:  
-Fique fora que eu entro  
Vou conversar com o chefe  
No gabinete do centro  
Por certo ele não lhe quer  
Mas conforme o que disser  
Eu levo o senhor pra dentro

Ainda sobre a caracterização dos personagens secundários, que participam da luta contra Lampião, observamos que esta se dá a partir da 3ª estrofe. Inicialmente, nos chama atenção o nome dos personagens pelo inusitado, porque não dizer pela extravagância que acaba revelando possíveis características físicas ou psicológicas destes personagens. Segue abaixo a 3ª estrofe:

Morreu a mãe de canguinha  
O pai de Forrobodó  
Três netos de Parafuso  
Um Cão chamado Cotó  
Escapuliu boca Ensossa  
E uma diabinha moça  
Quase queimava o totó

Outra característica física sobre a representação dos demônios, é que todos são representados como negros, demonstrando, dessa forma, um forte preconceito étnico, comum à época e que infelizmente se estende, ainda, em dias atuais.

Vejamos alguns versos das estrofes 4<sup>a</sup>, 14<sup>a</sup>, 15<sup>a</sup>, 19<sup>a</sup>, 20<sup>a</sup> respectivamente, que apontam para tal preconceito:

Morreram 10 negros velhos  
 Que não trabalhavam mais  
 (...)  
 Leve 3 dúzias de negros  
 Entre homem e mulher  
 (...)  
 E reuniram-se a negrada  
 (...)  
 Quando lampião deu fé  
 da tropa negra encostada  
 (...)  
 Oh! Tropa preta danada  
 (...)

Tinha um negro nesse meio  
 Que durante o tiroteio  
 Brigou tomando tabaco

Assim, o narrador prossegue sempre se referindo aos demônios da história como pertencentes à raça negra. Este fato é muito comum na literatura de cordel, pois “Como muitos estudos já mostraram, o preconceito contra o negro e o índio está presente, de maneira marcante, em muitos folhetos”. (GALVÃO, 2001, p.99-100).

Em entrevista realizada por Galvão com os poetas e leitores/ouvintes de folheto do Recife, de meados do século XX, muitos afirmaram que os negros ouviam as histórias e compravam os folhetos, porque achavam “natural”, comum que o negro fosse destrato nas histórias lidas, da mesma forma que a mulher. É como se o preconceito fosse algo “cultural”, de modo que as pessoas o aceitavam passivamente. Para Zé Moreno, conforme Galvão( 2001, p.100-101):

hoje é que a consciência negra tá se acordando e tá lutando, danadamente. E que tava muito próximo da escravidão, né? Eles tavam querendo mais se afirmar, que tinha sido do cativo. Mas agora não, eles tão consciente de que tem seu lugar no céu, porque tem mesmo...

### 3. 3. 3. Aspectos da linguagem

Quanto à linguagem, observamos que o folheto quase não possui pontuação, mostrando que esse gênero conserva uma forte marca da oralidade, uma vez que eram elaborados para serem declamados em reuniões familiares, feiras, sempre visando a um público leitor/ouvinte. Um outro fato específico do folheto em questão é que a pouca pontuação permite uma maior fluidez das ações narradas, em quase todas as estrofes verifica-se, apenas o uso do ponto final, como pode ser verificada na estrofe abaixo:

E reuniram-se a negrada  
 Primeiro chegou fuchico  
 com o bacamarte velho  
 gritando por cão de bico  
 Que trouxesse o pau de prensa  
 E fosse chamar Tangença  
 em casa de maçarico.

O uso de apelidos, em lugar do nome próprio, é uma marca comum da região Nordeste, também evidenciada entre os personagens da história, a exemplo do próprio Virgulino Ferreira da Silva, Lampião. No poema, também podemos encontrar alguns vocábulos bastante utilizados entre os nordestinos, como: “pisa”, “terreiro”, “se dana”, “danada”. Outros, inclusive, grafados no português informal: “malassombrado”, “asavesso”, “fuchico”.

### 3. 3. 4. Sobre o tempo e o espaço

Em *A chegada de Lampião no inferno* O narrador apresenta a sucessão de fatos ocorridos no passado. Para isso, alterna os acontecimentos entre pretérito perfeito e pretérito imperfeito: “... morreu numa trincheira”, “faltou poço pra virar”,

“morreram cem negros velhos...”, “Uma moleca moça quase *queimava* o totó”. O presente aparece no poema, apenas quando o narrador apresenta alguns diálogos realizados pelos personagens: “Quem é você cavaleiro?” / “Moleque, eu *sou* cangaceiro”. Há outros indícios textuais da marca do tempo, como o emprego de alguns advérbios: “*quando* Lampião bateu”, “*Agora* a ripa vadeia”. Embora não tenhamos encontrado referência a dia, mês ou ano, os elementos acima citados, permitem observar uma linearidade no tempo, por esta razão ele pode ser classificado como cronológico.

Isso nos sugere, ainda, que ao tempo cronológico soma-se o tempo imaginário, revelado pelo caráter fantástico da história narrada, como também o tempo histórico, por fazer menção, mesmo que de modo ficcional, a um personagem histórico. Em função disto, podemos verificar, conforme Nunes (1988, p. 74) que:

Embora a palavra “tempo” tenha um pendor para significar uma única realidade, não é menos um termo polissêmico com que se harmoniza a conceituação de um termo plural, como conjunto de relações variáveis entre acontecimentos, com apoio na experiência interna ou externa, na cultura ou na vida social e histórica.”

O espaço, talvez seja um dos elementos mais importantes desta narrativa, uma vez que instiga a leitura do folheto, por criar expectativas e clima de tensão no leitor. Esta expectativa se delinea a partir do título que já traz em si o indicativo do espaço, onde a história se desenrolará. A surpresa intensifica-se, pelo fato do narrador, aos poucos, apresentar um inferno semelhante à organização de uma cidade, mas não a qualquer cidade. A região descrita não se trata do brejo ou litoral, mas do Sertão. Os moradores, o modo de falar, os hábitos, os problemas como a seca, tudo leva o leitor a transitar livremente por este espaço no qual ele pode se reconhecer, haja vista que durante muito tempo os cordelistas e leitores/ouvintes eram oriundos de regiões campesinas.

## CAPÍTULO IV –

### **Leitores da comunidade:** entre o riso, o silêncio e o encantamento

#### 4.1. BREVE COMENTÁRIO SOBRE A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

Segundo Zilberman (2002), a década de 60 foi, indiscutivelmente, uma época marcada por várias transformações nos diferentes campos do conhecimento humano. Momento em que os modelos de estudos consagrados no âmbito acadêmico começavam a ser questionados. Foi, justamente, neste período que Hans Robert Jauss, juntamente com outros estudiosos da arte literária, começaram a rever os métodos de estudo que vigoravam na Alemanha e refletiam, por conseguinte, a metodologia empregada em todo ocidente.

Em conferência, na cidade de Constança, em 1967, Jauss apresenta o ensaio *Provocação* que já pré-anuncia suas inquietações enquanto professor, pesquisador e demais estudiosos que se mostrem desejosos de um novo olhar sobre as investigações literárias. Assim, o leitor passa a ganhar voz no campo da literatura, redimensionando estudo dessa arte, visto que, com a estética da recepção, são levados em consideração os horizontes de expectativas dos leitores, focalizando a recepção da obra literária, por parte destes, a partir do efeito que ela cause no público alvo.

A proposta de trabalho de Jauss (1994, p.51) está dividida em sete teses que norteiam a metodologia da teoria já citada. De acordo com esse teórico, em sua sétima tese, a história da literatura só cumpre com o seu papel quando:

(...) a produção literária é não apenas apresentada sincrônica e diacronicamente na sucessão de seus sistemas, mas vista também como história particular, em sua relação própria com a historiografia geral. Tal relação não se esgota no fato de podermos encontrar na literatura de todas as épocas um quadro tipificado, idealizado, satírico ou utópico da vida social. A função social somente se manifesta na plenitude de suas expectativa de sua vida prática, pré-formando seu entendimento do mundo e, assim, retroagindo sobre seu comportamento social. (JAUSS, 1994, p.51)

Para se ter tal visão, acerca da história da literatura, tem que se levar em consideração o caráter aberto da obra literária, que permite a projeção do leitor. Nas conjecturas de Bosi (2002, p.39) sobre o assunto, o pesquisador lembra que “a literatura não é só, nem principalmente, o espelho das estruturas dominantes, mas um campo minado de tensões. O grande escritor é uma antena capaz de apreender os sinais de fratura entre épocas, entre classe, entre grupos e entre indivíduos”. E é justamente neste campo de tensões que o leitor se insere, partindo da sua “história particular” de sujeito, na qual são acionados mecanismos diversos de ordem histórico-político e sociocultural, que o permite interagir de modo singular no ato de leitura de uma determinada obra literária. Sobre o papel da leitura e do leitor para obra literária Sartre (1989, p.37), em reflexões anteriores à estética da recepção, discorre:

A leitura, de fato parece ser a síntese da percepção e da criação; ela coloca ao mesmo tempo a essencialidade do sujeito e objeto. O objeto é essencial porque é rigorosamente transcendente, porque impõe suas estruturas próprias e porque se deve esperá-lo e observá-lo; mas o sujeito também é essencial porque é necessário, não só para desvendar o objeto (isto é, para fazer com que *haja* um objeto), mas também para que esse objeto seja em termos absolutos (isto é, para produzi-lo). Em suma, o leitor tem consciência de desvendar e ao mesmo tempo de criar; de desvendar criando, de criar pelo desvendamento.

Contudo, mesmo com o enfoque que é atribuído ao papel do leitor, com a estética da recepção e outras abordagens que destacam a relevância dessa peça primordial no processo de leitura, as atenções ainda gravitam em torno do texto-autor, visto que o leitor sai de cena.

Atualmente, a divulgação da estética da recepção e de outras teorias que valorizem o leitor tem ganhado espaço no meio acadêmico, o que proporciona uma postura reflexiva em torno da prática do professor/pesquisador. Todavia, essa teoria não tem sido devidamente trabalhada em sala de aula no que diz respeito à abordagem

do texto literário. Segundo Jauss (1994, p. 32) só a partir da receptividade de uma obra realizada por seus leitores é que se pode medir o seu valor estético. Este efeito pode contrariar, afirmar, reforçar a expectativa do público leitor.

Iser (1979), outro teórico da Escola de Constância, se apropria desses conceitos para mostrar que todo texto literário possui vazios, lacunas que poderão ser preenchidas a partir da relação de interação que o leitor manterá com o texto. Para o autor, a comunicação só se estabelecer entre texto e leitor, quando de fato essas lacunas são preenchidas, na medida em que “os vazios textuais são assimetria fundamental entre texto e leitor, originam a comunicação no processo de leitura” (ISER, 1979, p.88).

Por este motivo, o professor deve sondar o universo de expectativa de seus alunos, atentando para o contexto no qual eles estão inseridos. Desse modo, ele poderá proporcionar leituras em que se estabeleçam a comunicação entre as duas instâncias, texto e leitor.

Além dessa perspectiva contextual, conforme Iser (*op.cit* p.91), há de se atentar para construção interativa que se estabelece entre texto e leitor a partir da negação.

Os vazios e as negações contribuem de diversos modos para o processo de comunicação que se desenrola, mas em conjunto, têm como efeito final aparecerem como estâncias de controle. Os vazios possibilitam as relações entre as perspectivas de representações e incitam o leitor a coordenar estas perspectivas. Os vários tipos de negação invocam elementos conhecidos ou determinados para suprimi-los; o que é suprimido, contudo, permanece à vista e assim provoca modificações na atitude do leitor quanto a seu valor negado. As negações, portanto, provocam o leitor a situar-se perante o texto.

Através destas duas instâncias, vazios e negações, presentes no texto, o leitor pode se projetar dialogando com o texto, constituindo, assim, o processo de interação textual. É nesse processo dialético do ato de ler que não se pode perder de vista o prazer estético. Jauss (1979, p.81), Inicialmente, baseado em Aristóteles,

apresenta três categorias fundamentais da fruição estética: a *poiesis*, a *aisthesis* e a *katharsis*.

A primeira, a *poiesis*, é compreendida no sentido da “faculdade poética”, o prazer ante a obra que nós mesmos realizamos. Já a *aisthesis*: designa o prazer estético, explicado através da dupla razão do prazer ante o imitado, compreende como contemplação desinteressada da plenitude do objeto. Enquanto *Katharsis* constitui o prazer dos afetos provocado pelo discurso ou pela poesia, capaz de conduzir o ouvinte, tanto à transformação de suas convicções, quanto à liberação de sua psique; corresponde tanto à tarefa prática das artes como função social, quanto à determinação ideal de toda arte autônoma. Estas três categorias, contudo, são divididas apenas para fins didáticos e não devem ser vista em hierarquias, uma vez que: “não se subordinam umas às outras, mas podem estabelecer relações de seqüência” (JAUSS, 1979, p.81).

#### 4. 2. VIAGEM A SÃO SARUÊ: UMA EXPERIÊNCIA MEDIADA PELO RISO

Apresentaremos de modo analítico, as experiências de leitura com a literatura de cordel desenvolvida no Bairro das Cidades, nos meses de Maio e Julho de 2007. As Atividades se encerraram no mês de Agosto, do referido ano com a apresentação do folheto *O Gostosão*, de Maria Godilivie. Inicialmente, nos detemos ao relato da experiência, mostrando como se deu a participação do grupo, mediante a recepção das obras.

Observamos a recepção dos participantes com base nas reações individuais e coletivas diante dos poemas lidos. Para tanto, analisamos a interação entre texto e leitor a partir das intervenções como riso, comentários, críticas “favoráveis” ao texto,

silêncio, ou negação, observada através da apatia, do silêncio, da crítica “desfavorável” ao texto.

Para analisarmos os dados coletados, lançamos mão de alguns conceitos da estética da recepção, a partir das reflexões de Iser (1979), quando este discorre sobre os *vazios* que todo texto possui e que, preenchidos pelo leitor, possibilitam a interação entre texto-leitor. Apoiaremos-nos, também, em Jauss (1979) quando o pesquisador discute o conceito de *horizonte de expectativa* e a possibilidade de rompimento. Os estudos de Chartier (2002) sobre *comunidade de leitores*, também nos foram úteis no planejamento e elaboração deste trabalho.

No primeiro encontro, realizado no dia treze de Maio do ano de 2007, os jovens, em sua maioria, se mostraram, inicialmente, bastante tímidos. Observamos que eles interagiam entre si, mas, alguns de cabeça baixa, evitavam nos olhar. Expressavam, assim, a pouca familiaridade conosco, visto que éramos, até então, para a maioria, “uma estranha” na comunidade. Outros, mais ativos, advertiam os mais novos, pedindo para que eles pudessem participar naturalmente, sem timidez, já demonstrando certa liderança, além de se expressarem e se deslocarem, quando necessário, com maior facilidade.

Os convidamos a por as cadeiras em círculo e começamos a nos apresentar. Boa parte dos participantes já nos conhecia da semana anterior, quando havia sido preenchida a ficha de inscrição; outros estavam chegando naquele momento. Pedimos para que eles também se apresentassem. Alguns não conseguiram dizer o nome. As atividades eram mediadas com ajuda de Danilo – um dos colaboradores da pesquisa –, jovem bastante dinâmico, como pudemos perceber depois. Mais tarde, ficamos sabendo que ele era o catequista de muitos participantes ali presentes, além de atuar nas atividades do clube de mães.

Antes de distribuir o folheto, convidamos *Dona Severina* para filmar a experiência; a maioria teve logo uma reação contrária diante do equipamento, diziam que não queriam ser filmados, outros, poucos, gostaram da idéia. Explicamos os motivos pelos quais teríamos de filmar. Devemos ressaltar que a presença da câmara só causou transtorno no início, logo em seguida eles se portaram de modo natural.

Dando sequência, distribuímos o cordel *Viagem a São Saruê* e pedimos para que ninguém o folheasse. Convidamos todos a ler o nome do cordel e prestar atenção na ilustração da capa. Perguntamos quem já conhecia a história, e o lugar, e se, por exemplo, sabiam em que continente ficava São Saruê. Ninguém conhecia a história. Sugerimos, então, que eles escolhessem um veículo para chegar ao lugar. Cláudia, uma das participantes, disse que ia de avião, Dona Severina disse que ia de Navio, outro participante disse que ia de Jumento. Logo o humor tomou conta e todos nós, rimos.

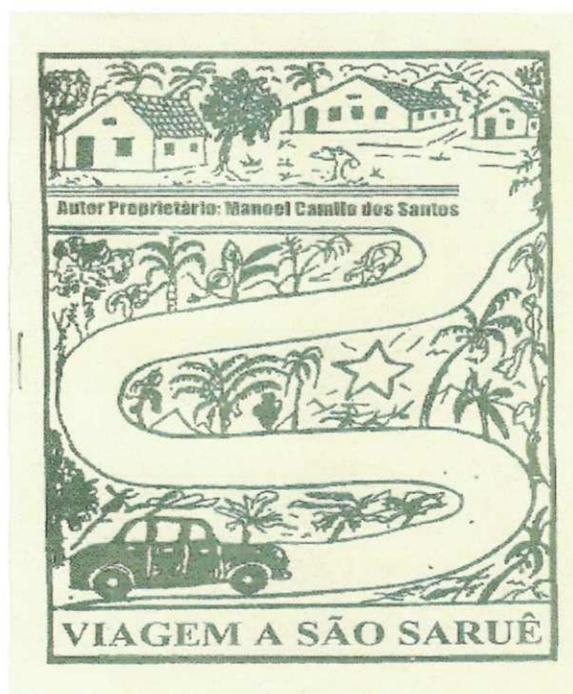


Fig. 5- Capa do folheto Viagem a São Saruê

Ao tomarmos como ponto de partida da experiência, a leitura da capa, começamos a desconfiar de que o cordel teria uma boa recepção por parte do grupo, uma vez que o título despertou interesse nos leitores. Estes embarcaram na fantasia proposta pela história, ao escolherem o veículo que iriam transportá-los a São Saruê, também se mostraram curiosos com relação à localização do país, visto que ninguém conseguia identificá-lo geograficamente.

Neste sentido, constatamos que o processo comunicativo entre texto e leitor, já havia se estabelecido, “Como atividade comandada pelo texto, a leitura une o processamento do texto ao efeito sobre o leitor” (ISER, 1979, p.83). Esta influência recíproca é descrita como interação. Logo, a participação dos jovens do Bairro das Cidades com relação às discussões em torno do título e imagem da capa, já apontava para o feito do texto literário sobre aquele grupo de jovens leitores.

 Um outro aspecto que destacamos sobre a recepção é o suporte no qual texto se apresenta, pois este pode influenciar e determinar a recepção do leitor. No entender de Chartier (1999, p.17 ):

Deve-se lembrar que não existe texto fora do suporte que o dar a ler (ou a ouvir), e sublinhar o fato de que não existe compreensão de um texto, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele atinge seu leitor [...] Os autores não escrevem livros: não, eles escrevem textos que se tornam objetos escritos, manuscritos gravados, impressos e, hoje, informatizados. Essa clivagem, espaço onde, aliás, constrói-se um sentido, foi durante muito tempo, esquecida.

Com base nas reflexões de Chartier, acerca do suporte no qual o texto se apresenta, pudemos verificar que a obra *Viagem a São Saruê* não teria a mesma recepção caso se apresentasse digitada em folha ofício, recurso comumente utilizado pelos professores, em sala de aula, isto porque nem sempre a escola dispõe da quantidade de exemplares dos poemas suficientes para os alunos. E mesmo no caso do cordel, que possui um baixo custo financeiro – hoje ele é vendido por um real em

nossa cidade –, os alunos, principalmente, oriundos de escolas públicas, às vezes alegam não dispor do dinheiro para adquiri-lo.

Obviamente que, na falta de meios para trabalhar com o texto no suporte, que lhe é peculiar, o professor/pesquisador não deve deixar de oportunizar a experiência de leitura estética aos alunos/leitores. Contudo, enfatizamos que, no caso do cordel, pelo colorido de sua capa e pela presença da xilogravura, toda a composição de texto contribui para uma melhor leitura e entendimento do gênero. Por isso acreditamos que não devemos desprezar as suas formas tipográficas.

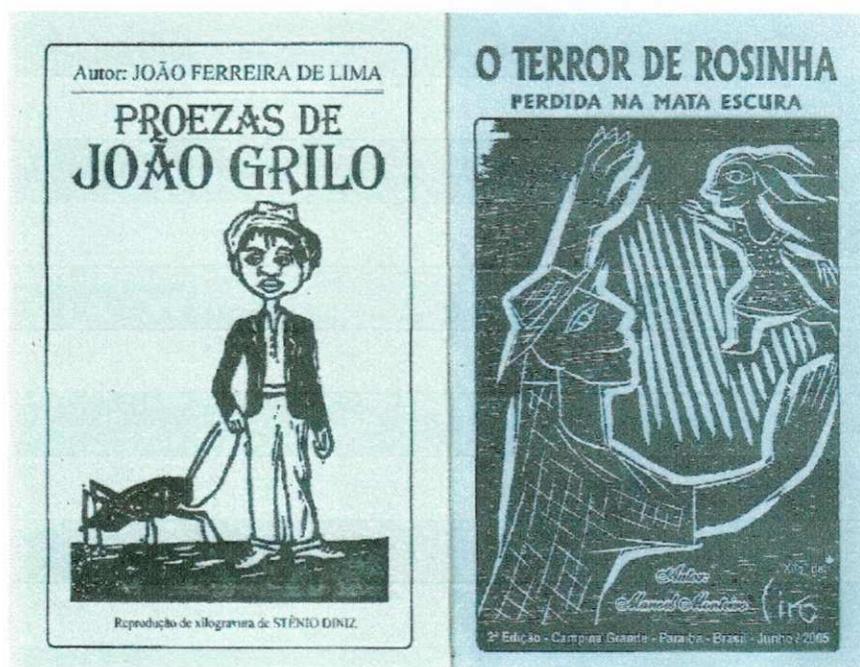


Fig. 6- Forma tipográfica que se apresenta o folheto



Fig. 7- Forma tipográfica que se apresenta o folheto

No caso de *Viagem a São saruê*, verificamos que a presença do folheto em seu suporte original possibilitou, inclusive, a ampliação da proposta de leitura para o primeiro encontro (como descreveremos mais adiante), porque o cordel possuía mais dois poemas em sua ordenação, que foram, também, lidos. Esta inserção de mais de um poema em um mesmo cordel é utilizada por alguns poetas/editores ou codificadores de cordel.

Iniciamos a leitura e pedimos para que cada um abrisse o folheto. Embora tivéssemos planejado que iríamos realizar a leitura, perguntamos quem gostaria de iniciar, para observar a reação deles. Para nossa surpresa, a reação de recusa foi mais intensa do que a verificada em relação à filmagem, em que quase todos protestaram. Pudemos perceber isso, por exemplo, com a colaboradora *Carmem*, uma jovem de 22 anos que estava cursando o 3º ano do ensino médio, ao alegar que nunca lia em sala de aula. Iniciamos a leitura e verificamos que a atividade ia transcorrendo em silêncio, talvez pelo fato de que as nove (09) primeiras estrofes assumem um tom lírico-solene, como constatamos na terceira e quarta estrofes, respectivamente:

Iniciei a viagem  
as quatro da madrugada

tomei o carro da brisa  
 passei pela alvorada  
 junto do quebrar da barra  
 eu vi a aurora abismada.

Pela aragem matutina  
 eu avistei bem de frente  
 a irmã da linda aurora  
 que se banhava na fonte  
 já o sol vinha espagindo  
 no além do horizonte.

Contudo, quando chegamos na 10ª estrofe, na qual o poeta começa a descrever a cidade, os risos começaram surgir. Eles realizaram intervenções com os seguintes comentários “Tá, que lugar bom danado”, “eu quero ir pra lá”, “eu também”. À medida que a timidez ia ficando para trás, percebemos que a recepção havia modificado, naquele momento, o comportamento do grupo. Outros, embora rissem, pediam silêncio para não atrapalhar a leitura. Eles silenciavam, mas tornavam a rir e a participar com novos comentários: “[...] e ninguém rouba, não é [...] todinha de ouro!”, “[...] se todo mundo é rico, pra que roubar!”. Transcrevemos abaixo a décima estrofe (10ª):

Avistei uma cidade  
 como nunca vi outra igual  
 toda coberta de ouro  
 e farrada de cristal  
 ali não existe pobre  
 é tudo rico em geral

Esta mudança no comportamento do grupo a partir da leitura literária, para a nossa experiência, é bastante significativa uma vez que, de acordo com Zilberman (1989, p.49), o conceito de leitor de Jauss baseia-se em duas categorias:

a de horizonte de expectativas, misto dos códigos vigentes e da soma das experiências acumuladas: e da emancipação, entendida como efeito alcançado pela arte que libera seu destinatário das percepções usuais e confere-lhe nova visão da realidade”.

se o crescimento intelectual deles, além de contribuir para que estes mesmos leitores tornem-se sujeitos ativos do contexto sócio-cultural no qual estão inseridos.

A experiência que a obra literária proporciona aos leitores dá-se, no pensamento de Bosi (2003, p.08-09), pela "singularidade infinita e indefinida da obra literária" que reflete "a individualidade irredutível de cada autor". Para Bosi a literatura entra no contexto histórico, mas o atravessa, o transcende e, por isso, atinge a característica de arte. Para Candido (2004, p. 175) "A literatura é um instrumento poderoso de instrução e educação - equipamento intelectual e afetivo (...), ela confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a oportunidade de vivermos dialeticamente o problema".

Daí porque, podemos, conforme Candido, afirmar que a literatura possui um caráter humanizador e pedagógico, que pode ser vivenciado pelos professores em sala de aula ou fora dela, acima de tudo por cada leitor.

Um dos participantes, *João* – outro colaborador –, ao chegar na 14<sup>o</sup> estrofe, exclamou: "uma casa dessa, oxe! Eu vendia"! E novas gargalhadas romperam no local. Percebemos que o ambiente estava mediado pelo riso que o cordel provocava. As participações quase sempre produziam novos risos, e isto não exatamente pelo que era dito, mas como era dito, estimulado, obviamente, pelo humor que eles viram no poema.

Lá os tijolos das casas  
são de cristal e marfim  
as portas barras de prata  
Fechadura de "rubim"  
As telhas folhas de ouro  
e o piso de cetim  
( 14<sup>o</sup> estrofe )

O humor pode ser uma importante porta de entrada para despertar no leitor o gosto pela leitura. Num mundo cheio de injustiças de ordem política e social, rir, mais do que desafio, torna-se um ato de resistência e contestação. Por esta razão, o papel desempenhado pelo humor assume um caráter de irreverência, rebeldia, de liberdade,

às vezes não tão bem vivenciado por poemas considerados sérios. Desse modo, o humor acaba por provocar a desestabilização de estruturas formais, como a ordem econômica, as relações trabalhistas e sociais, por revelar as fragilidades em que se alicerçam essas estruturas. Isto pode ser comprovado com a leitura das 21ª e 22ª estrofes, respectivamente, que transcrevemos abaixo:

Lá os pés de casimira  
Brim, bochacha e tropical,  
De nycron, belga e linho  
E o famoso diagonal  
Já botam as roupas prontas  
Próprias para o pessoal

Os pés de chapéu de massa  
São grandes e carregados  
Os de sapato da moda  
Têm cada chachos "aloprados"  
Os pés de meia de seda  
Chega vive "encangalhado"

No caso das estrofes acima transcritas, o riso surge pelo fato de se imaginar que no mundo como São Saruê, a preocupação com roupas, sapatos e acessórios não faz parte da vida dos moradores, uma vez que tudo é fornecido pela natureza. Logo as indústrias têxteis, lojas, Shoppings centers não existiriam. Ora, se tudo é dado sem esforço dos habitantes, logo também não haveria necessidade de se trabalhar.

Fica claro, com isso, que no poema as principais atividades do sistema capitalista são abolidas, e com elas o trabalho, o cansaço e o estresse. Por esta razão, alguns participantes fizeram os seguintes comentários: "desse jeito, então, ninguém precisava trabalhar", "nem gastar dinheiro". "... e todo mundo ia ter roupa boa". Talvez tenha sido todo esse poder conferido ao riso que o levou a ser banido das esferas oficiais ideológicas da idade média, uma forma de manter uma suposta ordem. Sobre esse fato comenta Bakhtin (1996, p. 63):

o riso na Idade Média estava relegado para fora de todas as esferas sociais da ideologia e de todas as formas oficiais, rigorosas, da

vida, do comércio humano. O riso tinha sido expurgado do culto religioso, do cerimonial feudal e estatal, da etiqueta social e de todos os gêneros da ideologia elevada. O tom sério exclusivo caracteriza a cultura medieval oficial.

No caso do mundo proposto pelo poema é perceptível que rir é questionar os modelos pré-estabelecidos pela organização social, pois a sugestão de um mundo às avessas, afronta as regras do mundo capitalista, criando um mundo utópico e politicamente anárquico, provocando no leitor a reflexão acerca da realidade a partir da comparação que se estabelece entre o mundo fantástico e o mundo real.

Um outro momento significativo da leitura foi quando lemos as 24ª e 25ª estrofes, nas quais o poeta menciona a forma como os moradores de São Saruê adquirem dinheiro. Novas intervenções surgiram, risos e comentários em disparada "ah, se arranjo uma mudinha dessa pra plantar no meu quintal"! "Seria bom se fosse de verdade"!

Sítios de pés de dinheiro  
Que faz chamar atenção  
Os cachos de notas grandes  
Chega arrastam pelo chão  
As moitas de prata e ouro  
São mesmo que algodão.

Os pés de notas de mil  
Carrega chega encapota  
Pode tirar-se a vontade  
Quanto mais tira mais bota  
Além dos cachos que tem  
Casca e folha tudo é nota.

Na sociedade capitalista, na qual vivemos, as pessoas quase sempre são motivadas pelo desejo desenfreado de consumir, de possuir os bens produzidos pela indústria do consumo e veiculados pela mídia, principal mantenedora da cultura de massas.

Assim, a busca pelo dinheiro torna-se uma constante entre os indivíduos. Imaginar um país, onde o dinheiro poderia ser adquirido sem muito esforço, é por às avessas a ordem "desordenada" do capitalismo. Por esse motivo, existe a possibilidade

próprio sistema, só o podem ser por meio de outro sistema. Quando isso sucede, se inicia a atividade de constituição, pela qual os vazios funcionam como um comutador central de interação entre texto e leitor.

Ressaltamos, mais uma vez, a importância do humor presente no texto para a experiência desenvolvida, uma vez que ele possibilitou uma maior interação entre obra e leitor e, conseqüentemente, uma boa comunicação entre ambos, tornando, assim, a atividade de leitura, prazerosa. Sobre a função do prazer presente no texto literário, Barthes (1999, p.35) revela a existência de três modos de prazer de ler:

O primeiro modo, o leitor tem, com o texto lido, uma relação feiticista: sente prazer com as palavras, com certos arranjos de palavras; desenham-se no texto praias, ilhas em cujo fascínio o sujeito se abisma, se perde: tratar-se-ia de um tipo de leitura metafórica ou poética; para desfrutar deste prazer, será necessário uma longa cultura de linguagem? Não é certo: mesmo a criança muito jovem, no momento do balbucio, conhece o erotismo da palavra, prática oral e sonora oferecida a pulsão. De acordo, com o segundo modo oposto ao primeiro, o leitor é de alguma maneira puxado para frente ao longo do livro, por uma força que está sempre ou mais ou menos disfarçada, da ordem do *suspense*: o livro é abolido pouco a pouco, e é nessa usura, impaciente, arrebatadora que reside a fruição [...] trata-se do prazer metonímico [...]

Sobre os tipos de leitura, descritos por Barthes, acreditamos que eles não se desenvolvem de forma separada, pois numa mesma leitura podemos fazer uso de todas as formas. Na experiência, aqui descrita, pudemos verificar os dois primeiros tipos de leitura em que os participantes, ora se mostravam envolvidos pela construção das imagens poéticas, ora curiosos pela descrição de um mundo tão fantástico, como o proposto em São Saruê.

Daí, porque, a necessidade da realização leitura em voz alta do texto poético, cuja prática, quando realizada com adequação, possibilita uma melhor fruição da poesia e um envolvimento maior dos leitores/participantes. Nas reflexões sobre esse assunto Hélder (2002, p. 32) adverte:

A leitura que não seja minimamente adequada compromete a apreciação e o reconhecimento do valor da obra. Ler em voz alta é um modo de acertar a leitura, de adequar a percepção a uma realização

objetiva. Portanto não é tarefa ligeira. É preciso de ler e reler o poema, valorizar determinadas palavras, descobrir as pausas adequadas, e, o que não é fácil, adequar a leitura ao tom do poema.

Um outro ponto interessante destacado pelos participantes foi a presença de imagens internas no folheto.

**João** afirmou: “O que me chamou atenção foram os desenhos junto com o poema, eu já tinha lido outros cordéis na escola, mas só tinha desenho na capa, esse não, é diferente possui desenhos dentro e fora do folheto”.

**A pesquisadora** perguntou: “Qual a função das imagens internas na história? Teriam alguma função?”.

**Renato** respondeu: “Acho que com os desenhos fica mais fácil da gente imaginar como era o país”.

Concordamos com a resposta dada pelo participante, enfatizando que as imagens aparecem como um recurso que reforça, ainda mais, as descrições realizadas pelo poeta. Contudo, a presença das ilustrações no corpus do folheto poderia ser retirada do texto sem comprometer a obra e sua recepção.

O comentário do participante para nós foi importante por revelar já a sua vivência com o folheto, de modo que, para ele, as ilustrações não passaram despercebidas, pois não é uma tradição na literatura de cordel o uso de imagens internas:



Fig. 8 Xilogravuras no corpus do folheto

Após a leitura do folheto *Viagem a São Saruê*, propomos um debate sobre esse cordel. Contudo, os participantes lançaram outra proposta: a de lermos logo os poemas *Cabôca do Ciará* e *Carta matuta*, ambos do poeta Zé da Luz e que estavam presentes no mesmo folheto do primeiro poema lido. Havíamos nos programado para lê-los também, mas só após o debate. Acabamos concordando por verificar que a curiosidade, o interesse tinham sido aguçados a partir da leitura do primeiro poema. As leituras foram seguidas de novos risos. Percebemos que os risos provocados pelos poemas, davam-se pelo aspecto da linguagem matuta, neles presentes. Já em São Saruê a proposta de humor estava centrada no mundo fantástico, no qual os problemas de ordem social são todos solucionados. Seleccionamos duas estrofes que caracterizam os textos citados:

**Cabôca do Ciará**

Tu sôis, morena triguêra,  
a cabôca mais faceira  
Qui mora no Ciará,  
Tú sois um diabo-de-saia  
Qui minha vida atrapaia  
Sem querer mi atrapaiá.

**Carta matuta**

Apezá do seu criado  
Não ter aprendido a lê  
Nem conta, nem iscreve  
Vai ditá esse recado  
Pra manda pra vosmicê

Na leitura dos poemas *Cabôca do Ciará* e *Carta matuta*, verificamos o prazer que os participantes demonstravam em repetir expressões da linguagem matuta do poeta, não era um riso de deboche ou de desdém, como, infelizmente, costumam fazer as pessoas, quando estão diante de outras que não se expressam de acordo com o português formal, mas sim de contentamento.

Antes de retornarmos à atividade do debate, sugerimos um “rodízio” de leitura, no qual cada participante, em círculo, pudesse reler uma estrofe de São Saruê, atentando para o ritmo e tom do poema. Perguntamos se eles consideravam o poema triste ou alegre. Todos responderam que era alegre. Perguntamos, também, se o ritmo do folheto era lento ou rápido; eles ficaram com segunda alternativa. Aconselhamos, portanto que levassem esses fatores em consideração na ora da leitura (essa atividade foi proposta, porque após a leitura dos três poemas, alguns participantes mostraram-se desejosos de participarem da leitura).

Ao termino da atividade, pedimos para que cada participante destacassem uma estrofe que mais tivesse chamado à atenção dele, quer fosse pela beleza, pelo humor ou pelo o inusitado presente no poema. Quase todos participaram desta atividade. As estrofes mais recorrentes na preferência dos participantes foram as seguintes, respectivamente, 15º, 16º, 24º, 29º:

Lá eu vi rios de leite  
barreiras de carne assada  
lagoas de mel de abelha  
atoleiros de coalhada  
açude de vinho do porto  
montes de carne guisada.

As pedras em São Saruê  
são de queijo e rapadura  
as cacimbas são café  
já coado e com quentura  
de tudo assim por diante  
existe grande fartura.

Sítios de pé de dinheiro  
Que faz chamar atenção  
Os cachos de nota grande  
Chegam arrastam pelo chão  
as moita de prata e ouro  
são mesmo que algodão.

Lá tem um rio chamado  
O banho da mocidade  
Onde um velho de cem anos

Tomando banho a vontade  
Quando sai fora parece  
Ter vinte anos de idade.

Após esse momento de apreciação da obra, lançamos algumas questões, previamente elaborada, além de outras lançadas conforme as colocações que eram feitas. “A primeira pergunta elaborada foi:” Como é descrita a realidade em São Saruê?”

**Renato:** “... Acho que é descrita como um lugar de sonhos, só de coisas boas... Acho que todo mundo gostaria de viver num lugar desses”.

**João:** “É um lugar que não existem pobres, nem sofrimento...”

**Carmem:** “É um lugar encantado, onde as pessoas não são egoístas, como geralmente acontece, aqui, em nosso mundo... Só no pensamento mesmo...”

A partir das respostas dadas pelos participantes, pudemos observar, também, que a obra de arte serviu de ponte para eles correlacionarem a ficção com a realidade, apresentando, assim, um nível de consciência de si e do contexto social no qual estão inseridos. Para Candido (2004,177), isto é possível por que:

A literatura, enquanto objeto constituído tem o poder de modelador mental (de sentimentos e visão mental). A organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva primeiro a se organizar; em seguida, a organizar o mundo. Isto ocorre desde formas mais simples, como a quadrinha, o provérbio, as histórias de bichos a experiência e a reduzem a sugestão, norma, conselho, ou simples espetáculo mental.

Neste caso, podemos afirmar que a literatura contribui para organização psicológica e social dos indivíduos, na medida em que fornece meios para uma “modelação mental”, no qual projetamos a nós mesmos, o nosso semelhante e o meio social como um todo, como vimos na recepção do poema.

Na segunda pergunta elaborada: “Será que a abundância verificada no Brasil não parece com a de São Saruê?” Quase todos foram unânimes em afirmar que não.

**Daniel** declarou: "Não, de jeito nenhum. O Brasil é país, onde as pessoas passam fome, dificuldade, violência, aqui também tem muito roubo".

**Renato**: "Acho que em parte sim, porque se a gente olhar pra uma floresta como a Amazonas, a gente vai ver como a gente é rico...".

**Danilo**: "É, e de que diante essa riqueza toda, se a maioria vive passando dificuldade?".

**Carmem**: "Eu acho assim... O problema é esse, o Brasil é muito rico, mas poucos têm direito a essa riqueza...".

**Pesquisadora**: "Então, vocês estão afirmando que a riqueza do Brasil é semelhante a do país São Saruê?".

**Adriana**: "Igual, igual, não é não. Porque na história tem muita coisa que foge da realidade: pé de dinheiro, rio da juventude, mas o Brasil é um país rico...".

**Wellington**: "Igual a São Saruê, o Brasil não é não, mas muita coisa por aqui poderia ser melhor...".

O fato de estarmos trabalhando com um grupo misto, no que diz respeito à faixa etária, talvez tenha provocado certa inibição nos participantes mais jovens. Notamos que, durante o debate, os sujeitos mais participativos eram aqueles que estavam cursando o ensino médio, ou seja, os participantes mais velhos; as crianças se retraíam, naturalmente, se mostravam mais inibidas na hora de participarem das discussões. Partimos para a terceira questão: "Como podemos explicar as desigualdades sociais existentes em nosso país?"

**Luciano**: "Creio que é porque quem tem quanto mais tem, mais quer ter, como por exemplo, os políticos que roubam. A gente vota neles, pra eles ajudarem a gente e quando eles chegam lá só pensam em roubar, em dar emprego pra os parentes deles e assim vão 'enricando' cada vez mais".

**Wellington**: "Em minha opinião se no Brasil a gente dividisse as riquezas, aí ninguém passava fome, não ia existir pessoas pedindo nas ruas, nas portas".

**Carmem:** "Só que tem um detalhe, quem tem dinheiro, não pensa em quem não tem, só pensam em si, desse jeito não tem como as coisas melhorarem".

**Renato:** "Seria muito bom se fosse diferente, mas por enquanto tá difícil de mudar..."

**Pesquisadora:** "E de quem depende a mudança para que haja uma transformação na sociedade, para que haja reforma agrária, para que todos tenham o que comer empregos de modo mais igualitário?"

**João:** "Acho que Luciano já respondeu a culpa é dos políticos, eles roubam o dinheiro do povo e quando é na época das eleições eles, dão uma de bonzinho e fingem ser preocupar com a gente".

**A pesquisadora:** "Mas quem elege os políticos somos nós, conheço uma pessoa que votou em um determinado político porque recebeu uma prótese nova e uma consulta para um oftalmologista... Vocês acham essa postura correta? Houve uma pausa maior".

**Luciano:** "Certo não é não, mas se ela estava precisando, né? Também esses políticos roubam muito o povo, a gente tem que aproveitar alguma coisa!".

**A pesquisadora:** "É verdade o que você afirma. Os políticos... Não digo todos, mas quase todos são desonestos. Contudo, como então mudar, se o povo acaba se comportando como os políticos querendo levar vantagem em tudo?"

**Adriana:** "Acho que nunca vai mudar, sempre vai ser assim..."

**Pesquisadora:** "Então vocês acham que não devemos lutar por uma sociedade mais justa?"

**Danilo:** "Acho que temos que reclamar das coisas erradas que acontecem, acho que todo mundo tem o direito de ter comida, casa para morar, mas no mundo real é complicado. Acho que só no mundo mesmo como São Saruê".

Diante das colocações dos colaboradores, pudemos perceber que eles apresentam um nível de consciência de si e da sociedade já desperto para os problemas de ordem política e econômica do país. Contudo, analisamos que muitas das colocações repetem os lugares-comuns discursivos utilizados ora pela mídia, ora pelo senso comum, que, ao invés de instigar ação particular ou mesma coletiva dos indivíduos, acabam por transferir a responsabilidade sobre a problemática social, isentando uma boa parcela da sociedade de seus compromissos.

É o caso de afirmações do tipo a “culpa é dos políticos”, em que se acredita que uma forma de superação desse problema, seria o povo, também, se beneficiar com as vendas de votos, tráficos de influência e assim por diante.

Prosseguimos no debate em torno do texto. Elaboramos, assim, a quarta questão: “Podemos observar que folheto provocou risos no grupo. O que torna o texto engraçado?”.

**Yasmim:** “Eu acho que é pelo jeito que o texto foi escrito, assim em forma de versos, com rima...”.

**Adriana:** “Eu também concordo”.

**Pesquisadora:** “Então vocês estão me dizendo que o que torna o texto engraçado é a estrutura na qual ele se apresenta?”.

**Renato:** “Pode ser até por isso também, mas eu acho que é mais pelo fato de mostrar coisas que não existem”, como “barreira de carne assada”, “casa de ouro”.

**Daniel:** “É isso mesmo, quem não iria achar divertido um lugar que ninguém trabalha? Se fosse de verdade todo mundo ia querer ir pra lá...”.

Neste caso, de acordo com as colocações dos participantes, os elementos mais significativos do poema foram as metáforas, responsáveis pela veiculação da fantasia em São Saruê e da linguagem que desatomiza o leitor. Parece que as imagens inusitadas como “barreira de carne assada”, “rio de leite” contribuíram para uma recepção pelo viés do humor.

A partir do debate foi possível, investigar as reflexões que o texto literário suscitou sobre os problemas de ordem social, nos participantes. Isto só foi possível devido ao caráter dialógico no qual a obra literária se estrutura. A esse respeito Cosson (2006, p.27) declara:



Ao ler estou abrindo uma porta entre meu mundo e o mundo do outro. O sentido do texto só se completa quando esse trânsito se efetiva, quando se faz a passagem de um para o outro. Se acredito que o mundo está absolutamente completo e nada mais pode ser dito, a leitura não faz sentido para mim. E preciso estar aberto à multiplicidade do mundo e à capacidade da palavra de dizê-lo para que a atividade de leitura seja significativa. Abrir-se ao outro para compreendê-lo, ainda que isso não implique em aceitá-lo, é o gesto essencialmente solidário exigido pela leitura de qualquer texto.

Perguntamos se eles tinham achado interessante o cordel: todos responderam que sim, que haviam gostado muito. Finalizamos o primeiro encontro, falando de forma resumida sobre o autor. Antecipamos que o cordel da semana seguinte seria *O casamento da Raposa com o Timbu*. Ao ouvirem o título Alguns participantes sorriram. Renato – colaborador – afirmou que não iria perder.

Acreditamos que São Saruê atendeu ao horizonte de expectativa dos jovens do Bairro das Cidades pelas visíveis alterações observadas nos comportamentos daqueles, haja vista que se, inicialmente, eles se mostraram tímidos e pouco naturais, no final do primeiro encontro eles já interagiam de modo mais descontraído conosco; além de demonstrarem o contentamento com a leitura realizada. Contentamento esse traduzido pela desinibição dos olhares, na leveza dos semblantes, na fluidez das conversas e dos sorrisos, até a forma de sentar passou a revelar que, de algum modo, o prazer do riso causado pela leitura havia modificado o comportamento inicial, uma vez que no início da leitura, alguns participantes demonstraram muita timidez.

No transcorrer dessa primeira experiência, pudemos verificar a fruição do prazer estético vivenciado pelos participantes que, obviamente, se não operou alguma cura no entender aristotélico, certamente, modificou o estado de ânimo dos participantes, naquele momento. Já havíamos trabalhado com o folheto *Viagem a São Saruê* com turmas de 2º do ensino médio, e o poema tinha provocado risos na turma. Mas confessamos que a receptividade por parte dos jovens do Bairro das Cidades nos

surpreendeu, pois a aceitação e a participação foram bem maiores com relação as nossas experiências anteriores, e a minha própria expectativa. Acreditamos mesmo que tenha rompido o horizonte de expectativa daquele grupo de leitores.

#### 4. 3. O CASAMENTO DA RAPOSA COM O TIMBU: O SILÊNCIO DIZ TUDO

Realizamos a segunda experiência de leitura de cordel, no dia 20 de maio de 2007, ainda, sob o efeito agradável da boa recepção que tivera *Viagem a São Saruê* entre os jovens daquela localidade. Como já mencionamos, havíamos antecipado o título do folheto *O casamento do timbu com a Raposa* desde semana anterior. Os participantes demonstraram interesse em ler o folheto. Partindo de nossa expectativa, acreditávamos que este poema, também causaria "sucesso" entre os jovens leitores. A nossa hipótese se justificava, principalmente, pelo viés temático abordado: corrupção no meio político, impunidade, adultério.

Naquele período, a mídia estava divulgando uma sucessão de escândalos no senado brasileiro, cujo alvo principal era o senador Renan Calheiros, acusado de adultério e corrupção. Um outro motivo era o fato da história se tratar de uma fábula. Acreditávamos que temas tão atuais e que suscitassem reflexões profundas, transportados para o universo das fábulas, causariam, invariavelmente, o riso no leitor.

Antes de iniciarmos a leitura, explicamos porque estávamos levando o poema digitado em folha de papel ofício e não no suporte vou sair agora, vou terminar a resenha lá na cozinha.... e que lhe é próprio, pois tínhamos encontrado dificuldades na aquisição do folheto, uma vez que o cordelista Arievaldo Viana, morava no Ceará

e, diferentemente do folheto *Viagem a São Saruê*, o seu poema não era tão conhecido, o que não facilitava a aquisição. Esta explicação foi dada porque notamos, durante o encontro anterior, como o formato do folheto, principalmente "o colorido", tinha sido motivo para chamar a atenção dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa.

Procedemos da mesma forma da semana anterior, realizamos a leitura de todo o folheto, em seguida, uma breve apreciação, em que cada participante escolheu uma estrofe da qual tivesse gostado mais, para ler. Após, esse momento, sugerimos uma outra atividade que consistia em lançar a idéia de, juntos, elaborarmos uma adaptação para o folheto, para ser realizado em forma de jogo dramático, de modo que déssemos destaque para o casamento da Raposa com o Timbu, fazendo um casamento junino. Reservamos essa proposta para final do encontro.

É importante ressaltar que a escolha pelo jogo dramático deu-se pelo fato deles declararem que gostavam muito de trabalhar com peças. Os participantes relataram, ainda, o sucesso que tinha tido uma peça que falava sobre a família, encenada no clube em comemoração ao dia das mães.

 Quando distribuimos o poema para o grupo, de imediato, *Renato* fez a seguinte observação: "eita, como é grande!". Comentamos: "é, de fato, este é mais extenso, mas é ótimo...".

Em seguida, conversamos um pouco sobre os animais, cujos nomes aparecem no título do cordel. Perguntamos quem já tinha visto uma raposa e um timbu. Suspeitávamos de que, pelo fato do Bairro das Cidades se situar em região próxima da zona rural de Campina Grande, os participantes pudessem conhecer mais facilmente estes animais. Para nossa surpresa, apenas dois participantes disseram já ter visto os animais mencionados, inclusive um dos caminhos que dá acesso ao bairro

possui uma estrada de terra com uma porteira em desuso, sinalizando que ali, há pouco tempo havia um sítio.

Um outro fato de nosso conhecimento é que alguns moradores possuem terras próximas à comunidade, cujo fim é para plantio de pequenos roçados. Todos os esses fortes indícios de vida rural nos levaram a crê que esses animais faziam parte da experiência de vidas daqueles leitores. Mas nossas suspeitas não se confirmaram.

Iniciamos a leitura, cuja duração foi de 20 minutos. Esperávamos ansiosos pelos risos e a descontração que poderiam ser entendido pela *pesquisadora* como o estabelecimento da comunicação entre texto e leitor. Contudo, os risos não vieram. Durante a leitura, os jovens praticamente não dialogaram com o texto. E, mesmo na condição de mediadora, a recepção deles nos causou um "sentimento de solidão" na mesma proporção que o "sentimento de cumplicidade" verificada no encontro anterior.

Quando levantávamos o rosto, víamos como os participantes estavam sérios, não havia diálogo; mais do que isso, eles visivelmente estavam desapontados e expressavam com a seriedade, pouco movimento e um semblante sisudo. Já no meio da leitura ficamos com a sensação de que eles estivessem ressentidos com alguma coisa que nós não conseguimos detectar de imediato o que era.

Neste caso, a comunicação não se estabeleceu com o êxito que esperávamos uma vez que o princípio de negação foi a estância que regeu o processo de leitura.

Assim, pode-se afirmar que a assimetria existente entre texto e leitor foi reforçada pelo não preenchimento dos vazios textuais. Pois, é em função da mudança do leitor, mediante a recepção da obra, que a "assimetria começa dar lugar ao campo comum de uma situação." (ISER, 1979, p.88)

Durante a leitura realizada pela pesquisadora, os únicos momentos de riso ocorreram quando foram lidas a 8ª e a 20ª estrofes, respectivamente:

Era pessoa grã-fina  
Embora já fosse idosa  
Pôs silicone no rabo  
Para ficar mais gostosa  
De ouro, jóia e cristal,  
Tinha um vasto cabedal  
De origem duvidosa

O Tigre se enfureceu  
E contra ele marchou  
Nisto o Leão se ergueu  
E sua força mostrou  
Com a raiva concentrada  
Deu-lhe tão grande patada  
Que a cabeça voou.

No caso da primeira estrofe, o que nos chamou a atenção foi o fato do riso ter partido de apenas um participante. O modo discreto do riso não nos permitiu identificar quem o tinha realizado; não parecia um riso espontâneo, dado quando de fato sentimos prazer em ler algo. Quando planejávamos a segunda experiência, acreditávamos que a 8ª seria uma das estrofes que mais suscitaria risos na turma, na medida em que aborda aspectos sobre a estética feminina, constantemente divulgada pela mídia, como o caso do silicone.

Nesta estrofe, a sugestão da cena, em que a raposa aparece fazendo uso de uma situação comum à mulher da sociedade moderna, poderia provocar o riso. Contudo, a nossa expectativa não se confirmou.

Zilberman (1989, p.64), refletindo sobre a teoria de Iser, expõe que a obra de arte, por apresentar uma estrutura comunicativa, só se concretiza mediante significação realizada pelo leitor. Na verdade "as reações do leitor são predeterminada pelas estruturas de apelo. Estas precisam do leitor para adquirir sentido."

Um outro momento, que despertou a nossa atenção, foi quando realizamos a leitura da 20ª estrofe. Observamos que três alunos se entreolharam e riram de modo bastante discreto. Contudo, continuamos a realizar a leitura até o fim do poema e, em

nenhum outro momento, eles participaram com intervenções verbalizadas ou risos significativos.

Partimos, então, para a primeira atividade, o debate. A proposta estava pautada na questão temática do cordel, além da estrutura da narrativa. Provocamos os participantes para que eles pudessem externar, de fato, o que eles acharam sobre o cordel, tendo vista que, para nós, já estava muito claro que eles não tinham gostado do folheto. Houve um entrave inicial. O grupo de leitores teve dificuldades de romper com o silêncio, mesmo que a pesquisadora insistisse para que o debate fosse iniciado.

**Pesquisadora:** “O que vocês acharam do cordel? (silêncio) Ele é bem crítico, não é? (silêncio) Quem poderia destacar uma estrofe? (silêncio) Uma estrofe que você tenha gostado?”

**Kércia:** “Aquele que a raposa colocou silicone no rabo (risos)”.

Nesse momento, os participantes riram. Notamos que muito mais pela forma que a participante falou do que pela estrofe em si, uma vez que, fazendo referência à imagem, a cena sugerida no cordel, Kércia se levantou do lugar e começou a imitar o suposto andar da raposa com silicone no rabo. Depois esta participante passou a conversar com um dos participantes. Percebemos que ela tentava chamar atenção do grupo.

**Pesquisadora:** o que vocês acham dessa estrofe?(silêncio) solicitamos, então, destaquem outra estrofe? (silêncio) Quem pode destacar?(silêncio).

Ninguém se aventurou a ler outra estrofe. Insistíamos com aquele grupo de jovens, porque gostaríamos de ouvir deles, inicialmente, o motivo de não terem gostado do poema:

**Kércia:** “ei, Janaina, vê aquele que a raposa botou silicone. A pesquisadora releu a estrofe, todos riram, sutilmente”.

**Pesquisadora:** “O que mais a gente pode destacar desse cordel, vamos lá, é difícil de entender? Vocês compreenderam bem a história?”.

**Renato:** “Um pouco difícil de entender, eu achei!”.

**Pesquisadora:** “Wellington achou difícil de entender esse cordel?”.

**Wellington:** “Pouquinho...”.

Dirigimos-nos especificamente para *Wellington*, pois ele já tinha sido nosso aluno no 1º ano do ensino médio, ocasião na qual trabalhamos sistematicamente com o folheto em sala de aula. Ele já tinha lido outros cordéis, por essa razão, para nós, era importante ouvi-lo, de modo que pudéssemos observar se ele apresentava a mesma “dificuldade” dos demais participantes na compreensão da história lida.

Retomamos a história, pedimos para que eles citassem as personagens da narrativa, então, fizeram referência ao faisão e à galinha, cuja participação, na história, se dava apenas como animais caçados pela gangue do Leão. Verificamos que, de fato, uma das dificuldades encontradas por eles foi a extensão da história. Nesse sentido, mais de um participante comentou:

**Renato:** “Acho muita informação...”.

**Carmem:** “Ele é bem extenso, bem grande... E o da semana passada foi melhor...”.

**Renato:** “Acho que deixou a desejar o texto!”.

**Pesquisadora:** “Em que sentido?”.

**Renato:** “Eu não sei... Eu acho que... eu não sei se foi porque eu num entendi... Não é bem claro não, o final! Eu acho...”.

Esperávamos por um comentário semelhante a este, tecido por Renato, mas, diante da constatação verbalizada, tivemos dificuldade de entender exatamente qual elemento presente no texto não permitia que a interação ocorresse ali, de forma positiva, de modo que os leitores pudessem correlacionar o folheto com experiências práticas da vida deles. Segundo Jauss (1979, p. 52):

A função social somente se manifesta na plenitude de suas possibilidades quando a experiência literária do leitor adentra o horizonte de expectativa de sua vida prática, pré-formando seu entendimento do mundo e, assim, retroagindo sobre seu comportamento social.

Aquele cordel específico parece não ter atendido aos horizontes de expectativa dos participantes. A negação e o silêncio diante do poema eram prova cabal disto. A recepção deles era contrária a nossa recepção e a recepção que imaginávamos que eles pudessem ter.

Encontramos muita dificuldade de compreender o motivo pelo qual aqueles leitores se negavam dialogar com a obra literária já citada. Zilberman, a partir do pensamento de Jauss, expõe que a literatura "quando age sobre o leitor, convida-o a participar de um horizonte que pela simples razão de provir de um outro, difere do seu. É solidária e difere ao mesmo tempo, sintetizando nesse aspecto o significado das relações sociais" (1989, ZILBERMAN, p.110).

Apesar de ter havido um silenciamento dos leitores diante do cordel *O casamento da raposa com o timbu*, isto não significou uma falta de interação com o texto, pois, o próprio calar revela um tipo de projeção, na medida em que negam a ideologia disseminada no folheto.

A aceitação e a rejeição unânime, do primeiro e do segundo cordel, respectivamente, nos deixou intrigados. O primeiro tinha correspondido ao horizonte de expectativas daquela comunidade de leitores, mais do que esperávamos, de modo que chegamos a nos surpreender com determinadas passagens, já citadas na reflexão da 1ª experiência. Pensávamos que a 2ª experiência pudesse suscitar o riso de forma intensa e isto não foi evidenciado entre os presentes. Neste caso, *O casamento da raposa com o Timbu*, despertou nossa atenção pelo fato dele não ter correspondido às expectativas dos leitores, na mesma proporção que o primeiro folheto correspondeu.

De nossa experiência com literatura em sala de aula, pudemos perceber que é difícil uma obra literária agradar, assim como desagradar a todos os leitores com a mesma intensidade. Ao refletirmos sobre a questão, percebemos que ambos os textos possuem elementos temáticos e estruturais diferentes entre si, que, por sua vez, foram perceptíveis àquela comunidade de leitores e que, de imediato, não pudemos observar.

Sobre a temática do segundo cordel, observamos que o modo em que o casamento foi representado no poema não gerou empatia no grupo de leitores, uma vez que o autor apresenta uma crítica ao casamento por interesse, tão comum na sociedade atual como em outras passadas. Logo, a união feliz, em que se concebe o amor como sendo a força motivadora entre os cônjuges, não aparece em nenhum momento na história. Este fato causou um dos primeiros desencontros entre a proposta do texto e o horizonte de expectativas do grupo. Sobre a questão alguns participantes comentaram:

**Carmem:** "Mais o casamento deixou muito a desejar..."

**Pesquisadora:** "Se deixou a desejar, vocês esperavam o que? Então esse cordel não correspondeu à expectativa que vocês imaginavam sobre o casamento?"

**Renato:** "Eu esperava que o final fosse só eles dois aqui, porque eu acho que teve muito bicho, muito animal".

**Carmem:** "Teve muitos animais envolvidos".

**Diego:** "É muita coisa!".

**Carmem:** "E ela terminou sendo viúva..."

Verificamos, pelos comentários de alguns participantes, que eles estavam esperando uma narrativa que envolvesse apenas os personagens citados no título da história e que a união se desse de modo romanceado, sem fazer alusão ao casamento por interesse. Na verdade, pela frustração revelada através dos comentários, percebe-se que os colaboradores esperavam uma história de amor. Ao

retomarmos a fala de *Renato*: “Eu esperava que o final fosse só eles dois aqui, porque eu acho que teve muito bicho, muito animal”. Podemos entender que a ela subjaz o desejo do leitor em ver, em algum momento do folheto, a representação do casamento, talvez, sob a ótica dos finais de contos de fada, cujo desfecho deságua no lugar comum do “feliz para sempre”. E isto de fato não acontece.

Suspeitamos que o teor fortemente engajado da obra, pode ter sido um outro motivo responsável pelo silenciamento dos leitores diante do poema, na medida em que o poeta constrói uma crítica cujo objetivo é fazer uma radiografia das mazelas sociais, envolvendo adultérios, roubos, assassinatos, corrupção, abuso de poder, casamento por interesse. Acreditamos que essa representação da sociedade de modo tão real, com o intuito mesmo de informar, ensinar o leitor, não proporcionou o encantamento ou a fantasia.

Nesse sentido, assumimos parcialmente a responsabilidade, devido ao fato de que partimos da nossa própria vivência com a militância religiosa e comunitária, sem partir da realidade dos colaboradores.

Acreditávamos na possibilidade de atendermos ao horizonte de expectativa deles, na medida em que o folheto fazia essa reflexão de ordem social, sem deixarmos de lado a fantasia, o sonho, o fabuloso.

Retornando, ainda, para as questões temáticas e estruturais de ambos os poemas, um fator nos despertou a atenção: o maniqueísmo, tão comum na literatura, principalmente na de cordel, não aparece em nenhum dos textos citados da forma como conhecemos, visto que não se apresenta a partir da concepção dicotômica de bem e mal. Em São Saruê só existe bondade, felicidade plena.

Já em o *Casamento da raposa com O Timbu*, a maldade prevalece do início ao fim da narrativa. Sobre o maniqueísmo, tão comum de ser encontrado nas

narrativas, Suleiman (*apud*, Jouve, 2006, p. 38) afirma que, no caso de obras maniqueístas, “o leitor, cooptado desde o início do lado do herói, encontra-se estruturalmente – portanto, necessariamente – do lado “bom””.

No cordel em análise não encontramos heróis, apenas vilões, de modo que o leitor parece não querer estar ao lado daqueles que não lutam em seu nome e representam “o mal”.

Geralmente, na primeira estrofe dos cordéis, utiliza-se uma asserção generalizante e introdutória do assunto a ser abordado, este processo pode ser observado na composição dos dois cordéis. Nos folhetos citados, os usos das asserções prenunciam o teor dessa visão unilateral sobre a vida.

A partir da introdução de cada poema percebem-se as seguintes estruturas: *Viagem São saruê* parte da realidade, para, logo após, apresentar um mundo de delícias e fantasias, como já foi visto no segundo capítulo deste trabalho. Já *O casamento da Raposa com o Timbu* parte da fantasia, da fábula para se constituir em um mundo tão real como o nosso. Nesse sentido, entendemos que, no tocante à construção da teia narrativa, um é o inverso do outro. Este fator, também, foi perceptível na compreensão dos participantes que, sem titubear, preferiram o folheto que apresentava a proposta mais lúdica, mais utópica.

A fim de demonstrar tal afirmação, transcrevemos a fala de um dos participantes:

**Carmem:** “Não gostei porque foi extenso, é porque foi assim... No começo ele começou, assim... legal e no final ele terminou de uma maneira totalmente diferente. Já da semana passada ele começou como não queria nada e no final... Foi muito interessante... É porque é assim uma coisa que retrata a realidade a gente não quer aceitar e uma coisa que é um sonho aí você vai e aceita. O sonho é melhor do que a realidade...”

Nesse momento, verificamos que, após eles verbalizarem o fato de não terem gostado do cordel, esse grupo de leitores se mostrou mais descontraído para falar sobre a impressão que o folheto havia causado. Perguntamos se alguém queria fazer alusão a alguma estrofe do folheto. Três participantes, *Renato*, *Wellington* e *Danilo* citaram a 9ª, 28ª, 21ª estrofes, respectivamente:

[...]  
 Pois seu falecido pai  
 Foi grande contrabandista  
 Comprava tudo fiado  
 E depois vendia à vista  
 Mas não pagava a ninguém  
 Enganou a mais de cem  
 O velho-capitalista.  
 [...]

Essas coisas da política  
 São mesmo de admirar  
 Pessoa limpa e honesta  
 É difícil prosperar  
 Porém o vil trapaceiro  
 Ganha prestígio e dinheiro  
 Conforme pode provar.  
 [...]

O Tigre se enfureceu  
 E contra ele marchou  
 Nisto o Leão se ergueu  
 E sua força mostrou  
 Com a raiva concentrada  
 Deu-lhe tão grande patada  
 Que a cabeça voou.  
 [...]

Ao fazer referência a essa última estrofe, *Danilo* e outros jovens riram com uma intensidade maior do que a verificada quando realizamos a leitura dela, pela primeira vez. Perguntamos, então, o que, especificamente, a estrofe trazia de engraçado. Eles, inicialmente, não souberam responder. Perguntamos o que havia de tão engraçado naquela passagem, ele respondeu:

**Danilo:** “Sabe o que é engraçado? A patada (risos)”.

**Pesquisadora:** “A patada? Explica pra gente Danilo o que é que você gostou tanto dessa passagem?”.

Danilo: "(Risos...)".

Para Danilo, a recepção dessa estrofe tinha se dado a partir do riso, mesmo que ela sugerisse uma cena de violência. Os demais participantes riam mais do modo pelo qual ele interagiu, nesse momento, com texto do que pelo texto em si. Para nossa pesquisa, esse cordel constitui-se em um "divisor de águas", no tocante às reflexões suscitadas em nossa experiência. Começamos a observar que, mesmo um texto que apresente uma perspectiva de humor, pode ter uma recepção diferente por parte dos leitores, causando um efeito de pesar, de incomodo, de tédio.

Acreditamos, por essa razão, que o inverso pode se dar de igual modo. Um texto literário cuja perspectiva seja de comoção e de tristeza pode ser compreendido pelos leitores a partir do viés do humor, de acordo com o contexto ou a faixa etária dos envolvidos. Alguns fatores podem corroborar para que isso ocorra, tais como o envolvimento emocional do(s) leitor(es) com a obra em questão, os argumentos utilizados pelo autor no momento de convencer os leitores, pois que "a intenção de convencer está, de um modo ou de outro, presente em toda narrativa"(JOUVE, 2002, p.21).

Uma outra questão que deve ser considerada é que, se quisermos entender como se processa a atividade de leitura, devemos atentar para a diversidade da organização social em classes, profissões, faixa etária, gênero, grupos religiosos; uma vez que essa variedade de grupos e, conseqüentemente, interesses se constituem em comunidades de leitores com normas e práticas específicas. Sobre essa questão o pesquisador Roger Chartier (1999, p.27) tece algumas considerações:

Construir comunidades de leitores (...) observar como as formas materiais afetam seus sentidos, localizar a diferença social nas práticas mais do que nas diferenças estatísticas, são muitas das vias

possíveis para quem quer entender, como historiador essa “produção silenciosa” que é a “atividade leitora”.

No caso da comunidade de leitores do Clube de Mães Sagrada Família, verificou-se que a recepção, em relação ao cordel *O casamento da raposa com o Timbu*, foi de rejeição, vivenciada de forma coletiva. Denotando, assim, como as questões de ordem social e cultural, colaboram para que uma obra provoque efeito similar em leitores de um mesmo grupo. Ficou claro que houve um distanciamento emocional por parte dos leitores. Assim, o que se verificou foi apatia, rejeição e, até certo ponto, frustração, diante da obra lida. Sobre o processo afetivo causado pela leitura, Jouve (2002, p. 19) realiza a seguinte assertiva:

Os charmes da leitura provem em grande parte das emoções que ele suscita. Se a recepção do texto recorre às capacidades reflexivas do leitor, influi igualmente – talvez, sobretudo – sobre sua afetividade. As emoções estão de fato na base do princípio de identificação, motor, essencial da leitura de ficção. É por que elas provocam em nós admiração, piedade, riso ou simpatia que as personagens romanescas despertam nosso interesse.

Nesta perspectiva, os participantes demonstraram a falta de empatia, de envolvimento emocional com o folheto trabalhado, quando emitiram os seguintes comentários:

**Carmem:** “Oxe... nã... Eu esperava que a raposa fosse uma santa, né?!”.

**Renato:** “Eu achava que a raposa fosse uma santa, que eles se casassem realmente e que eles ficassem assim... Felizes, mas que tivesse uma tramazinha na história como teve, né?”.

Em seguida, dando continuidade às atividades, passamos para a segunda etapa, que consistia na releitura do folheto e na apresentação da proposta dele, a partir do jogo dramático.

Hesitamos no momento de prosseguir com a proposta acima citada, pois o contexto era de pouco acolhimento do poema, por parte dos participantes, como já

foi citado. Contudo, o fato dos envolvidos terem se mostrado favoráveis para o prosseguimento da proposta nos impulsionou a continuar. Perguntamos se eles gostariam, de fato, de fazer uma releitura do texto, eles responderam que sim. “É certo que os ‘efeitos em troca’ permitidos pela releitura são indispensáveis para apreciar, ou até mesmo simplesmente entender tal passagem textual” (JOUVE, 2002, p. 30).

Após o término da segunda leitura, eles alegaram que havia compreendido melhor a história. Este fato não alterou muita coisa no efeito causado pela obra nos leitores, como já suspeitávamos, uma vez que acreditávamos que o problema não era de entendimento por parte dos envolvidos, mas de gosto, de empatia como foi comprovado.

Dando prosseguimento as nossas atividades, lançamos a proposta para adaptarmos o texto *O casamento da Raposa com o Timbu* em forma de jogo dramático, como já imaginávamos, ninguém aceitou.

**Renato** sugeriu: “Seria mais interessante, Janaina se a gente... É porque você já conhece os cordéis, mas seria mais interessante à gente conhecer mais, ler mais e ver o que a gente se interessa fazer, o que a gente, realmente gostou”.

Ao analisarmos a sugestão de *Renato*, percebemos a sua autonomia enquanto leitor, que, além de revelar interesse em conhecer outros cordéis, também reclamava para si e para o grupo o direito de escolha. Talvez a sua atitude tenha sido proporcionada pelo espaço que nos encontrávamos. Visto que, no Clube de Mães, estávamos reunidos a fim de ler folhetos, não tínhamos compromisso com notas, em atender a determinados conteúdos. E, embora pudesse ficar subentendido que eles tivessem algum compromisso conosco ou com dona Severina, essa relação não era institucionalizada. Eles não eram alunos, mas crianças e jovens que se dispuseram a participar de uma experiência de leitura.

O elo que nos ligava esses colaboradores era a própria literatura, através dos poemas. E era pelos poemas, pelo prazer, pela descoberta, que aquele grupo se reunia, em tardes de domingo, para ler. A nossa função era a de mediadora da experiência, embora as suas práticas de leitura, como a daque meu sonho, dentro de um navio...”les jovens, estivessem, como de fato está a nossa prática, fortemente marcada pela escola.

Concordamos com Renato e, por esta razão, não apresentamos a nossa proposta para o folheto *O casamento da Raposa com o Timbu* e passamos a citar os cordéis que poderíamos ler no próximo encontro. Alguns jovens já conheciam os cordéis citados.

**Pesquisadora:** “Eu vou, então, citar os nomes de alguns dos folhetos que eu tenho em casa, além de trazer outros, porque vocês poderão escolher. Eu tenho um que é a chegada de lampião ao inferno. Já ouviram falar nesse folheto?”.

**Renato:** “Eeeitaa! Deve ser interessante!”.

**Carmem:** “Não, mais ele é interessante ou é como esse? Começa interessante no começo e no final...”.

**Pesquisadora:** “Ele é interessante, eu já montei uma peça com *A chegada de Lampião no inferno* é muito engraçado, alguém conhece o texto aqui?”.

**Daniel:** “Não”.

**Pesquisadora:** “Não!?”.

**Adriana:** “Já vi a peça sobre Lampião...”.

**Luciano:** “Parece com a música de Caju e Castanha que conta uma história como se Lampião tivesse no inferno...”.

**Pesquisadora:** “Será que você sabe cantar a musica?”.

**Luciano:** “Não, a musica não, mas eu posso trazer o CD”.

**Pesquisadora:** “Pronto, faça isso, traga o CD...”.

**Carmem:** “Eu já vi a de Lampião mais num cheguei até o inferno não (risos)”.

**Pesquisadora:** “Não! (risos) “

**Luciano:** "... fala do jogo do inferno, que, que demora num sei quanto tempo".

**Pesquisadora:** "Ah, esse é outro cordel... É *O futebol no inferno*, de José Soares".

**Luciano:** "É um cordel?".

**Pesquisadora:** "É sim, Lampião vai pro inferno e faz um time pra disputar com o time de satanás".

**Luciano:** "Que dura três dias sem parar, a trave é imensa...".

**Pesquisadora:** "Isso mesmo!... Bom, então, eu vou trazer, pra semana que vem *A chegada de Lampião no inferno*, e *O Gostosão e Uma partida de futebol no inferno* para depois...".

Verificamos, neste momento, que os jovens se mostraram mais participativos, riram quando anunciamos os títulos dos folhetos, demonstrando interesse nas futuras leituras; além de apresentarem sugestões e citarem, como no caso de Luciano, folhetos já conhecidos, inclusive já dialogando com os próximos textos.

Quando anunciamos que levaria o *Gostosão*, todos riram e Carmem desafiou: "traga pra gente vê se ele é o gostosão mesmo!" A experiência já chegava ao fim. Mostravamos-nos mais tranqüila, por perceber que, o fato daquele cordel não ter correspondido às expectativas do grupo, não causou desestímulo para os encontros futuros. Neste dia, concluímos a experiência 30 min. mais cedo. Antes de encerrarmos, perguntamos se alguém tinha alguma coisa a mais sobre o poema trabalhado. Logo, os participantes responderam:

**Renato:** "Não".

**Pesquisadora:** "Nenhuma a mais? Está certo, então...".

**Carmem:** "Mas uma peça podia ficar interessante".

Mediante o interesse de Carmem, perguntamos se eles gostariam de ouvir a nossa sugestão de atividade. Diante do consentimento, começamos a explicar para o grupo a proposta de adaptação do cordel para o jogo dramático, que consistia em

montar uma quadrilha, a partir do poema lido. Pretendíamos montar um casamento matuto como ocorre de costume nesse tipo de festa, muito comum, aqui na região Nordeste. A encenação do texto seria apresentada no último encontro, junto à apresentação dos artistas populares.

Nesse instante, eles passaram a avaliar a idéia, e se posicionaram de modo favorável e até com certa empolgação, como pudemos perceber de acordo com os comentários abaixo:

**Daniel:** "Acho que vai ser bom".

**Carmem:** "É uma idéia bem interessante...".

**Renato:** "Eu acho que fazendo as adaptações o texto fica legal!".

**Welington:** "Eu vou ser o leão (risos)".

**Renato:** "Eu sou o timbu".

Devido ao interesse demonstrado pelo grupo, pela proposta de adaptação, resolvemos entregar os textos para que, mais uma vez, fossem lidos por eles em casa, mas não decidimos de imediato se, de fato, esse cordel seria o escolhido para o jogo dramático. No próximo encontro, leríamos outros poemas, a fim de que pudéssemos decidir, em conjunto, qual seria o cordel mais interessante para encenarmos.

Ao concluirmos a experiência desse dia, percebemos que o ambiente estava mais descontraído do que o verificado no início da leitura de *O casamento da Raposa com o Timbu*, isto nos tranqüilizou. A experiência, de fato, tinha sido rica. E só com o amadurecimento da pesquisa é que pudemos perceber isso com clareza. No caminho de volta para casa, refletíamos sobre o efeito diferente que cada obra lida podia causar em um mesmo grupo. Algumas falas eram recorrentes na nossa memória:

**Renato:** “Eu acho que o primeiro apresentou um objetivo que todo mundo deseja para um país... O que o escritor do cordel São Saruê fala é uma coisa impossível, né, de acontecer, mas...”.

**Carmem:** “É porque é assim... Uma coisa que retrata na realidade a gente não quer aceitar e uma coisa que é um sonho aí você vai e aceita. O sonho é melhor do que a realidade...”.

Enquanto voltávamos para casa, nesse dia, houve uma grande confusão no Bairro das Cidades. Do ônibus, observamos a cena, talvez corriqueira, três homens, visivelmente, embriagados se atracavam, enquanto uma mulher tentava apartar a confusão, sem muito sucesso. Talvez o fato tivesse passado despercebido, se não fossem os comentários dos participantes diante de um folheto que retratava, de modo tão enfático a violência, as desigualdades e mazelas sociais. Assim, compreendemos melhor a recepção do grupo, o folheto falava de experiências muito próximas de todos nós, roubos, mortes, embriagues, uso de entorpecentes, mas que, em comunidades carentes, assumem visibilidade maior. Logo, o que importa se São Saruê não exista? “O sonho é melhor do que a realidade”.

Ao retornamos, recentemente, ao bairro das Cidades, com o intuito de guardamos os livros que conseguimos para implementação da biblioteca comunitária, encontramos todos bastante tristes e assustados. Pudemos perceber isso mais fortemente quando encontramos Dona Severina, a presidente do Clube de Mães Sagrada Família, que tinha apenas dois filhos, Renato, que participou da experiência de leitura, e Roberto, que foi, barbaramente, assassinado em uma chacina que vitimou três pessoas da mesma família.

Em um dos primeiros contatos que travamos com aquela líder comunitária, ela alegou que um dos principais motivos pelo qual estava montando a sala de leitura era para evitar que as crianças do Bairro se envolvessem com narcotráfico. E

relatava em lágrimas, para nós, como tinha, inclusive, arriscado sua vida para resgatar seu filho mais velho do universo das drogas.

Mesmo com sua vida refeita, casado, trabalhando, Roberto foi assassinado. A família não consegue entender, mas tenta se consolar; os jornais falam em queima de arquivo. De fato a arte imita a vida e, mais uma vez, as palavras de Carmem, mediante a recepção do folheto *O casamento da Raposa com o Timbu* ressoam forte em nossa memória: “uma coisa que retrata a realidade a gente não quer aceitar. E um sonho... aí você vai e aceita. O sonho é melhor do que a realidade...”.

#### 4. 4. A CHEGADA DE LAMPIÃO NO INFERNO: DE VOLTA AO RISO

No dia 27 de maio de 2007 deu-se o terceiro encontro de leitura no Clube de mães Sagrada Família. Levamos o folheto *A chegada de Lampião no inferno*, como havia combinado. Neste dia, em virtude de um encontro da catequese, alguns participantes faltaram e contamos com a presença de oito pessoas. Antes de iniciarmos a leitura travamos uma conversa inicial com os participantes, como era de costume<sup>14</sup>.

Após a conversa, perguntamos quem tinha relido o folheto *O casamento da Raposa com o Timbu*, a maioria afirmou que tinha realizado uma nova leitura em casa, mas, apenas, Luciano e Danilo levaram os textos para o clube. Informamos que não havia problema, nós leríamos outros folhetos e depois faríamos a escolha do poema para realização do jogo dramático.

Em seguida, iniciamos a leitura do folheto *A chegada de Lampião no inferno*; a priori, realizamos a leitura, conforme a vontade dos participantes. Após essa

---

<sup>14</sup> Tínhamos nos programado para assistir, após a leitura do folheto, ao filme *O Baile Perfumado* que abordava a história de Lampião. Contudo, devido à dificuldade de encontrar o material, suspendemos a exibição do filme.

etapa, começamos a ouvir as impressões deles acerca do folheto. De modo geral, todos gostaram muito do poema. Durante a leitura, notamos que algumas passagens suscitaram risos no grupo, mais do que outras. Destacamos esses momentos através das estrofes, respectivamente:

Morreu a mãe de Canguinha  
 O pai de Forrobodó  
 Três netos de Parafuso  
 Um cão chamado Cotó  
 Escapuliu Boca Ensossa  
 E uma moleca moça  
 Quase queimava o totó

Veio uma diaba moça  
 Com a calçola de meia  
 Puxou a vara da cerca  
 Dizendo: a coisa está feia  
 Hoje o negócio se dana  
 E disse: eita baiana  
 Agora a ripa vadeia

Nessa voz ouviu-se tiros  
 Que só pipoca no caco  
 Lampião pulava tanto  
 Que parecia macaco  
 Tinha um negro nesse meio  
 Que durante o tiroteio  
 Brigou, tomando tabaco

Lampião pôde apanhar  
 Uma caveira de boi  
 Sacudiu na testa dum,  
 Ele só fez dizer: oi!  
 Ainda correu 10 braças  
 E caiu enchendo as calças  
 Mas eu não sei de que foi

No caso da primeira estrofe, verifica-se, a priori, a recorrência de nomes exóticos das personagens. Após a leitura, os participantes teceram algumas considerações acerca dos apelidos das personagens.

diferentes... e é tudo nome de demônio, né?”.

eram católicos ou protestantes. Contudo, eles em nenhum momento se colocaram em uma posição de censura. A forma lúdica e descontraída com que o poeta descreve o inferno, a Satanás e seu séquito foram aceita por aquele grupo de modo natural. Um dos participantes chegou, inclusive a afirmar que a parte mais interessante do cordel, era a última estrofe:

Quem duvidar dessa história  
Pensar que não foi assim  
Querer zombar do meu sério  
Não acreditando em mim  
Vá comprar papel moderno  
Escreva para inferno  
Mande saber de Caim.

Um outro ponto interessante foi o quando falávamos sobre a caracterização das personagens. Ao serem indagados como eram representadas, fisicamente, as personagens, aquele grupo de leitores respondeu com o silêncio. Notamos certo constrangimento no grupo em responder a pergunta, uma vez que os demônios eram representados como negros e, a aqueles jovens eram, em sua maioria, negros.

**Pesquisadora:** “Como eram descritos fisicamente os personagens da história?”.

**Danilo:** “Eu sei”.

**Pesquisadora:** “Pode falar...”.

**Danilo:** “Yasmin diz aí”.

**Yasmim:** “Ochê!!!”.

**Pesquisadora:** “Não, se você quem sabe por que Yasmim é quem vai dizer?”.

**Danilo:** “É que eu não gosto de falar não!!!”.

**Pesquisadora:** “Você não gosta de falar?!”.

**Luciano:** “Diga ao menos qual é a estrofe”.

**Danilo:** “A décima quinta”.

**Yasmim:** “Eu não quero falar...”.

**Pesquisadora:** "Tudo bem... então eu leio pra vocês".

Reuniu-se a negrada,  
Primeiro chegou Fuxico  
Com um bacamarte velho  
Gritando por Cão de Bico  
Que trouxesse o pau da prensa  
E fosse chamar Trangença  
Na casa de Maçarico

Observamos resistência e até constrangimento por parte dos leitores para falar do preconceito racial presente no cordel. Mesmo depois de termos a estrofe, eles não conseguiam fazer menção a questão do racismo presente no poema. Este fato não comprometeu a recepção do grupo que, durante toda leitura, riu, afirmando ter gostado do poema. Contudo, a consciência de si, de sua cor, de sua raça, diante da pergunta feita pela pesquisadora, fez aquele grupo de leitores refletir sobre o preconceito.

E por todas as reflexões suscitadas em torno da questão racial, atualmente, é quase impossível que textos que veiculem preconceito sejam lidos sem reflexão por parte do leitor. Acreditamos que, no período que este poema começou a circular a recepção por parte dos leitores/ ouvintes com relação à questão racial, nele posta, não produziam discussões como em dias atuais, afinal de contas o contexto sóciopolítico e cultural era outro.

Hoje, embora o preconceito racial, ainda, ocorra no Brasil, com frequência, o contexto histórico é outro. Diversas instituições (escolas, igrejas, etc.) tentam combatê-lo através de campanhas educativas que valorizam a cultura negra. A própria mídia, a partir dos diversos meios de comunicação, divulga campanhas, denuncia discriminação de ordem racial, permite que a população, também conheça as leis criadas para esse fim, o de combate ao preconceito. Mesmo assim, percebemos como as pessoas, de modo

geral, têm dificuldade de abordar esse assunto. Dificuldade presente também entre os jovens daquela comunidade específica de leitores.

Após a leitura da 15ª estrofe apontada por Danilo, e mediante o silêncio do grupo, a pesquisadora, mais uma vez perguntou: “então como é caracterizado, fisicamente, os personagens secundários que fazem oposição a lampião nesta estrofe?” Foi evidenciado novo silêncio. A pesquisadora inquiriu, novamente, agora a um participante específico:

**Pesquisadora:** “Você sabe Luciano?”.

**Luciano:** “Claro!”.

**Pesquisadora:** “Pode falar...”.

**Luciano:** “É que aqui fala da negrada que quando se refere aos demônios”.

**Pesquisadora:** “Isso mesmo! Mostra bem que... que naquele tempo, quando o cordel foi escrito havia muito preconceito. Hoje não é tão diferente, só que naquele tempo era maior. A liberdade alcançada pela raça negra, ainda era muito recente...”.

**Luciano:** “Antigamente, o povo achava que quando morriam os *afro-descendentes* eles só iam pro inferno, não iam pro céu não!”.

**Pesquisadora:** “Pois era desse jeito... Eu me pergunto, então, o céu se de fato existir, seria, apenas para os brancos? Deus faria seleção pela cor da pele? Na verdade o fato de existir diferenças de raças, como aqui no Brasil, que existem negros, brancos, índios, ruivos e assim por diante, só prova o quanto Deus é criativo, se fosse de outro jeito seria muito chato vocês não acham?”.

**Danilo:** “É verdade... só que, teve um filme, num sei onde foi gravado, sei que foi aqui na Paraíba, que já mostrou ao contrario, Jesus era **moreno**”.

**Pesquisadora:** “Isso...”.

**Danilo:** “E o diabo era branco, só não sei qual foi o filme, mas sei que foi assim... (risos)”.

**Yiago:** “Eu, eu sei, eu assisti!”.

**Luciano:** “O Alto da Compadecida. Pronto”

A pesquisadora percebeu a dificuldade que os participantes demonstraram em

utilizarem a palavra negro, no momento em que fizeram menção ao preconceito racial veiculado pelo folheto, como se a palavra em si fosse, de algum modo, ofensiva. Em função disso, eles utilizaram termos que, para eles, pareciam suavizar a expressão como **moreno** e **afro-descendentes**.

Aproveitamos, neste momento, para lembrarmos a cena do filme *O Auto da Compadecida* em que Emmanuel é representado como negro. Encerramos a discussão em torno da questão do preconceito racial representado no cordel, advertindo o grupo para o fato de ser comum nos folhetos de antigamente encontrarmos discriminação contra o negro, a mulher e o pobre. Embora nem sempre possamos concordar com a ideologia veiculada nos folhetos, devemos observar o valor estético do cordel, se ele é divertido e se trata o assunto proposto com criatividade. Nesse sentido, “se deve buscar a contribuição específica da literatura para a vida social, precisamente, onde a literatura não se esgota na função de uma arte de representação” (JAUSS, 1979, p.57):

Neste dia, levamos vários cordéis para que os participantes pudessem, caso desejassem, levá-los para ler em casa, de modo que, no encontro seguinte, antes de iniciarmos a leitura, eles apresentariam individualmente, para o grupo o cordel lido, relatando a opinião deles sobre o folheto, isso é os que espontaneamente quisessem participar.

Dentre eles, destacamos: *O cavalo que defecava dinheiro*, de Leandro Gomes de Barros e *Proezas de João Grilo*, de João Ferreira de Lima. Aproveitamos para falar que a obra de Ariano Suassuna, *O auto da compadecida*, que foi adaptada para o cinema, dialogava com esses dois cordéis. Além desses, levamos, também, *História da Donzela Teodora*, de Leandro Gomes de Barros. A opção por este folheto atendeu a um pedido realizado por Carmem, que iria se submeter ao exame

de vestibular da Universidade Estadual da Paraíba. Instituição que adotou esta obra, dentre outras obras literárias, para a prova de seleção do ano de 2007.

Ressaltamos que, neste dia, a presença de Dona Severina foi bastante relevante para a experiência. Ela participou contando histórias sobre Lampião, além de relatar para todos nós a sua experiência com elementos rurais, citados no cordel, como, por exemplo, *o pilão de bater café, a trempe de cozinha*, dentre outros.

Outras passagens do poema que despertou interesse dos participantes foram às três últimas estrofes do folheto. Eles comentaram que o inferno era descrito, por Pacheco, como um lugar parecido com a organização das cidades, principalmente, a região nordeste.

**Wellington:** “Achei interessante o fato de o inferno ser parecido com o Nordeste... Até seca tem!”.

**Luciano:** “O final é interessante também... Já pensou o cabra mandar escrever pro inferno pra saber de Caim...”.

**Wellington:** “Será que chega?”.

**Luciano:** “Se o inferno for que nem o povo sonha, tendo tanto fogo assim num vai chegar, num tem papel e nem dinheiro (risos)”.

Vejamos as três últimas estrofes, respectivamente:

Reclamava Satanás:  
- Horror maior não precisa  
Os anos ruins de safra  
E mais agora essa pisa  
Se não houver bom inverno  
Tão cedo aqui no inferno  
Ninguém compra uma camisa

Leitores vou terminar  
Tratando de Lampião  
Muito embora que não posso  
Vos dar a resolução  
No inferno não ficou  
No céu também não chegou

Por certo está no sertão

Quem duvidar nessa história  
Pensar que não foi assim  
Querer zombar do meu sério  
Não acreditando em mim  
Vá comprar papel moderno  
Escreva para inferno  
Mande saber de caim.

Ao concluirmos a experiência de leitura do 3º encontro, no último domingo do mês de maio de 2007, verificamos, pelo diálogo mantido com o texto, através dos risos e comentários, que o folheto havia correspondido aos horizontes de expectativas do grupo em questão. Havíamos nos programado para, apenas, três oficinas de leitura, mas de acordo com o interesse demonstrado pelo grupo, resolvemos acrescentar ao nosso cronograma outras visitas ao bairro da Cidade. Precisávamos escolher, também, o cordel que seria apresentado na festa de encerramento de nossas atividades.

O mês de junho tornou-se inviável para darmos continuidade ao projeto de leitura, tanto pelo calendário de festividades do Clube de Mães, como, também, pelas festividades realizadas em Campina Grande. Retomamos em Julho, concluímos as oficinas de leitura na segunda semana e o cordel *O Gostosão* foi o escolhido, por todos, para a encenação. Na última semana de Agosto, realizamos a festa e entregamos o kit contendo os cordéis da experiência para os participantes. Embora, houvésemos convidado sanfoneiros do bairro e alguns poetas populares para o encerramento das atividades, devido a compromissos profissionais, eles não puderam comparecer.

Apresentamos o folheto *O Gostosão*, de Maria Godilvie, em forma de jogo dramático realizado por três integrantes do Grupo: Danilo, Yasmim e Adriana. Contamos, ainda, com a participação de Manuel de Freitas (Manu), que além de

contar histórias, apresentou o seu CD *Viagem Nua*. Foi um momento muito significativo para a nossa experiência. Muitos pais e moradores do bairro compareceram. Alguns pais, inclusive, nos relataram que seus filhos tinham gostado muito da experiência de leitura, chegando a falar sobre os cordéis em casa.



Fig. 9 Imagem dos moradores do Bairro das Cidades – festa de encerramento



Fig.10- Imagem dos moradores do Bairro das Cidades – festa de encerramento

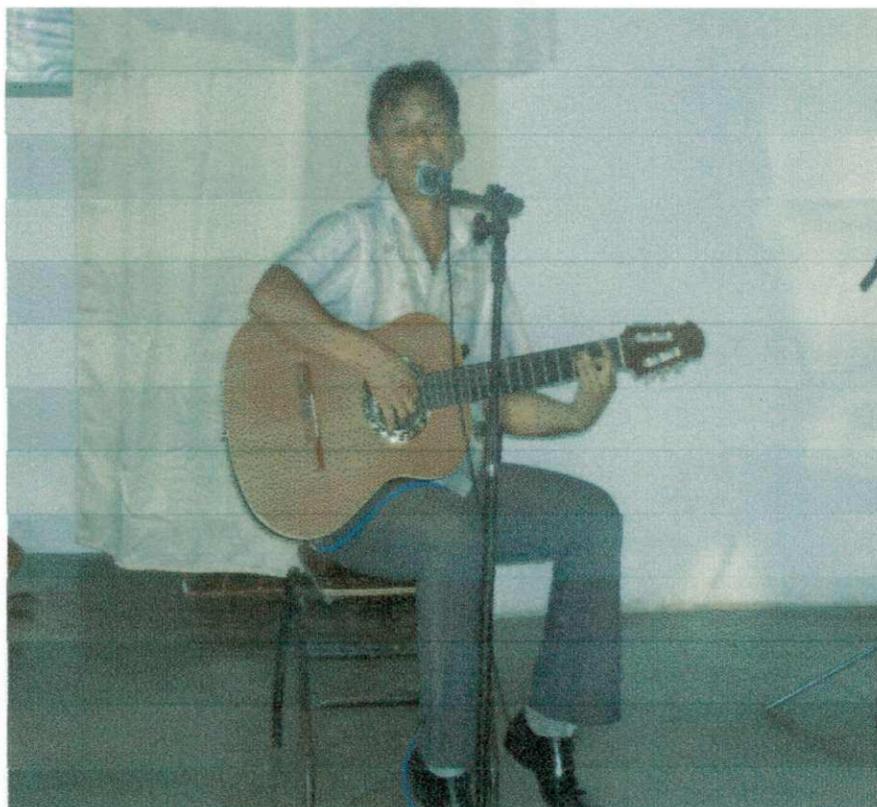


Fig. 11 - Manuel de Freitas ( Manu ) festa de encerramento- Bairro das Cidades

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, sobre leitura de cordel, fundamentou-se em alguns aspectos teóricos da estética da recepção e teve como objetivo promover a leitura de folhetos de literatura de cordel, que perpassem pelo viés do humor entre crianças e jovens, com o intuito de observar o efeito do folheto e a recepção, de modo individual e coletivo, por parte daquela comunidade.

Para isso, observamos, anotamos e interpretamos, no momento da leitura, como se dava a reação dos participantes do experimento: risos, comentários, atenção, brincadeiras, silenciamento, indiferença, expressões faciais que pudessem sugerir contentamento, alegria, insatisfação ou desagrado, mediante o poema lido.

Verificamos, ainda, que a presença do humor nos cordéis pode ser entendida como um mecanismo de incentivo para a realização da leitura literária, uma vez que a maioria das obras trabalhadas provocou um efeito de riso, contentamento nos sujeitos implicados nesta pesquisa.

A partir dos temas, da linguagem, da musicalidade, das imagens presentes nos folhetos, conseguimos, assim, sensibilizar um grupo de crianças e jovens para ler Literatura de cordel aos domingos à tarde, sem fins escolares ou didáticos. Verificamos que, através dessa experiência, a leitura de poemas foi entendida por aquela comunidade de leitores como atividade de prazer e lazer, na medida em que, pela literatura, deixaram de realizar, no período que se encontravam na experiência, possíveis atividades, costumeiramente, praticadas em fins de semana, tais como: assistir TV, filmes, visitar amigos, parentes, etc.

Constatamos, conforme Candido (2004, p.176), que a literatura, de fato, é uma necessidade universal de todo homem, de toda mulher, que deveria ser

garantida pelo Estado. Mas isso não acontece. A escola acaba sendo uma das principais portas de acesso às classes com pouco poder aquisitivo ao universo do literário. Dependendo da metodologia empregada pelo professor, poderá ser um meio para estimular ou desestimular os novos leitores, em função do didatismo empregado nas atividades que revelam, por vezes, a preocupação com a nota e não com o prazer do leitor.

Embora a poesia não tenha sido apontada como sendo o texto literário, comumente lido pelos colaboradores da pesquisa, houve uma excelente recepção desse gênero pelos leitores em questão. Assim, verificamos o gosto pela leitura literária daquela comunidade de leitores, não só pelo fato deles comparecerem aos encontros, motivados pelos folhetos, mas por que sugeriam temas, falavam de suas experiências de leitura com outros gêneros: contos, romances, etc., como, também, através de nossa sugestão e da iniciativa deles, porque eles pediam os folhetos emprestados para ler em casa.

Desse modo, constatamos ainda que o cordel, a despeito de idéias equivocadas que circulam sobre a sua extinção, continua encantando os leitores, principalmente, aqueles que se encontra em idade escolar. A prova disso é o fato de ele se adaptar ao contexto da sociedade moderna, fazendo uso, facilmente, dos diversos aparatos tecnológicos no momento de sua produção e venda.

Na elaboração desse trabalho, lançamos mão dos apontamentos elaborados por Chartier (1999) sobre comunidade de leitores, uma vez que tais reflexões nos permitiram estruturar nosso trabalho, através de um olhar que não reduzisse as diferenças culturais encontradas no meio social.

Percebemos que as diversas comunidades que se estruturam na sociedade, possuem regras, hábitos e especificidades próprias que devem ser respeitadas para

que possamos ter uma educação plural, democrática e holística, cujo objetivo é dar voz (e porque não silêncio?!) aos sujeitos, se, assim, eles desejarem.

Nesse sentido, compete ao educador/pesquisador, além do planejamento prévio, desenvolver a sua sensibilidade na escolha dos poemas a serem trabalhados com os leitores. Devemos criar condições para que eles tenham uma boa atitude receptiva, mediante a obra. Entendemos que tal postura metodológica só é possível a partir de uma prática pautada na reflexão e no respeito às regras e estruturas da comunidade de leitores em questão.

Ressaltamos, ainda, que de acordo com a recepção dos indivíduos, uma obra que possui em sua estrutura um apelo para o riso pode ter o efeito reforçado ou negado pela recepção dos leitores. Foi o que constatamos ao trabalharmos o folheto *Viagem a São Saruê*, cuja obra possibilitou a fusão entre o horizonte de expectativa do texto e os horizontes de expectativas dos leitores, causando um efeito de riso maior do que o esperado.

Já no caso do cordel *O casamento da Raposa com o Timbu*, em que é abordado o tema casamento por interesse, pautado no riso, verificamos que ele não teve a recepção pelo viés do humor, como também não atendeu aos horizontes de expectativas daquela comunidade de leitores. Uma das possíveis explicações para tal reação seria o fato deste cordel ter um caráter informativo, visando ensinar, “doutrinar” o leitor, moralizar, não possibilitando o sonho, a fantasia.

Dentre os ganhos metodológicos desse trabalho, privilegiamos a relação, pautada no diálogo que estabelecemos com os colaboradores. Outro fato relevante e que ressaltamos foi ter escolhido um espaço comunitário para as leituras, como o clube de mães, onde só os colaboradores que estavam, realmente, interessados compareceram. Um espaço de leitura que se destacou por ser livre de cobranças de

exercícios, de provas ou qualquer outra prática que se assemelhasse com a escolarização da literatura. Dessa forma, observamos que os participantes demonstraram uma atitude de maior liberdade no momento de aceitar ou rejeitar os poemas lidos, uma vez que o ambiente não era o escolar.

Por outro lado, percebemos que encontramos dificuldades com a metodologia empregada, na medida em que, em alguns momentos, nos encontramos presos, ainda, aos métodos tradicionais de ensino de literatura. Na maioria das vezes, o educador/pesquisador não está pronto para os imprevistos, os acontecimentos que fogem ao que ele havia planejado. Isto foi perceptível, em nossa prática, quando os participantes agiram com indiferença ao lermos o folheto *O casamento da Raposa com o Timbu*.

De imediato, não aceitamos a recepção deles e, até certo ponto, insistimos para que eles pudessem, de algum modo, apreciar o folheto. Neste caso, podemos afirmar que nossa frustração acerca da recepção que os colaboradores demonstraram com a leitura do folheto, levou-nos a uma postura pouco dialógica. Refletir sobre esse procedimento didático e tentar apresentar maior abertura, foi um ganho para nossa prática.

Em suma, acreditamos que uma das maiores contribuições dessa pesquisa foi mostrar uma possibilidade de caminho trilhado em prol da formação de leitores de literatura, a partir do cordel. A elaboração do texto dissertativo, também nos possibilitou refletir que, em se tratando de ensino e literatura, não existem fórmulas mágicas, receitas prontas e infalíveis que possam apontar os caminhos a serem seguidos. Em outras palavras, tudo depende do planejamento, do envolvimento e de uma atitude de reflexão e respeito por parte de cada educador/pesquisador, além das condições materiais necessárias ao desenvolvimento de sua prática.

## 6. REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **História de Cordel e Folhetos**. São Paulo: Mercado das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. **Cultura Letrada: Literatura e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

ANDRÉ, Marli E. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papyrus, 1995.

ALVES SOBRINHO, José. **Cantadores e Repentistas e poetas populares**. Campina Grande: Bagagem, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e No Renascimento: O contexto de François de Rabelais**. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

BARBIER, René. **A Pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro ED.LTDA., 2004.

BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua**. Lisboa: Edições 70. 1984.

BOGDAN, Roberto & BIKLEN Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BOSI, Alfredo. **A interpretação da obra literária**. In: Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideologia. São Paulo; Duas cidades/Editora, 2003.

\_\_\_\_\_. **Sobre alguns modos de ler poesia: memórias e reflexões**. In: Leitura de Poesia (org.). São Paulo: Ática, 1996.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CHARTIER, Roger. **Comunidades de leitores**. In.: A ordem dos livros. Brasília: UNB, 2002.

\_\_\_\_\_. **Cultura popular – revisitando um conceito historiográfico**. Disponível em:

[http:// www. Cpdoc.fgv.br/asp/d](http://www.Cpdoc.fgv.br/asp/d). Acessado em 10/11/2007.

CHIAPPINI, Lígia. **Pedagogia da invenção**. In: Reinvenção da Catedral, São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. **O Foco Narrativo**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: Teoria e Prática**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

CURRAN, J. Mark. **Literatura de cordel – antes e agora**. Disponível em :

<http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras>. Acessado em 06/10/2007

GALVÃO, Ana Maria Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ISER, Wolfgang. **A interação do texto com o leitor**. In: LIMA, Luiz da Costa (seleção, tradução e introdução) *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JAUSS, Hans Robert. **A história da Literatura como Provocação à Teoria Literária**. São Paulo: Editora Ática, 1980.

\_\_\_\_\_. **A interação do texto com o leitor**. In: LIMA, Luiz da Costa (seleção, tradução e introdução) *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JOUVE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

LUYTEN, Joseph. **O que é literatura Popular**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MEYER, Marlyse. **Autores de Cordel: Seleção de textos e estudos Críticos**. São Paulo: Abril Educação, 1980.

MOISES, Massaud. **Dicionário de termos Literários**. São Paulo: Cultrix, 1974.

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. São Paulo: editora Ática, 1988.

ORTIZ, R. **Cultura popular: Românticos e Folcloristas**. São Paulo: Olho d'água s/d.

PINHEIRO, Hélder e LÚCIO, Ana Cristina Marinho. **O cordel na Sala de Aula**. São Paulo: Duas Cidades, 2001.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na Sala de Aula**. João Pessoa: Idéia, 1995.

RIBEIRO, Leda Tâmega. **Mito e poesia popular**. Rio de Janeiro: FUNARTE/ Instituto Nacional do Folclore, 1986.

SARTRE, Jean Paul. **Que é Literatura?** São Paulo: Ática, 1989.

SLADE, Peter. **O Jogo dramático infantil**. São Paulo: Summus, 1978)

YALA, Maria Ignez Novais. **Riqueza de pobre**. *Literatura e Sociedade, Revista de Teoria Comparada, Universidade de São Paul*, n.2, 1997

\_\_\_\_\_. **Aprendendo a aprender a cultura popular**. In: *Pesquisa em literatura*. Campina Grande: Bagagem, 2003

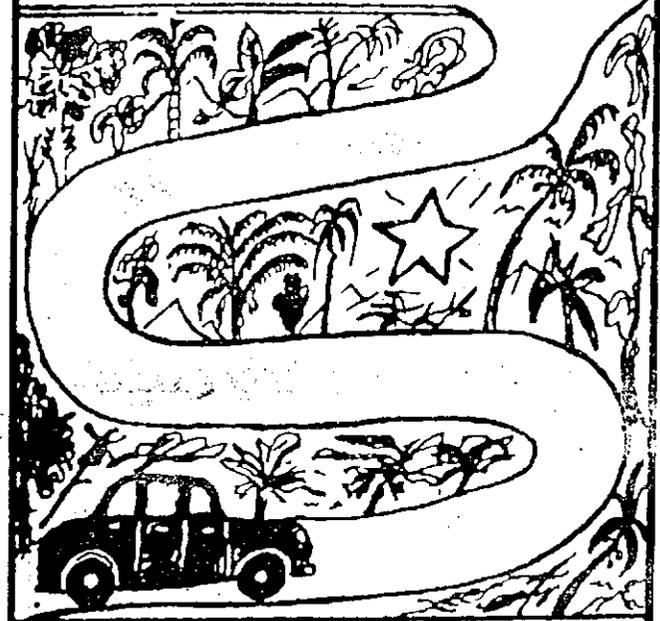
ZILBERMAN, Regina. **Estética da Recepção e História da Literatura**. São Paulo; Editora Ática, 2002.

Caro leitor, você está  
premiado neste folheto com um  
dos mais clássicos textos da  
Literatura de Cordel que é:  
VIAGEM A SÃO SARUÊ, do  
Poeta Manoel Camilo e dois  
poemas marotos do delicioso Zé  
da Luz.

Abanque-se e refestele-se.



Autor Proprietário: Manoel Camilo dos Santos



VIAGEM A SÃO SARUÊ

Surgiu o dia risonho  
na primavera imponente  
as horas passavam lentas  
o espaço incandescente  
transformava a brisa mansa  
em um mormaço dolente.

Passei do carro da brisa  
para o carro do mormaço  
o qual veloz penetrou  
no além do grande espaço  
nos confins do horizonte  
senti do dia o cansaço.

Enquanto a tarde caía  
entre mistério e segredos  
a viração docilmente  
afagava os arvoredos  
os últimos raios de sol  
bordavam os altos penedos.

Morreu a tarde e a noite  
assumiu sua chefia.  
deixei o mormaço e passei  
pro carro da neve fria  
vi os mistérios da noite  
esperando pelo dia.

Ao surgir da nova aurora  
senti o carro pairar  
olhei e vi uma praia  
sublime de encantar  
o mar revoltado banhando  
as dunas da beira mar.

Avistei umá cidade  
como nunca vi igual  
toda coberta de ouro  
e forrada de cristal  
ali não existe pobre  
é tudo rico em geral.



Uma barra de ouro puro  
servindo de placa eu vi  
com as letras de brilhante  
chegando mais perto eu li  
dizia: São Saruê  
é este lugar aqui.

Quando avistei o povo  
fiquei de tudo abismado  
uma gente alegre e forte  
um povo civilizado  
bom, tratável e benfazejo  
por todos fui abraçado.

Mauva ia não se planta  
nasce e invés de mandioca  
bota cachos de beijú  
e palmas de tapióca  
milho a espiga é pamonha  
e o pendão é pipoca.



As canas em São Saruê  
não tem bagaço (é gozado)  
umas são canos de mel  
outras açúcar refinado  
as folhas são cinturão  
de pelica e bem cromado.

Lá os pés de casimira  
brim, borracha e tropical  
de nycron, belga e linho  
é o famoso diagonal  
já bota as roupas prontas  
proprias para o pessoal

Os pés de chapeus de massa  
são grandes e carregados  
os de sapatos da moda  
têm cada chachos "aloprados"  
os pés de meias de sêda  
chega vive" escangalhado"



Sítios de pés de dinheiro  
que faz chamar atenção  
os cachos de notas grandes  
chega arrastam pelo chão  
as moitas de prata e ouro  
são mesmo que algodão.

Os pés de notas de mil  
carrega chega encapota  
pode tirar-se a vontade  
quanto mais tira mais bota  
além dos chachos que tem  
casca e folha tudo é nota.

Os tempo loro passado  
E prá cunversa incurtá,  
Eu amando e ela amando  
Resorvemo se cazá.

Logo nos premêro dia  
Qui a gente tinha noivado,  
Minha noiva era contente  
E sempre mi arricibia  
Cumo um anjo abençuaído.

Mas bem qui diz o ditado  
(E disso vosmicê sabe)  
"Não hai bem qui sempre dure  
Nem má qui nunca se acabe."

Apois não é, seu doutô,  
Qui prá minha ispantação,  
Minha noiva adueceu,  
Foi ficando amurrinhada  
E toda aquela aligria  
Logo desapareceu!?

Eu preguntava a rezão  
Do má qui ela sintia  
E ela mi arrispundia,  
Munto fria, munto sêca  
Qui aquilo tudo era o má  
Qui os povo chama "incharqueca".

E ainda pru riba disso  
O qui era mais pió,  
Era uma dô de cabeça  
Castigando, rinitente  
Qui aquilo mais parecia  
Malifiço ou catimbó!

Isso tudo não dêxava  
A minha noiva drumi  
Nem de noite nem de dia

E não teve imxaropada  
Binzidura bem resada  
Qui acabásse a navragia.

Inté qui um dia, um amigo  
Leu prá eu, numas fôinha  
Na casa da Zizuina,  
O nome duma piulinha  
Chamada de Guaraína.

## O casamento da Raposa com o Timbu – Arievaldo Viana Lima

Cobiça fonte do mal  
Escrevi na minha lousa  
Astúcia, arma do fraco.  
Outra idéia que pouso  
Junto as duas no momento  
Pra narrar o casamento  
Do Timbu a Raposa

Lá pelos tampos do Bumba  
Quando os animais falavam  
Raí leão mandava em tudo  
E os bichos não contestavam  
Pois Leão era carrasco  
Para não virar churrasco  
Os mais fracos se calavam

Somente o Marechal Tigre  
Pessoa de posição  
Ousada contrariar  
As ordens de Rei Leão  
(Pobre ficava calado,  
Seja qual for o estado  
Pobre não vence questão).

Vamos falar do Timbu  
Um velhaco interesseiro  
Malandro de profissão  
Jogador e cachaceiro  
Puxa-saco descarado  
Traficante, viciado.  
Delator e maconheiro

A Baronesa Raposa  
Todavia, mas, porém  
Apesar de fofoqueira  
E caloteira também  
Tinha fortuna em dinheiro  
Aos olhos do mundo inteiro  
Era pessoa do bem.

Porque só vale quem tem  
Diz um dito popular  
O mundo só prestigia  
Quem possui o que gastar  
Aquele que nada tem  
Não passa de um Zé Ninguém  
Não pode se destacar

A baronesa Raposa  
Frequentava as altas rodas  
Passeava na Europa  
Importava as suas modas  
Raposa desde menina  
Tinha a língua mais ferina  
Do que ácido das sodas

Era pessoa grã-fina  
Embora já fosse idosa  
Pôs silicone no rabo  
Para ficar mais gostosa  
De ouro, jóia e cristal,  
Tinha um vasto cabedal  
De origem duvidosa.

Pois seu falecido pai  
Foi grande contrabandista  
Comprava tudo fiado  
E depois vendia á vista  
Mas não pagava a ninguém  
Enganou a mais de cem  
O velho capitalista

Depois de morto virou  
Nome de rua e de praça  
Criaram uma Fundação  
Coisa de gente ricaça  
Quem prega a filantropia  
Na maior hipocrisia  
Mas não dá nada de graça.

O Timbu, por sua vez.  
Usando de armação  
Vez por outra frequentava  
A corte do Rei Leão  
Delatando algum levante  
Babando e assim por diante  
Defendiam o se quinhão.

Rei Leão em tempos idos  
Teve um forte adversário  
Era um Tigre de Bengala  
Marechal reacionário  
Era um raio em destreza  
Mas, usado de esperteza,  
O Timbu fez dele otário

No conceito de Leão  
Timbu não valia nada  
Porém usando de astúcia  
Armou uma emboscada  
Na qual o Tigre morreu  
Depois que isto se deu  
Virou pessoa estimada.

Timbu propôs ao Leão  
Que preparasse uma caçada  
Na qual o Tigre seria  
Personagem convidada  
Como de fato ocorreu  
Porém vejam o que se deu  
Nessa farsa preparada.

Saíram os três pra caçar  
Tigre, Timbu e Leão  
Numa floresta que havia  
Nos confins desta nação  
Depois que muito andaram  
Os predadores caçaram  
Javali, lebre e faisão.

Bicho nenhum resistia  
A fúria dessa quadrilha  
Juntamente todas as caças  
E ali fizeram uma pilha  
O rei Leão quando viu  
Logo ao Tigre sugeriu  
Que começasse a partilhar.

Disse Leão: - Quero ver  
O seu senso de justiça  
Pois vejo que estas caças  
Não dão para meia missa  
Faça a partilha, colega!  
Matemática não me pega  
Pra isto eu tenho preguiça!

Disse o Tigre: - Majestade  
Vou fazer a divisão  
A lebre é para o Timbu  
Pra mim, fica o faisão  
E o nobre javali  
Deve ficar pra ti  
Nosso grande rei Leão.

O Leão indignado  
Lhe respondeu: - Idiota  
Essa partilha é injusta  
Não me venha com lorota  
Diga em reles gramática  
Essa sua matemática  
É coisa de agiota!

O Tigre se enfureceu  
E contra ele marchou  
Nisto o Leão se ergueu  
E sua força mostrou  
Com raiva concentrada  
Deu-lhe tão grande patada  
Que a cabeça voou.

Virou-se para o Timbu  
E disse: - Use a outra tática  
Vamos fazer a partilha  
De uma maneira mais prática  
O Tigre só fez tolice  
E como eu já lhe disse  
Sou péssimo em matemática

O Timbu então usando  
De astúcia e armação  
Disse é mais do que justo  
Ficar tudo pro Leão  
A lebre para merenda  
Javali, a outra prende  
Fica pro almoço, então...

E quando ao nobre faisão  
Este fica pro jantar  
É prato digno dos reis  
Conforme eu ouvi falar  
Eis aqui toda a verdade  
Sente à mesa, majestade  
Pode se banquetear!

-Oh! Que senso de justiça  
Disse O Leão apresentado  
Sua nobreza é tão grande  
Que me deixa admirado  
És grande sábio, ó Timbu  
De hoje em diante tu  
Na corte será honrado!

- Quem foi que te ensinou  
Dividir desta maneira?  
Disse o Timbu: - Majestade  
Foi a patada certa  
Que o velho Tigre levou  
Sua cabeça rolou  
Ao longo da ribanceira!

Portanto, leitor amigo  
Foi assim que prosperou  
O mafioso Timbu  
Graça à farsas que amarrou.  
Livre do Tigre atrevido,  
Rei Leão agradecido,  
Para a corte o convidou.

Essas coisas da política  
São mesmo de admirar  
Pessoa limpa e honesta  
É difícil prosperar  
Porém o vil trapaceiro  
Ganha prestígio e o dinheiro  
Conforme pode provar.

Raposa que era tratada  
Como distinta pessoa  
Era de fato um quenga  
De qualidade a toa  
Amante do Rei Leão  
Houve grande confusão  
Quando contaram à Leoa.

Para evitar um escândalo  
Ali naquele momento  
Rei Leão chamou Raposa  
Entraram em entendimento  
O acordo foi firmado:  
Encontrar um abestado  
Que a pedisse em casamento.

Ora, o Timbu reunia  
"Qualidade" ate de sombra  
Era a pessoa indicada  
Para aumentar o desmantelo  
Que se pôs convencê-lo  
Foi marquesa dona cobra.

Raposa por sua vez  
Foi tratar do enxoval  
Mandou trazer de Paris  
Um tecido especial  
Pra fazer a roupa dela  
Grinalda, véu e capela  
Edicétera, coisa e tal...

A cobra foi ao Timbu  
E o convenceu primeiro  
Ele, que como se sabe  
Era um malandro altaneiro  
Pôde sua "banca" botar  
Disse: - Só subo no altar!  
Se correr muito dinheiro!

Mandaram correr os banhos  
E a data foi marcada  
Leoa com esse arranjo  
Ficou muito conformada  
Esqueceu a traição  
Perdoou o Leão  
Fingia não saber nada

O Leão, por sua vez,  
Fez um trato interessante  
Mesmo depois de casada  
Raposa seria amante...  
Timbu, corno conformado  
Seria então nomeado  
Para um emprego distante

Timbu, que não era besta  
Mas se fingia de cego  
Dizia com seus botões  
Eu sei de tudo, não nego  
Isso são coisas do amor,  
Eu serei embaixador,  
No reino da Caixa-prego!

O Timbu fazia planos  
Para a vida de casado  
Tratou então de esquecer  
Seu nebuloso passado  
Cheio de roubo e maldade  
Perante a sociedade  
Tornou-se um sujeito honrado.

Mas se o passado é uma nódoa  
Torna-se grave a sentença  
Pra quem tem o rabo preso  
Disse um sábio de Provença  
Que o passado sempre trai  
Às vezes a coisa não sai  
Do jeito que a gente pensa

Nesse tempo Dom Macaco  
Era um grande jornalista  
Da coluna de fofocas  
Ele era articulista  
Vivia de fazer chantagem  
Maldade e picaretagem  
Era um reles vigarista

E como a corda só quebra  
Sempre do lado mais fraco  
O símio pensou comigo  
Ao Leão eu não ataco  
Que é medonho o sururu  
Vou extorquir de Timbu  
Pensou consigo o Macaco

Este pasquim do Macaco  
Chamava-se "A Trombeta"  
Saia diariamente  
Todos liam na gazeta  
Notas de tirar o sono  
Mesmo sabendo que o dono  
Era um grande picareta.

Primeiramente o Macaco  
Mandou o repórter Sonhim  
Redigir uma notinha  
Bombástica, dizendo assim:  
"Por causa do vil dinheiro,  
Disse um crápula interesseiro,  
Ter chifre não é ruim!"

No outro dia, no reino  
Não se falava outra coisa  
Timbu procurou Macaco  
Foi defender sua esposa  
O boato já crescia  
Um dizia, outro dizia  
Só pode ser a Raposa...

Macaco já previa  
Toda aquela reação  
Chamou o Timbu de parte  
E pediu logo um milhão  
Pra permanecer calado  
Porque era acostumado  
A praticar extorsão

Timbu ficou assombrado  
Com aquela grande quantia  
Mesmo assim a metade  
Quando foi no outro dia  
Procurou o jornaleiro  
E num vistoso letreiro  
Outra nota assim dizia:

"um destino cidadão  
Sujeito nobre e honrado  
Irá casar-se amanhã  
Na capital do reinado  
Mas a sua sorte mingua  
Pois já disse uma má língua  
Será corno conformado"

O Timbu com esta manchete  
Teve uma grande fadiga  
Contratou Tamanduá  
Para acabar com a intriga  
Vejam só o que se deu  
Dom Macaco amanheceu  
Com a boca cheia de formiga.

Nosso reporte Sonhim  
Ficou muito revoltada  
No enterro de seu chefe  
Fez um discurso inflamado  
E ali, debaixo de chuva  
Prometeu para a viúva  
O crime será vingado!

No discurso enalteceu  
Do Macaco a horandez  
Sua conduta ilibada  
Honestidade, altivez!  
Depois armou-se de faca,  
Enquanto dona Macaca  
Lamentava a viuvez.

Chamava-se este Sagüi  
Paulo Pedroso Paulino  
Era um grande jornalista  
Desde os tempos de menino...  
Mas para a sociedade,  
Que só vê má qualidade,  
Era um cachaceiro fino!

Vamos deixar o Sonhim  
Pra falar do casamento  
Enquanto ele discursava  
Naquele justo momento  
Timbu recebia Raposa  
Como legítima esposa  
Com um grande contentamento.

Preparam um grande baile  
Bem pertinho da igreja  
Rei Leão mandou comprar  
Trinta grades de cerveja  
Cinqüenta de vinho tinto  
Tinha naquele recinto  
Até bolo de cereja!

E mestre Tamandüá  
Autor do crime citado  
Recebeu muito dinheiro  
E fugiu pra outro estado  
Só pra não dar na vista  
Porque Timbu muito artista  
Já comprara o delegado.

Nesse tempo o delegado  
Era o doutor Cururu  
Seu ajudante de ordens  
O cabo surucucu  
Que também foi subornado  
Depois de tudo arranjado  
Quem prenderá o Timbu?

Rei Leão tratou do caso  
Do jeito que lhe convinha  
Raposa disse: - Bem feito,  
Era pessoa mesquinha  
Morreu, eu não dou cavaco  
Quem matou o doutor Macaco  
Merece até u'a galinha!

Mais a coisa não correu  
Conforme o planejado  
Porque o leitor já viu  
Mestre Sagüi assanhado  
Pior do que carangueja  
Na saída da igreja  
Timbu foi assassinado.

O Sonhim se ocultou  
Num pé de laranja-lima  
Quando os noivos passaram  
Ele pulou lá de cima  
Com uma faca amolada  
Desferiu grande facada  
Pra vingar a sua prima.

A viúva do Macaco  
Era prima do Sonhim  
E este, por sua vez  
Até não era tão ruim  
Porém, se vendo ultrajado  
Fez este ato extremado  
Ao noivo Timbu deu fim.

O Sagüi depois do crime  
Foi levado pra cadeia  
E lá mesmo o Cururu  
Matou o pobre de peia  
Digo sempre em minha loa  
Isso resulta a pessoa  
Que vinga questão alheia.

Nesse tempo não havia  
Os tais "Direitos Humanos"  
Para defender os fracos  
Dos desmandos dos tiranos  
Vejam que além do mais,  
Falamos de animais  
Sendo assim são outros planos.

Dom macaco faleceu  
Porque usou de malícia  
Sagüi matou dom Timbu  
Num ato de estultícia  
Um crime mal planejado  
Foi preso e foi torturado  
Nas mãos da própria polícia.

E a viúva Raposa  
Sujeita vil e pedante  
Esqueceu de toda cena  
Continuou sendo amante  
Do Leão, tudo vai bem  
Porque só vale quem tem  
Tenho ouvido isso bastante;

"A TROMBETA" foi vendida  
Doutor Cururu comprou  
Dizem que foi o Leão  
Que a compra financiou  
Vejam a sorte do mais fraco -  
A viúva do Macaco  
Há tempos já se mudou.

Um cabra de Lampião  
Por nome Pilão Deitado  
Que morreu numa trincheira  
Em certo tempo passado.  
Agora pelo sertão  
Anda correndo visão  
Fazendo mal-assombrado

E foi quem trouxe a notícia  
Que viu Lampião chegar  
O inferno neste dia  
Faltou pouco pra virar  
Incendiou-se o mercado  
Morreu tanto cão queimado  
Que faz pena até contar

Morreu a mãe de Canguinha  
O pai de Forrobodó  
Três netos de Parafuso  
Um cão chamado Coitô  
Escapuliu Boca Ensossa  
E uma moleca moça  
Quase queimava o totó

Morreram 10 negros velhos  
Que não trabalhavam mais  
E um cão chamado Traz-cá  
Vira-volta e Capataz  
Tromba-Suja e Bigodeira  
Um por nome de Goteira  
Cunhado de Satanás

Vamos tratar da chegada  
Quando Lampião bateu  
Um moleque ainda moço  
No portão apareceu  
- Quem é você cavaleiro?  
- Moleque eu sou cangaceiro  
Lampião lhe respondeu

- Moleque não! sou vigia  
E não sou seu pariceiro.

E você aqui não entra  
Sem dizer quem é primeiro  
- Moleque abra o portão  
Saiba que sou Lampião  
Assombro do mundo inteiro

Então esse tal vigia  
Que trabalha no portão  
Dá pisa que voa cinza  
Não procura distinção  
O negro escreveu não leu  
A macaíba comeu  
Lá não se usa perdão

O vigia disse assim:  
- Fique fora que eu entro  
Vou conversar com o chefe  
No gabinete do centro  
Por certo ele não lhe quer  
Mas conforme o que disser  
Eu levo o senhor pra dentro

Lampião disse: - vá logo  
Quem conversa perde hora  
Vá depressa e volte já  
Eu quero pouca demora  
Se não me derem ingresso  
Eu viro tudo *às avessas*  
Toco fogo e vou embora

O vigia foi e disse  
A Satanás no salão:  
- Saiba Vossa Senhoria  
Aí chegou Lampião  
Dizendo que quer entrar  
E eu vim lhe perguntar  
Se dou-lhe o ingresso ou não

- Não senhor, Satanás disse  
Vá dizer que vá embora  
Só me chega gente ruim  
Eu ando muito caipora  
Estou até com vontade  
De botar mais da metade  
Dos que têm aqui pra fora

Lampião é um bandido  
Ladrão da honestidade  
Só vem desmoralizar  
A minha propriedade  
E eu não vou procurar  
Sarna pra me coçar  
Sem haver necessidade

Disse o vigia: - patrão  
A coisa vai arruinar  
Eu sei que ele se dana  
Quando não puder entrar  
Satanás disse: - isso é nada  
Convide aí a negrada  
E leve os que precisar

Leve 3 dúzias de negros  
Entre homem e mulher  
Vá na loja de ferragem  
Tire as armas que quiser  
É bom escrever também,  
Pra virem os negros que tem  
Mais compadre Lucifer

E reuniu-se a negrada  
Primeiro chegou Fuxico  
Com um bacamarte velho  
Gritando por Cão de Bico  
Que trouxesse o pau da prensa  
E fosse chamar Trangença  
Na casa de Maçarico

E depois chegou Cambota  
Endireitando o boné  
Formigueiro e Trupizupe  
E o crioulo Quelé  
Chegou Banzeiro e Pacaia  
Rabisca e Cordão de Saia  
E foram chamar Bazé

Veio uma diaba moça  
Com a calçola de meia  
Puxou a vara da cerca  
Dizendo: a coisa está feia  
Hoje o negócio se dana  
E disse: *eita* baiana  
Agora a *ripa* vadeia

E lá vai a tropa armada  
Em direção do terreiro  
Pistola, faca e facão  
Clavinote e granadeiro  
E um negro também vinha  
Com a trempe da cozinha  
E o pau de bater tempero

Quando Lampião deu fé  
Da tropa negra encostada  
Disse: só na Abissínia  
Oh! tropa preta danada  
O chefe do batalhão  
Gritou: as armas na mão  
Toca-lhe fogo negrada!

Nessa voz ouviu-se tiros  
Que só pipocá no caco  
Lampião pulava tanto  
Que parecia macaco  
Tinha um negro nesse meio  
Que durante o tiroteio  
Brigou tomando tabaco

Acabou-se o tiroteio  
Por falta de munição  
Mas o cacete batia  
Negro embolava no chão  
Pau e pedra que pegavam  
Era o que as mãos achavam  
Sacudiam em Lampião

- Chega, traz um armamento  
Assim gritava o vigia  
Traz a pá de mexer doce  
Lasca os ganchos de Caria  
Traz o birro de Maçau  
Corre vai buscar um pau  
Na cerca da padaria

Lucifer mais Satanás  
Vieram olhar o terraço  
Todos contra Lampião  
De cacete, faca e braço  
O Comandante no gritô  
Dizia: - briga bonito  
Negrada, chega-lhe o aço

Lampião pôde apanhar  
Uma caveira de boi  
Sacudiu na testa dum  
Ele só fez dizer: oi!  
Ainda correu 10 braças  
E caiu enchendo as calças  
Mas eu não sei de que foi

Estava a luta travada  
Já mais de hora fazia  
A poeira cobria tudo  
Negro embolava e gemia  
Porém Lampião ferido  
Ainda não tinha sido  
Devido a sua energia

Quem duvidar nessa história  
Pensar que não foi assim  
Querer zombar do meu sério  
Não acreditando em mim

Lampião pegou um seixo  
E o rebolou num cão  
A pedrada arreventou  
A vidraça do oitão  
Saiu um fogo azulado  
Incendiou-se o mercado  
E o armazém de algodão

Satanás com esse incêndio  
Tocou um búzio chamando  
Correram todos os negros  
Os que estavam brigando  
Lampião pegou olhar  
Não viu mais com quem brigar  
Também foi se retirando

Houve grande prejuízo  
No inferno nesse dia  
Queimou-se todo dinheiro  
Que Satanás possuía  
Queimou-se o livro de pontos  
Perderam seiscentos contos  
Somente em mercadorias

Reclamava Satanás:  
- Horror maior não precisa  
Os anos ruins de-safra  
E mais agora essa pisa  
Se não houver bom inverno  
Tão cedo aqui no inferno  
Ninguém compra uma camisa

Leitores vou terminar,  
Tratando de Lampião  
Muito embora que não posso  
Vos dar a resplução  
No inferno não ficou  
No céu também não chegou  
Por certo está no sertão

Vá comprar papel moderno  
Escreva para o Inferno  
Mande saber de Caim.

# O Gostosão

Autora: **Maria Godelivie**  
*Poetisa e Professora*



LITERATURA DE CORDEL

## UM COMUNISTA E UMA POETISA.

Basta soprar levemente o búzio mágico de chamar poetisas que elas aparecem, foi assim quando o PROJETO VIVA O CORDEL, da FUNCESP, editou 7 títulos de autoria de 4 mulheres cordelistas e repele-se agora ao aparecer-me MARIA GODELIVIE com 2 originais inéditos. Esta moça é poeta por natureza, educadora por vocação e, para minha grata surpresa, filha de um amigo meu. Antes de comentar o trabalho poético de Godelivie sinto-me tentado registrar um fato histórico (?). Nos primeiros dias da quartelada entreguista de 64 caçavam-se comunistas (leia-se discordantes) como se caçam hoje os famigerados mosquitos da dengue. E como naquele tempo eu achava, como ainda hoje acho, que o Brasil é para os brasileiros, fui um dos caçados, com cedilha e com dois esses.

A primeira suplência de vereador, pelo PSB; a Secretaria da Comissão de Compras da Prefeitura; o emprego de gráfico na Livraria Pedrosa; a representação que tinha no Sindicato dos Gráficos e na Confederação Nacional dos Gráficos me foram arbitrariamente solapados.

"Continua"

# O Gostosão

Autora: **Maria Godelivie**  
*Poetisa e Professora*

Minha nossa! Meu Senhor!  
Onde fui eu me meter,  
Arranjar duas mulheres?  
Eu não tinha o que fazer?  
Agora já não sei mais  
Como o caso resolver.

Sou casado de aliança  
Perante padre e juiz  
A mulher legítima é braba,  
Prométeu? Faz o que diz,  
E eu, o que vou fazer  
Com esse impasse infeliz.

A carne é fraca, porém,  
Adoro minha mulher  
Que além d'outras coisas dá-me  
Beijo, abraço e cafuné  
Mas me deixei envolver  
Pela linda Salomé.

Não que a minha mulher  
Seja feia ou desdentada,  
Ela é bastante bonita  
Bem feita e bem conservada  
Eu porém não resisti  
A ter uma namorada.

Tudo que é bom dura pouco  
A mulher ficou sabendo,  
Disse: hoje tu me pagas,  
Eu já estou me escondendo  
Com medo que ela faça  
O que anda prometendo.

Ela disse que me capa...  
Que vai fazer picadinho,  
Pior é que Salomé  
Contou pra ela tudinho  
Disse que foi enganada  
Desmantelou o meu ninho.

Valei-me Santo Expedito  
Me diz logo o que fazer  
Porque aí vem as duas  
E não sei o que dizer  
Se entre uma e outra  
For obrigado escolher.

02

A esposa toda prosa  
Foi logo dizendo assim:  
- Mané responde se queres  
À Salomé ou a mim  
Saiba que de hoje não passa  
Esse negócio ruim.

Cabra safado, nojento,  
Resolve o que vais querer,  
Tu me fazendo de besta  
Namorando pra valer  
Mas diga logo tarado  
O que pretendes fazer.

Querida, minha querida  
Estais farta de saber  
Eu te amo mais que tudo  
Você é meu bem querer  
Mas entre duas mulheres  
Fica difícil escolher.

Salomé choramingava  
Esperando o resultado  
Quando chegou sua vez  
De falar, disse: Safado  
Gostei tanto de você  
Sem saber que eras casado.

03

Você com cara de santo  
Me prometeu casamento  
Naquela tarde de amor  
Fez até um juramento  
De me levar pro altar  
E assinar documento.

Salomé tu me desculpa  
Eu estava te enganando  
Mas o que sinto por ti  
Cada vez vai aumentando  
Eu quero resolver isso  
Mas só não sei dizer quando.

Esperava que vocês  
Ficassem amigas normais  
Para eu dividir com calma  
O tempo em partes iguais,  
Pra Rosinha os dias pares  
Pra Salomé os demais.

Rosa rodou a bahiana  
E rosou como um leão  
Dizendo eu mesmo não quero  
Essa tua divisão,  
Tu merece é ser capado  
Pra virar frango ou capão.

04

Querida não pense nisso,  
Que besteira estais dizendo  
Eu perdendo as "ferramentas"  
Você também sai perdendo  
Eu vou falar fino e tu  
Não ganha o que "tás" querendo.

Salomé disse "neguinho"  
Resolve o que vais fazer  
Se vamos comprar os móveis  
Que andasse a me prometer  
E quando vais alugar  
A casa pra nós viver.

Eu confesso que te disse  
E prometia cumprir  
Só não esperava mesmo  
Era a matriz descobrir  
E nosso lindo namoro  
Ela querer destruir.

Resolve meu Manesinho  
Se comigo vais ficar  
Se vamos juntar os troços  
Com o padre ou sem altar  
Resolve logo Mané  
Aonde vamos morar.

05

Salomé não te apresses  
E procura me entender  
Não posso deixar Rosinha  
Neste mundo a padecer  
Pois se me casei com ela  
Foi por meu livre querer.

Você eu quero também  
Mas é preciso pensar  
E decidir como faço  
Pra com as duas ficar  
E ainda sobrar um tempo  
Para poder descansar.

Rosa partiu pra Mané  
Com o facão afiado  
Gritando isso eu não aceito  
O jeito é seres capado,  
Vou cortar teus "possuídos"  
Dar a um gato esfomeado.

Mané pediu-lhe: Tem pena  
Deste pobre que te ama,  
Sei que errei meu amor  
Peço perdão pela trama  
Porém sem meus "possuídos"  
Meu viver vai ser um drama.

06

Rosa disse então Mané  
Resolve logo a questão  
Se escolher Salomé  
Vou lhe cortar o "cunhão"  
E pra mim vou procurar  
Arranjar um gostosão.

Foi a vez de Salomé  
Dizer assim não aguento  
Para que diabo o quero  
Estando sem "documento"  
Por mim marido capado  
Pode ir dormir no relento.

Rosinha toda contente  
Disse: olha aí maridão  
Em vez de cantar de galo  
Ias virando capão  
Vamos pra casa e jamais  
Penses em ser gostosão.

Mané disse me perdoa  
Rosinha meu bem querer  
Juro que daqui pra frente  
Nunca te farei sofrer  
Vamos agora pra casa  
Comemorar pra valer.

07

Vamos querido Mané  
Vamos pra casa ligeiro  
Mas antes hás de fazer  
Os teus serviços primeiro,  
Lavar louça, passar ferro,  
Cozinhar, limpar banheiro.

Por que a partir de hoje  
Meu "fugoso" maridão  
Tu vais ficar na cozinha  
E trabalhar de montão  
Enquanto passeio com  
O gostosão Ricardão.

É isso que acontece  
Ao cabra namorador  
Por não dar ao casamento  
O seu devido valor  
Leva um chute da amante  
E chifre do velho amor.

\*\*\* FIM \*\*\*

OBS.: A professora Maria Godeliúze, tem-se utilizado  
do cordel em sala de aula com excelentes resultados.

Campina Grande, Novembro de 2002

--- PARAÍBA ---

08

## Ah! Que Saudade Danada do Sertão de Antigamente

Autor:

*Manoel Monteiro*

Membro da ABLC

Saudade não mata gente  
Porque se fosse verdade  
Eu já teria morrido  
De tristeza na cidade,  
Mas quando a saudade acossa,  
Fecho os olhos, volto à roça  
Subtraindo a idade.

Vejo o casarão do sítio  
Com sua grande janela,  
O portal de aroeira,  
A porta larga, a tramela,  
O banco onde me sentei,  
A sala donde escutei  
Muitas cantorias nela.

09

O pote numa forquilha,  
Os copos nu'a mesinha,  
Entre o corredor, os quartos,  
Que chamavam camarinha,  
Na frente um vasto terreiro  
Atrás da casa um poleiro  
Dormitório pra galinha.

Lembro o balanço da rede  
No alpendre da vivenda,  
Nosso pedaço de terra  
Que alguns chamavam fazenda,  
O perfume da coalhada,  
Odor de terra molhada,  
Profuso cheiro de venda.

Bodega, ou venda, cheirava  
À fumo de rolo e gás,  
Açúcar Preto, tempero,  
Creolina e aguarrás,  
Pão doce, confeito e brote,  
Cânfora, loção, "cocorote"  
Cheiros que não sinto mais.

10

Vejo-me de calças curtas  
De camisa aberta ao peito  
Correndo no campo verde  
Levando os ramos de eito,  
Nas moitas de gitirana  
Procurando o mel bacana  
Que o capuxu tinha feito.

Chupando cana caiana  
Comendo condessa e pinha  
Rebanhando criação  
Quando a noite morna vinha,  
Botando milho de molho  
Para depois de zarolho  
Fazer cuscuz e farinha.

Trançando cerca de vara  
Pregando arame farpado  
Roçando mato de foíce  
Para formar o roçado,  
Vejo-me bem molecote  
Correndo atrás de capote  
Para comê-lo guisado.

11

Ouço alpercata rangindo  
Nas pedras do taboleiro  
Porque era entremeada  
Com catemba de coqueiro,  
O seu chiado era a prova  
De que a "bicha" era nova  
E o dono tinha dinheiro.

Vejo-me de riso largo  
Com alguns cobres na mão  
Proveniente da venda  
De mamona e de algodão,  
Dum borrego, ou dum novilho,  
De umas cuias de milho,  
Dum couro de criação.

Por falar em criação  
A dor da saudade aumenta  
Lembrando o tempo que tinha  
Uma tesão violenta  
E para a crise passar  
O jeito era namorar  
Novilha, cabra e jumenta.

12

Ah! Que saudades que tenho  
Da primeira namorada,  
Do primeiro envolvimento  
Da primeira fornicada  
Sobre um colchão de capim  
Como não achei ruim  
Depravei-me na putada.

O Sertão tem tais encantos  
Que só sabe quem conhece,  
A quietude da noite,  
Ou quando o dia amanhece,  
O passaredo cantando  
Mesmo a gente se afastando  
Fica velho e não esquece.

Lá meninote já sabe  
Retirar mel de abelha.  
Encontrar o barro certo  
Pra fazer tijolo e telha,  
Trançar relho de estalo  
Botar passada em cavalo  
Pastorar bode e ovelha.

13

Localizar onde tem  
Batata de umbuseiro  
Fazer lanche de resina  
Comer fruta de facheiro,  
Fazer festa com roqueira  
Atirar de suvaqueira  
Amansar bicho treiteiro.

Pegar água no barreiro  
Com uma lata furada  
Catar algodão ao sol  
Limpar mato de enxada,  
Fazer aceiro de broca,  
Raspar, sevar mandioca  
Para fazer farinhada.

Montar cavalo de pau  
Fazendo a vez de vaqueiro  
E ficar o dia todo  
Correndo pelo terreiro,  
O gado era inexistente  
Mas eu tinha em minha mente  
Ser um grande fazendeiro.

14

O algodoal adulto  
Era preciso podar  
A esse mister a gente  
Chamava de "decotar",  
Isso renovava às plantas,  
São tantas lembranças, tantas  
Que embargo a voz ao falar.

Lembro-me dum lobisomem  
Que "assombrava" a vizinha,  
O marido o tocaiou  
Deu-lhe um tiro na espinha,  
Foi ver do que se tratava  
Era um compadre que estava  
"Tampando" sua velhinha.

Lembro e "morro" de saudade  
Das festas de São João,  
Do xem-xem do oito baixos,  
Da poeira do salão,  
Dos rapazes na disputa  
De carregar a matuta  
Pra chamegar no oitão.

15

Lembro o catecismo velho  
Volto às noites de novena  
Ouço os benditos cantados  
Deixando a alma serena;  
Em nosso oratório tosco  
Tinha Maria e D. Bosco,  
Pedro, Jesus, Madalena...

Um quadro do Padre Cícero  
Com seu chapéu, seu cajado,  
Uma estampa de São Jorge,  
São Sebastião flechado,  
Um Bento de algodão  
Que o Santo Frei Damião  
Tinha-me presenteado.

Quem lembra sofre de novo  
Repetindo o padecer,  
Que o tempo não volta mais  
Estou farto de saber  
E quando a saudade rói  
Causa uma dor que não dói  
Mas sinto a peste doer.

Campina Grande-PB, 26.10.2002

**LEMBRETE:**

*- Continuam devendo um monumento-memorial  
ao poeta popular nordestino.*

16

Dar cobertura a um perseguido daqueles dias de caça às bruxas era o mesmo que beijar as feridas de um leproso e o pai de Godelivie, meu amigo Agripino Batista, à época mais conhecido por Agripino da Camaraense (êta caninha boa) refugiou-me temporariamente em um dos seus imóveis. Agora aproveito, embora tardiamente, para de público agradecer e registrar seu corajoso gesto. Quanto à sua filha, caro amigo, traz-me, em versos, O MOURO DE VENEZA NA VISÃO DO CORDELISTA, uma adaptação, segundo ela, de um clássico shakespeariano. Godelivie está alimentando dois coelhos com uma só ração, ela que é professora do ensino fundamental e médio está oferecendo aos seus alunos lutas refeições de poesia popular com sobremesa do romanceiro universal. este caminho foi palmilhado por Leandro.

MARIA GODELIVIE também faz poesia humorística, O GOSTOSÃO, que aqui vai publicado é prova disso. O "meu" AH! QUE SAUDADE DANADA... que ocupa da página 09 à 16 é só acompanhamento, o prato principal aqui é a estreia da nova poetisa e, se depender de mim, muitas outras virão juntar-se à nós.

*Manoel Monteiro  
(Poeta Popular)*



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE  
CAMPINA GRANDE

Centro de Humanidades – CH  
Unidade Acadêmica  
Pós - Graduação em Linguagem e Ensino  
Pesquisa: Leitura de cordel à Luz da Estética da Recepção  
Orientador: José Helder Pinheiro  
Pesquisadora: Janaína Lira

### Questionário

- 1) Você costuma se divertir com frequência?  Sim ( ) não
- a) Qual o seu lazer preferido?(piscina, shopping, ler, cinema, outros?)  
Piscina, shopping, ler e etc.
- 2) No ano de 2007 você leu algum livro?  Sim ( ) Não
- a) Quantos e quais os livros que você leu em 2007?  
muitos, tem Sawyer e outros.
- 3) Esse ano você já leu algum livro?  Sim ( ) Não
- a) Quantos e quais?  
5, o significado dos sonhos e etc.
- 4) No momento você está lendo algum livro?  Sim ( ) Não
- Qual? a bíblia.
- 5) Você só costuma ler quando a escola, através do professor de língua portuguesa solicita algum livro? ( ) Sim  Não
- a) Por que? porque eu gosto.
- 6) Depois da experiência de leitura dos cordéis você leu por conta própria outros folhetos?  Sim ( ) Não
- a) Quais? confissão de cabloco.
- 7) Você já ganhou algum livro de presente de seus pais, de parentes e /ou de amigos?  Sim ( ) Não
- 8) Você costuma comprar, ou pedir para seus pais comprarem livros, revistas, jornais, gibis, cordéis?  Sim ( ) Não
- 9) Eles compram?  Sim ( ) Não
- a) comente porque eu digo que gosto e eles compra.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
CAMPINA GRANDE

Centro de Humanidades – CH  
Unidade Acadêmica  
Pós - Graduação em Linguagem e Ensino  
Pesquisa: Leitura de cordel à Luz da Estética da Recepção  
Orientador: José Helder Pinheiro  
Pesquisadora: Janaína Lira

### Questionário

- 1) Você costuma se divertir com frequência?  Sim ( ) não
- a) Qual o seu lazer preferido?(piscina, shopping, ler, cinema, outros?)  
*Shopping*
- 2) No ano de 2007 você leu algum livro?  Sim ( ) Não
- a) Quantos e quais os livros que você leu em 2007?  
*3 livros - O patinho feio, Branca de Neve e o Povoquinho.*
- 3) Esse ano você já leu algum livro? ( ) Sim  Não
- a) Quantos e quais?
- 4) No momento você está lendo algum livro? ( ) Sim  Não  
Qual?
- 5) Você só costuma ler quando a escola, através do professor de língua portuguesa solicita algum livro? ( ) Sim  Não
- a) Por que? *Porque eu leio em casa.*
- 6) Depois da experiência de leitura dos cordéis você leu por conta própria outros folhetos?  Sim ( ) Não
- a) Quais? *Lucas*
- 7) Você já ganhou algum livro de presente de seus pais, de parentes e /ou de amigos?  Sim ( ) Não
- 8) Você costuma comprar, ou pedir para seus pais comprarem livros, revistas, jornais, gibis, cordéis?  Sim ( ) Não
- 9) Eles compram?  Sim ( ) Não
- a) comente

*Chapeuzinho Vermelho, a pequena Sereia, Rapunzel, O patinho feio, Cinderela, Os três porquinhos, Bela e a Fera, Bela Adormecida*  
*Ana Carla Bento Pereira*



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE  
CAMPINA GRANDE

Centro de Humanidades – CH  
Unidade Acadêmica  
Pós - Graduação em Linguagem e Ensino  
Pesquisa: Leitura de cordel à Luz da Estética da Recepção  
Orientador: José Helder Pinheiro  
Pesquisadora: Janaína Lira

### Questionário

- 1) Você costuma se divertir com frequência?  Sim ( ) não
- a) Qual o seu lazer preferido?(piscina, shopping, ler, cinema, outros?)  
piscina.
- 2) No ano de 2007 você leu algum livro?  Sim ( ) Não
- a) Quantos e quais os livros que você leu em 2007?  
peter pan, o ganso de ouro, A Bala e a fera.
- 3) Esse ano você já leu algum livro?  Sim ( ) Não
- a) Quantos e quais? <sup>3 livros</sup> Peter pan, o ganso de ouro, A Bala e a fera.
- 4) No momento você está lendo algum livro? ( ) Sim  Não  
Qual?
- 5) Você só costuma ler quando a escola, através do professor de língua portuguesa solicita algum livro? ( ) Sim  Não
- a) Por que? porque eu leio sem ninguém mandar
- 6) Depois da experiência de leitura dos cordéis você leu por conta própria outros folhetos? ( ) Sim  Não
- a) Quais?
- 7) Você já ganhou algum livro de presente de seus pais, de parentes e /ou de amigos?  Sim ( ) Não  
dos meus pais.
- 8) Você costuma comprar, ou pedir para seus pais comprarem livros, revistas, jornais, gibis, cordéis?  Sim ( ) Não
- 9) Eles compram?  Sim ( ) Não
- a) comente livros de desenhos, revistas dos sig e etc...

José Matheus Bento Pereira.

Glauce Kelly do Silva



UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
CAMPINA GRANDE

Centro de Humanidades – CH  
Unidade Acadêmica  
Pós - Graduação em Linguagem e Ensino  
Pesquisa: Leitura de cordel à Luz da Estética da Recepção  
Orientador: José Helder Pinheiro  
Pesquisadora: Janaina Lira

Questionário

1) Você costuma se divertir com freqüência?  Sim ( ) não

a) Qual o seu lazer preferido?(piscina, shopping, ler, cinema, outros?)

Piscina.

2) No ano de 2007 você leu algum livro?  Sim ( ) Não

a) Quantos e quais os livros que você leu em 2007?

5 Limitoturno de cordel.

3) Esse ano você já leu algum livro?  Sim ( ) Não

a) Quantos e quais? Zi Carriola, A primeira, Pequeno livro, A munição etc.

4) No momento você está lendo algum livro?( ) Sim  Não

Qual?

5) Você só costuma ler quando a escola, através do professor de língua portuguesa solicita algum livro? ( ) Sim  Não

a) Por que? Eu leio em casa para o meu desenvolvimento.

6) Depois da experiência de leitura dos cordéis você leu por conta própria outros folhetos?  Sim ( ) Não

a) Quais? Livros em folhetos, e que eu acho importante.

7) Você já ganhou algum livro de presente de seus pais, de parentes e /ou de amigos?  Sim ( ) Não

8) Você costuma comprar, ou pedir para seus pais comprarem livros, revistas, jornais, gibis, cordéis?  Sim ( ) Não

9) Eles compram?  Sim ( ) Não

a) comente

Eles compram para mim desenvolver melhor na minha leitura. etc.



Universidade Estadual de  
CAMPINA GRANDE

Centro de Humanidades – CH  
Unidade Acadêmica  
Pós - Graduação em Linguagem e Ensino  
Pesquisa: Leitura de cordel à Luz da Estética da Recepção  
Orientador: José Helder Pinheiro  
Pesquisadora: Janaína Lira

### Questionário

- 1) Você costumar se divertir com freqüência? () Sim ( ) não
- a) Qual o seu lazer preferido?(piscina, shopping, ler, cinema, outros?)  
*Piscina e Cinema*
- 2) No ano de 2007 você leu algum livro? () Sim ( ) Não
- a) Quantos e quais os livros que você leu em 2007?  
*Eu li um que era sobre a história do Brasil e*
- 3) Esse ano você já leu algum livro? () Sim ( ) Não
- a) Quantos e quais?  
*2, um sobre literatura e um sobre história*
- 4) No momento você está lendo algum livro? ( ) Sim () Não  
Qual?
- 5) Você só costuma ler quando a escola, através do professor de língua portuguesa solicita algum livro? ( ) Sim () Não
- a) Por que?  
*Por que não gosto de ler*
- 6) Depois da experiência de leitura dos cordéis você leu por conta própria outros folhetos? ( ) Sim () Não
- a) Quais?
- 7) Você já ganhou algum livro de presente de seus pais, de parentes e /ou de amigos? ( ) Sim () Não
- 8) Você costuma comprar, ou pedir para seus pais comprarem livros, revistas, jornais, gibis, cordéis? ( ) Sim ( ) Não
- 9) Eles compram? ( ) Sim () Não

a) comente

*Porque eu não posso comprar e comprar*  
*Porque não*



UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
CAMPINA GRANDE

Centro de Humanidades – CH

Unidade Acadêmica

Pós - Graduação em Linguagem e Ensino

Pesquisa: Leitura de cordel à Luz da Estética da Recepção

Orientador: José Helder Pinheiro

Pesquisadora: Janaína Lira

### Questionário

- 1) Você costuma se divertir com frequência?  Sim ( ) não
- a) Qual o seu lazer preferido?(piscina, shopping, ler, cinema, outros?)  
JOGO, CINEMA.
- 2) No ano de 2007 você leu algum livro?  Sim ( ) Não
- a) Quantos e quais os livros que você leu em 2007?  
VÁRIOS - EXEMPLO: O CÓDIGO DA VIDA,  
CAPITÃES DA ARSIA.
- 3) Esse ano você já leu algum livro?  Sim ( ) Não
- a) Quantos e quais? histórias extraordinárias  
de ALAN POER. E outros.
- 4) No momento você está lendo algum livro? ( ) Sim  Não  
Qual? Não por enquanto mas ler HARRY POTTER.
- 5) Você só costuma ler quando a escola, através do professor de língua portuguesa solicita algum livro? ( ) Sim  Não
- a) Por que? NÃO leio mais por que não tenho.
- 6) Depois da experiência de leitura dos cordéis você leu por conta própria outros folhetos?  Sim ( ) Não
- a) Quais? Uma, escrita por um autor amigo meu.
- 7) Você já ganhou algum livro de presente de seus pais, de parentes e/ou de amigos? ( ) Sim  Não - MAS DESEJARIA.  
SERIA UMA DAS MELHORES DROGAS.
- 8) Você costuma comprar ou pedir para seus pais comprarem livros, revistas, jornais, gibis, cordéis?  Sim ( ) Não
- 9) Eles compram? ( ) Sim  Não
- a) comente



UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
CAMPINA GRANDE

Centro de Humanidades – CH  
Unidade Acadêmica  
Pós - Graduação em Linguagem e Ensino  
Pesquisa: Leitura de cordel à Luz da Estética da Recepção  
Orientador: José Helder Pinheiro  
Pesquisadora: Janaina Lira

### Questionário

- 1) Você costumar se divertir com freqüência? (X) Sim ( ) não
- a) Qual o seu lazer preferido?(piscina, shopping, ler, cinema, outros?)  
*Piscina, e outros*
- 2) No ano de 2007 você leu algum livro? (X) Sim ( ) Não
- a) Quantos e quais os livros que você leu em 2007?  
*2 Romanos e folhetos, e gay que quer ser homem*
- 3) Esse ano você já leu algum livro? ( ) Sim (X) Não
- a) Quantos e quais?  
*1*
- 4) No momento você está lendo algum livro?(X) Sim ( ) Não
- Qual?  
*como entender a paz entenda*
- 5) Você só costuma ler quando a escola, através do professor de língua portuguesa solicita algum livro? (X) Sim ( ) Não
- a) Por que? *apenas quando a escola solicita algum assunto de língua*
- 6) Depois da experiência de leitura dos cordéis você leu por conta própria outros folhetos? (X) Sim ( ) Não
- a) Quais?  
*como entender a poesia*
- 7) Você já ganhou algum livro de presente de seus pais, de parentes e /ou de amigos? ( ) Sim (X) Não
- 8) Você costuma comprar, ou pedir para seus pais comprarem livros, revistas, jornais, gibis, cordéis? ( ) Sim (X) Não
- 9) Eles compram? ( ) Sim (X) Não
- a) comente *porque geralmente eu estou muito ocupada trabalhando de manhã até as 6:00 horas*



UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
CAMPINA GRANDE

Centro de Humanidades – CH  
Unidade Acadêmica  
Pós - Graduação em Linguagem e Ensino  
Pesquisa: Leitura de cordel à Luz da Estética da Recepção  
Orientador: José Helder Pinheiro  
Pesquisadora: Janaína Lira

### Questionário

- 1) Você costuma se divertir com frequência?  Sim ( ) não
- a) Qual o seu lazer preferido?(piscina, shopping, ler, cinema, outros?)  
*Costo de ir a escola, lugares, passear com os amigos, o shopping etc*
- 2) No ano de 2007 você leu algum livro?  Sim ( ) Não
- a) Quantos e quais os livros que você leu em 2007?  
*3 livros. Dom Quixote, Toda a Samba Cruz*
- 3) Esse ano você já leu algum livro? ( ) Sim  Não
- a) Quantos e quais?
- 4) No momento você esta lendo algum livro?( ) Sim  Não  
Qual?
- 5) Você só costuma ler quando a escola, através do professor de língua portuguesa solicita algum livro?  Sim ( ) Não
- a) Por que? *eu não sou muito interessada para ler*
- 6) Depois da experiência de leitura dos cordéis você leu por conta própria outros folhetos?  Sim ( ) Não
- a) Quais? *não está lembrada o nome de cordéis no momento*
- 7) Você já ganhou algum livro de presente de seus pais, de parentes e /ou de amigos? ( ) Sim  Não
- 8) Você costuma comprar, ou pedir para seus pais comprem livros, revistas, jornais, gibis, cordéis? ( ) Sim  Não
- 9) Eles compram? ( ) Sim  Não
- a) comente

nome: *Janaína Fernanda*



UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
CAMPINA GRANDE

Centro de Humanidades – CH  
Unidade Acadêmica  
Pós - Graduação em Linguagem e Ensino  
Pesquisa: Leitura de cordel à Luz da Estética da Recepção  
Orientador: José Helder Pinheiro  
Pesquisadora: Janaína Lira

### Questionário

1) Nome: *Gláucia Kelly da Silva*

2) Idade: *12 Anos*

3) Possui o hábito de leitura? Quais os gêneros que costuma ler? (jornais, livros didáticos, revistas romances, gibis, etc.) *Sim, Livros.*

4) Que tipo de assunto abordado pelas obras literárias você mais gosta de ler? Amor, traição, política, relações familiares, etc.) Por quê? *Relações familiares, Porque*

*eu acho muito importante.*

5) Quando criança sua mãe costumava ler para você? Quais os gêneros? (bíblia, contos infantis, gibis, poesias) *Sim, A Bíblia.*

6) Seus pais ou irmãos possuem o hábito de ler? Que gêneros eles costumam ler?

*Sim, gibis, jornais etc.*

7) Na escola você gosta das aulas de literatura? Ou aulas que envolvam leitura de poemas, contos, romances, etc.? *Sim, eu gosto de literatura e de*

*poemas.*

8) Na escola que você estuda, o professor costuma ler para a turma? Quais os gêneros? (poemas, contos, crônicas, etc.) Ele solicita leitura extra-sala?

*Sim*

9) Qual a sua religião?

*Catolico*

10) Desenvolve alguma atividade em seu núcleo religioso? Quais?

*Cotidiana*

11) As atividades desenvolvidas envolvem leitura? Quais as leituras que você costuma realizar quando está no grupo religioso (da bíblia, de revistas, de contos, de fábulas, outros, quais?) *Sim A Bíblia*

12) Você é filiado ao clube de mães ou associação dos Moradores do Bairro das Cidades? Quais atividades você desenvolve nesta(s) instituições?

*Sim, A Associação*

13) Existem duas ONGs atuando no Bairro das Cidades, a Proamev e a Menina Feliz. Você participa de alguma delas?

*Não*

14) Nestas instituições, comumente ou esporadicamente, é desenvolvida alguma atividade de leitura? Quais os gêneros oferecidos? *Sim*

15) Dos cordéis lidos no clube de mães qual o que você mais gostou? Cite o nome e explique a razão de sua preferência? *No momento eu não lembro*

16) Teve algum cordel lido no clube de mães que você não gostou? Por quê?

17) Qual sua opinião sobre o trabalho desenvolvido pela pesquisadora em seu Bairro? Comente.

*Muito interessante, o trabalho delas porque ajuda a melhorar nosso ambiente*



UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
CAMPINA GRANDE

Centro de Humanidades – CH  
Unidade Acadêmica  
Pós - Graduação em Linguagem e Ensino  
Pesquisa: Leitura de cordel à Luz da Estética da Recepção  
Orientador: José Helder Pinheiro  
Pesquisadora: Janaína Lira

Questionário

1) Nome: José Matheus Santo Pereira

2) Idade: 11 anos

3) Possui o hábito de leitura? Quais os gêneros que costuma ler? (jornais, livros didáticos, revistas romances, gibis, etc.) *livros e gibis.*

4) Que tipo de assunto abordado pelas obras literárias você mais gosta de ler? Amor, traição, política, relações familiares, etc.) Por quê? *Relações familiares porque tem muitas famílias que brigam.*

5) Quando criança sua mãe costumava ler para você? Quais os gêneros? (bíblia, contos infantis, gibis, poesias) *bíblia.*

6) Seus pais ou irmãos possuem o hábito de ler? Que gêneros eles costumam ler? *livros, revistas e gibis.*

7) Na escola você gosta das aulas de literatura? Ou aulas que envolvam leitura de poemas, contos, romances, etc.? *aulas de literatura.*

8) Na escola que você estuda, o professor costuma ler para a turma? Quais os gêneros? (poemas, contos, crônicas, etc.) Ele solicita leitura extra-sala? *de costume*  
*contos e de leitura extra-sala.*

9) Qual a sua religião?

*Católica.*

10) Desenvolve alguma atividade em seu núcleo religioso? Quais?  
~~Não~~ *Sim. Leitura.*

11) As atividades desenvolvidas envolvem leitura? Quais as leituras que você costuma realizar quando está no grupo religioso (da bíblia, de revistas, de contos, de fábulas, outros, quais?) *da bíblia.*

12) Você é filiado ao clube de mães ou associação dos Moradores do Bairro das Cidades? Quais atividades você desenvolve nesta(s) instituições?

*Não.*

13) Existem duas ONGs atuando no Bairro das Cidades, a Proamev e a Menina Feliz. Você participa de alguma delas? *Sim. A Proamev.*

14) Nestas instituições, comumente ou esporadicamente, é desenvolvida alguma atividade de leitura? Quais os gêneros oferecidos? *Não.*

15) Dos cordéis lidos no clube de mães qual o que você mais gostou? Cite o nome e explique a razão de sua preferência? *Viagem a São Sarue. porque a gente viaja no pensamento.*

16) Teve algum cordel lido no clube de mães que você não gostou? Por quê?  
*Não.*

17) Qual sua opinião sobre o trabalho desenvolvido pela pesquisadora em seu Bairro? Comente. *Na minha opinião a pesquisadora fez um trabalho muito legal.*



UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
CAMPINA GRANDE

Centro de Humanidades – CH  
Unidade Acadêmica  
Pós - Graduação em Linguagem e Ensino  
Pesquisa: Leitura de cordel à Luz da Estética da Recepção  
Orientador: José Helder Pinheiro  
Pesquisadora: Janaína Lira

Questionário

1) Nome: *Ana Carla Bento Pereira*

2) Idade: *19 anos*

3) Possui o hábito de leitura? Quais os gêneros que costuma ler? (jornais, livros didáticos, revistas romances, gibis, etc.)

*Sim - jornais e gibis.*

4) Que tipo de assunto abordado pelas obras literárias você mais gosta de ler? Amor, traição, política, relações familiares, etc.) Por quê?

5) Quando criança sua mãe costumava ler para você? Quais os gêneros? (bíblia, contos infantis, gibis, poesias)

*Sim - contos infantis.*

6) Seus pais ou irmãos possuem o hábito de ler? Que gêneros eles costumam ler?

*Sim - contos infantis.*

7) Na escola você gosta das aulas de literatura? Ou aulas que envolvam leitura de poemas, contos, romances, etc.?

8) Na escola que você estuda, o professor costuma ler para a turma? Quais os gêneros? (poemas, contos, crônicas, etc.) Ele solicita leitura extra-sala?

*Sim - contos, Sim.*

9) Qual a sua religião?

*católica.*

10) Desenvolve alguma atividade em seu núcleo religioso? Quais? *Não*

11) As atividades desenvolvidas envolvem leitura? Quais as leituras que você costuma realizar quando está no grupo religioso (da bíblia, de revistas, de contos, de fábulas, outros, quais?)

*Sim - Da Bíblia.*

12) Você é filiado ao clube de mães ou associação dos Moradores do Bairro das Cidades? Quais atividades você desenvolve nesta(s) instituições?

*Não.*

13) Existem duas ONGs atuando no Bairro das Cidades, a Proamev e a Menina Feliz. Você participa de alguma delas? *Não*

14) Nestas instituições, comumente ou esporadicamente, é desenvolvida alguma atividade de leitura? Quais os gêneros oferecidos? *Não*

15) Dos cordéis lidos no clube de mães qual o que você mais gostou? Cite o nome e explique a razão de sua preferência?

*Leram a São Sarcite porque em muitos lugares e momentos*

16) Teve algum cordel lido no clube de mães que você não gostou? Por quê?

*Não.*

17) Qual sua opinião sobre o trabalho desenvolvido pela pesquisadora em seu Bairro? Comente.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
CAMPINA GRANDE

Centro de Humanidades – CH  
Unidade Acadêmica  
Pós - Graduação em Linguagem e Ensino  
Pesquisa: Leitura de cordel à Luz da Estética da Recepção  
Orientador: José Helder Pinheiro  
Pesquisadora: Janaína Lira

### Questionário

- 1) Nome: *Guilherme Loureiro Santos*
- 2) Idade: *10 Anos*
- 3) Possui o hábito de leitura? Quais os gêneros que costuma ler? (jornais, livros didáticos, revistas romances, gibis, etc.)  
*Sim, livros e gibis.*
- 4) Que tipo de assunto abordado pelas obras literárias você mais gosta de ler? Amor, traição, política, relações familiares, etc.) Por quê?  
*Amor; Política e Romântico.*
- 5) Quando criança sua mãe costumava ler para você? Quais os gêneros?(bíblia, contos infantis, gibis, poesias) *Sim, gibis.*
- 6) Seus pais ou irmãos possuem o hábito de ler? Que gêneros eles costumam ler?  
*Sim, gibis.*
- 7) Na escola você gosta das aulas de literatura? Ou aulas que envolvam leitura de poemas, contos, romances, etc.? *Sim, eu gosto de ler romances.*
- 8) Na escola que você estuda, o professor costuma ler para a turma? Quais os gêneros? (poemas, contos, crônicas, etc.) Ele solicita leitura extra-sala? *Sim, poemas?*
- 9) Qual a sua religião?  
*Católica.*
- 10) Desenvolve alguma atividade em seu núcleo religioso? Quais?  
*Não.*

---

- 11) As atividades desenvolvidas envolvem leitura? Quais as leituras que você costuma realizar quando está no grupo religioso (da bíblia, de revistas, de contos, de fábulas, outros, quais?) *Sim, contos e fábulas.*
- 12) Você é filiado ao clube de mães ou associação dos Moradores do Bairro das Cidades? Quais atividades você desenvolve nesta(s) instituições? *Não.*
- 13) Existem duas ONGs atuando no Bairro das Cidades, a Proamev e a Menina Feliz. Você participa de alguma delas? *Não.*
- 14) Nestas instituições, comumente ou esporadicamente, é desenvolvida alguma atividade de leitura? Quais os gêneros oferecidos? *Literatura.*
- 15) Dos cordéis lidos no clube de mães qual o que você mais gostou? Cite o nome e explique a razão de sua preferência?  
*Sim, o cordel do Senhor do Bonfim, porque é bom.*
- 16) Teve algum cordel lido no clube de mães que você não gostou? Por quê?  
*Eu gosto de todos.*
- 17) Qual sua opinião sobre o trabalho desenvolvido pela pesquisadora em seu Bairro? Comente. *Muito bom e interessante.*



UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
CAMPINA GRANDE

Centro de Humanidades – CH  
Unidade Acadêmica  
Pós - Graduação em Linguagem e Ensino  
Pesquisa: Leitura de cordel à Luz da Estética da Recepção  
Orientador: José Helder Pinheiro  
Pesquisadora: Janaina Lira

#### Questionário

- 1) Nome: *Diego Roberto de Lima Silva*
- 2) Idade: *19 Anos*
- 3) Possui o hábito de leitura? Quais os gêneros que costuma ler? (jornais, livros didáticos, revistas romances, gibis, etc.) *sim, jornais e romances*
- 4) Que tipo de assunto abordado pelas obras literárias você mais gosta de ler? Amor, traição, política, relações familiares, etc.) Por quê? *Amor, porque na verdade o amor é uma coisa muito interessante a ser resumida*
- 5) Quando criança sua mãe costumava ler para você? Quais os gêneros? (bíblia, contos infantis, gibis, poesias) *nao*
- 6) Seus pais ou irmãos possuem o hábito de ler? Que gêneros eles costumam ler? *sim livros didáticos*
- 7) Na escola você gosta das aulas de literatura? Ou aulas que envolvam leitura de poemas, contos, romances, etc.? *nao porque o professor é chulo e me irrita das aulas, sim*
- 8) Na escola que você estuda, o professor costuma ler para a turma? Quais os gêneros? (poemas, contos, crônicas, etc.) Ele solicita leitura extra-sala? *nao, nao*
- 9) Qual a sua religião? *Catolico*
- 10) Desenvolve alguma atividade em seu núcleo religioso? Quais? *ja participei nos momentos nao sou mais*
- 11) As atividades desenvolvidas envolvem leitura? Quais as leituras que você costuma realizar quando está no grupo religioso (da bíblia, de revistas, de contos, de fábulas, outros, quais?) *da biblia*
- 12) Você é filiado ao clube de mães ou associação dos Moradores do Bairro das Cidades? Quais atividades você desenvolve nesta(s) instituições? *ja fui associado no club mas nao sou mais*
- 13) Existem duas ONGs atuando no Bairro das Cidades, a Proamev e a Menina Feliz. Você participa de alguma delas? *nao*
- 14) Nestas instituições, comumente ou esporadicamente, é desenvolvida alguma atividade de leitura? Quais os gêneros oferecidos?
- 15) Dos cordéis lidos no clube de mães qual o que você mais gostou? Cite o nome e explique a razão de sua preferência? *a viagem a sao paulo porque eu queria que o mundo inteiro fosse como aqui*
- 16) Teve algum cordel lido no clube de mães que você não gostou? Por quê? *gostei de todos*
- 17) Qual sua opinião sobre o trabalho desenvolvido pela pesquisadora em seu Bairro? Comente.  
*na verdade eu achei proveitoso porque nao temo  
uma aula de literatura tao proveitosa, nao ler*



Centro de Humanidades – CH.  
Unidade Acadêmica  
Pós - Graduação em Linguagem e Ensino  
Pesquisa: Leitura de cordel à Luz da Estética da Recepção  
Orientador: José Helder Pinheiro  
Pesquisadora: Janaína Lira

Questionário

- 1) Nome: *Costa Fernanda P. Moura*
- 2) Idade: *23 Anos*
- 3) Possui o hábito de leitura? Quais os gêneros que costuma ler? (jornais, livros didáticos, revistas romances, gibis, etc.)
- 4) Que tipo de assunto abordado pelas obras literárias você mais gosta de ler? Amor, traição, política, relações familiares, etc.) Por quê?
- 5) Quando criança sua mãe costumava ler para você? Quais os gêneros? (bíblia, contos infantis, gibis, poesias)
- 6) Seus pais ou irmãos possuem o hábito de ler? Que gêneros eles costumam ler?
- 7) Na escola você gosta das aulas de literatura? Ou aulas que envolvam leitura de poemas, contos, romances, etc.?
- 8) Na escola que você estuda, o professor costuma ler para a turma? Quais os gêneros? (poemas, contos, crônicas, etc.) Ele solicita leitura extra-sala?
- 9) Qual a sua religião?
- 10) Desenvolve alguma atividade em seu núcleo religioso? Quais?

---

- 11) As atividades desenvolvidas envolvem leitura? Quais as leituras que você costuma realizar quando está no grupo religioso (da bíblia, de revistas, de contos, de fábulas, outros, quais?)
- 12) Você é filiado ao clube de mães ou associação dos Moradores do Bairro das Cidades? Quais atividades você desenvolve nesta(s) instituições?
- 13) Existem duas ONGs atuando no Bairro das Cidades, a Proamev e a Menina Feliz. Você participa de alguma delas?
- 14) Nestas instituições, comumente ou esporadicamente, é desenvolvida alguma atividade de leitura? Quais os gêneros oferecidos?
- 15) Dos cordéis lidos no clube de mães qual o que você mais gostou? Cite o nome e explique a razão de sua preferência?
- 16) Teve algum cordel lido no clube de mães que você não gostou? Por quê?
- 17) Qual sua opinião sobre o trabalho desenvolvido pela pesquisadora em seu Bairro? Comente.

*www.janainalira.com.br*



UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
CAMPINA GRANDE

Centro de Humanidades – CH  
Unidade Acadêmica  
Pós - Graduação em Linguagem e Ensino  
Pesquisa: Leitura de cordel à Luz da Estética da Recepção  
Orientador: José Helder Pinheiro  
Pesquisadora: Janaína Lira

#### Questionário

1) Nome: *Ruamen de Sousa Ribeiro*

2) Idade: *15 Anos.*

3) Possui o hábito de leitura? Quais os gêneros que costuma ler? (jornais, livros didáticos, revistas romances, gibis, etc.)

4) Que tipo de assunto abordado pelas obras literárias você mais gosta de ler? Amor, traição, política, relações familiares, etc.) Por quê?

5) Quando criança sua mãe costumava ler para você? Quais os gêneros? (biblia, contos infantis, gibis, poesias)

6) Seus pais ou irmãos possuem o hábito de ler? Que gêneros eles costumam ler?

7) Na escola você gosta das aulas de literatura? Ou aulas que envolvam leitura de poemas, contos, romances, etc.?

8) Na escola que você estuda, o professor costuma ler para a turma? Quais os gêneros? (poemas, contos, crônicas, etc.) Ele solicita leitura extra-sala?

9) Qual a sua religião?

10) Desenvolve alguma atividade em seu núcleo religioso? Quais?

---

11) As atividades desenvolvidas envolvem leitura? Quais as leituras que você costuma realizar quando está no grupo religioso (da bíblia, de revistas, de contos, de fábulas, outros, quais?)

12) Você é filiado ao clube de mães ou associação dos Moradores do Bairro das Cidades? Quais atividades você desenvolve nesta(s) instituições?

13) Existem duas ONGs atuando no Bairro das Cidades, a Proamev e a Menina Feliz. Você participa de alguma delas?

14) Nestas instituições, comumente ou esporadicamente, é desenvolvida alguma atividade de leitura? Quais os gêneros oferecidos?

15) Dos cordéis lidos no clube de mães qual o que você mais gostou? Cite o nome e explique a razão de sua preferência?

16) Teve algum cordel lido no clube de mães que você não gostou? Por quê?

17) Qual sua opinião sobre o trabalho desenvolvido pela pesquisadora em seu Bairro? Comente.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
CAMPINA GRANDE

Centro de Humanidades – CH  
Unidade Acadêmica  
Pós - Graduação em Linguagem e Ensino  
Pesquisa: Leitura de cordel à Luz da Estética da Recepção  
Orientador: José Helder Pinheiro  
Pesquisadora: Janaina Lira

### Questionário

- 1) Nome: Jara do Nascimento Santos.
- 2) Idade: 13 anos. 7ª Série.
- 3) Possui o hábito de leitura? Quais os gêneros que costuma ler? (jornais, livros didáticos, revistas romances, gibis, etc.)  
Sim, revistas romances, gibis e etc.
- 4) Que tipo de assunto abordado pelas obras literárias você mais gosta de ler? (Amor, traição, política, relações familiares, etc.) Por quê?  
Relações familiares e amor, porque é interessante
- 5) Quando criança sua mãe costumava ler para você? Quais os gêneros? (biblia, contos infantis, gibis, poesias)  
Sim, gibis.
- 6) Seus pais ou irmãos possuem o hábito de ler? Que gêneros eles costumam ler?  
Sim, livros e revistas.
- 7) Na escola você gosta das aulas de literatura? Ou aulas que envolvam leitura de poemas, contos, romances, etc.?  
Sim, poemas e textos.
- 8) Na escola que você estuda, o professor costuma ler para a turma? Quais os gêneros? (poemas, contos, crônicas, etc.) Ele solicita leitura extra-sala?  
Sim, crônicas, sim.
- 9) Qual a sua religião?  
Católica.
- 10) Desenvolve alguma atividade em seu núcleo religioso? Quais?  
Sim, a bíblia.
- 11) As atividades desenvolvidas envolvem leitura? Quais as leituras que você costuma realizar quando está no grupo religioso (da bíblia, de revistas, de contos, de fábulas, outros, quais?)  
Sim, a bíblia e os livros.
- 12) Você é filiado ao clube de mães ou associação dos Moradores do Bairro das Cidades? Quais atividades você desenvolve nesta(s) instituições?  
Sim, cursos.
- 13) Existem duas ONGs atuando no Bairro das Cidades, a Proamev e a Menina Feliz. Você participa de alguma delas?  
Sim, a menina feliz.
- 14) Nestas instituições, comumente ou esporadicamente, é desenvolvida alguma atividade de leitura? Quais os gêneros oferecidos?  
Sim, ler os livros do estatuto, e as histórias.
- 15) Dos cordéis lidos no clube de mães qual o que você mais gostou? Cite o nome e explique a razão de sua preferência?  
O gostoso, porque é bem interessante.
- 16) Teve algum cordel lido no clube de mães que você não gostou? Por quê?  
Sim, porque eu me desenvolver bastante.
- 17) Qual sua opinião sobre o trabalho desenvolvido pela pesquisadora em seu Bairro? Comente.  
Ótimo, porque agente nunca teve essa oportunidade.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS  
PÓS - GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO

FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO			
PROJETO DE PESQUISA: LEITURA DE CORDÉIS À LUZ DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO		LOCAL DE PESQUISA CLUBE DE MÃES DO BAIRRO DAS CIDADES	
Nome do participante: Diego Roldenio de Lima Silveira			
Data de Nascimento: 16-31-88		Naturalidade: C. Grande	
Nacionalidade: Brasileiro		Sexo: (X) Masc. ( ) Fem.	
Endereço: Rua. ignorante			
Bairro: Dor. Ladeiras	Cidade: C. Grande	Estado: PB	Cep: 58707-215
Telefone: 3322-9593		E-mail:	
Grau de escolaridade: 1º Anos		Atualmente estuda? (X) Sim ( ) Não	
Nome do estabelecimento de ensino: Mães das Cidades			
Faz algum curso Profissionalizante? (X) Sim ( ) Não			
Qual o curso? Profissionalizante			
Nome do estabelecimento: CAB			
Faz algum curso artístico? ( ) Sim (X) Não			
Nome do estabelecimento:			
Exerce alguma atividade profissional: (X) Sim ( ) Não			
Onde desenvolve a atividade profissional? Clube de mães			
Filiação	Nome do pai: Carlos Bezerra		
	Nome da mãe: Romelia de Lima		
Possui irmãos? (X) Sim ( ) Não	Quantos? 3	Todos residem na mesma casa? Sim	
Profissão dos pais:	Mãe: Bolso		
	Pai:		
Média da renda familiar: 650,00 Reais			
Você já leu Literatura de cordel? (X) Sim ( ) Não			
Você gostou? Por quê? Sim, porque achei interessante.			

Diego Roldenio de Lima Silveira  
Assinatura do participante

Campina Grande, 08/04/07

Assinatura da pesquisadora



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS  
PÓS - GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO

FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO

PROJETO DE PESQUISA: LEITURA DE CORDÉIS À LUZ DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO		LOCAL DE PESQUISA CLUBE DE MÃES DO BAIRRO DAS CIDADES	
Nome do participante: <u>Vanessa de A. Pereira</u>			
Data de Nascimento: <u>25/08/1991</u>		Naturalidade: <u>Campana</u>	
Nacionalidade: <u>Brasileira</u>		Sexo: ( ) Masc. (x) Fem.	
Endereço: <u>Rua P. ...</u>			
Bairro: <u>3 de Maio</u>	Cidade: <u>Campana</u>	Estado: <u>PE</u>	Cep: <u>55047-920</u>
Telefone: <u>989020771</u>		E-mail:	
Grau de escolaridade: <u>1º ano</u>		Atualmente estuda? (x) Sim ( ) Não	
Nome do estabelecimento de ensino: <u>F. B. ...</u>			
Faz algum curso Profissionalizante? ( ) Sim (x) Não			
Qual o curso?			
Nome do estabelecimento:			
Faz algum curso artístico? ( ) Sim (x) Não			
Nome do estabelecimento:			
Exerce alguma atividade profissional: ( ) Sim (x) Não			
Onde desenvolve a atividade profissional?			
Filiação	Nome do pai: <u>Vanessa Raimundo Pereira</u>		
	Nome da mãe: <u>Vanessa Raimundo Pereira</u>		
Possui irmãos? (x) Sim ( ) Não		Quantos? <u>3</u>	Todos residem na mesma casa? <u>Sim</u>
Profissão dos pais:	Mãe: <u>Vanessa Raimundo Pereira</u>		
	Pai: <u>Vanessa Raimundo Pereira</u>		
Média da renda familiar: <u>3.000 R\$</u>			
Você já leu Literatura de cordel? ( ) Sim (x) Não			
Você gostou? Por quê?			

Vanessa de A. Pereira  
Assinatura do participante

Campina Grande,    /    /   

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS  
PÓS - GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO

FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO			
PROJETO DE PESQUISA: LEITURA DE CORDÉIS À LUZ DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO		LOCAL DE PESQUISA CLUBE DE MÃES DO BAIRRO DAS CIDADES	
Nome do participante: José Mathews Bento Pereira			
Data de Nascimento: 32/03/1997		Naturalidade:	
Nacionalidade:		Sexo: <input checked="" type="checkbox"/> Masc. ( ) Fem.	
Endereço: Rua Palmeiras Nº 123			
Bairro: Bairro das Cidades	Cidade: Campina Grande	Estado: Paraíba	Cep: 58-307-235
Telefone: 99-24-34-45		E-mail:	
Grau de escolaridade: 4º Grau		Atualmente estuda? <input checked="" type="checkbox"/> Sim ( ) Não	
Nome do estabelecimento de ensino: Escola Municipal Luiz Cometa			
Faz algum curso Profissionalizante? ( ) Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não			
Qual o curso?			
Nome do estabelecimento:			
Faz algum curso artístico? ( ) Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não			
Nome do estabelecimento:			
Exerce alguma atividade profissional: ( ) Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não			
Onde desenvolve a atividade profissional?			
Filiação	Nome do pai: José Ronaldo Pereira		
	Nome da mãe: Aurita Salina Bento Pereira		
Possui irmãos?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim ( ) Não	Quantos? 2	Todos residem na mesma casa? Sim
Profissão dos pais:	Mãe: Agente		
	Pai: Pedreiro		
Média da renda familiar: 350 R\$			
Você já leu Literatura de cordel? ( ) Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não			
Você gostou? Por quê?			

José Mathews Bento Pereira  
Assinatura do participante

Campina Grande

Assinatura do responsável



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS  
PÓS - GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO

FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO

PROJETO DE PESQUISA: LEITURA DE CORDÉIS À LUZ DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO		LOCAL DE PESQUISA CLUBE DE MÃES DO BAIRRO DAS CIDADES	
Nome do participante: RAMON DE SOUSA RIBEIRO			
Data de Nascimento: 10-06-92		Naturalidade: C. GRANDE	
Nacionalidade: BRAGILEIRO		Sexo: (X) Masc. ( ) Fem.	
Endereço: RUA: COYCOMHAS			
Bairro: DAS CIDADES	Cidade: C. GRANDE	Estado: PB	Cep: 58101-223
Telefone: 3335-0207		E-mail: ramon-ferreira-401@u	
Grau de escolaridade: 9º ANO		Atualmente estuda? (X) Sim ( ) Não	
Nome do estabelecimento de ensino: MAJÓ JENEZIANO			
Faz algum curso Profissionalizante? (X) Sim ( ) Não			
Qual o curso? INFORMÁTICA			
Nome do estabelecimento: INFOR GENIOS			
Faz algum curso artístico? (X) Sim ( ) Não			
Nome do estabelecimento: TEATRO MUNICIPAL (BOLCISTA)			
Exerce alguma atividade profissional: (X) Sim ( ) Não			
Onde desenvolve a atividade profissional? PROAMEV - CLUBE DE MÃES			
Filiação	Nome do pai: GEMINAL GONCALVES RIBEIRO		
	Nome da mãe: GERALDA DE SOUSA LIMA		
Possui irmãos? (X) Sim ( ) Não		Quantos? 2	Todos residem na mesma casa? NÃO
Profissão dos pais:	Mãe: CAMIONEIRO		
	Pai: CAMIONEIRO		
Média da renda familiar: 100,00			
Você já leu Literatura de cordel? (X) Sim ( ) Não			
Você gostou? Por quê? BASTANTE, PORQUE DESPERTA IMAGINAÇÕES DIVERÇAS.			

Assinatura do participante

Campina Grande, 08/04/07

Assinatura da pesquisadora



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS  
PÓS - GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO

FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO

PROJETO DE PESQUISA: LEITURA DE CORDÉIS À LUZ  
DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

LOCAL DE PESQUISA  
CLUBE DE MÃES DO BAIRRO  
DAS CIDADES

Nome do participante:

Juxi do Nascimento Santos

Data de Nascimento: 21/01/98

Naturalidade: Campina Grande

Nacionalidade:

Sexo: (X) Masc. ( ) Fem.

Endereço:

Rua Paulista Nº 200

Bairro:

Das Cidades

Cidade:

Campina Grande

Estado:

PB

Cep:

58100-000

Telefone: 88 72 6497

E-mail:

Grau de escolaridade:

3º Serei

Atualmente estuda? (X) Sim ( ) Não

Nome do estabelecimento de ensino: Escola Municipal Luiz Camêlo

Faz algum curso Profissionalizante? ( ) Sim (X) Não

Qual o curso?

Nome do estabelecimento:

Faz algum curso artístico? ( ) Sim (X) Não

Nome do estabelecimento:

Exerce alguma atividade profissional: ( ) Sim (X) Não

Onde desenvolve a atividade profissional?

Filiação

Nome do pai: Carlos José dos Santos

Nome da mãe: Eliene do Nascimento Santos

Possui irmãos? (X) Sim ( ) Não Quantos? Uma Todos residem na mesma casa? Sim

Profissão dos pais:

Mãe: Dona de casa

Pai: Predeiro

Média da renda familiar:

80

Você já leu Literatura de cordel? (X) Sim ( ) Não

Você gostou? Por quê?

Sim eu achei muito bom

Juxi do Nascimento Santos  
Assinatura do participante

Campina Grande

Assinatura da responsável



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS  
PÓS - GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO

FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO

PROJETO DE PESQUISA: LEITURA DE CORDÉIS À LUZ  
DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

LOCAL DE PESQUISA  
CLUBE DE MÃES DO BAIRRO  
DAS CIDADES

Nome do participante:

Yosi Wilson de Sousa

Data de Nascimento: 09/06/87

Naturalidade: Teixeira PB

Nacionalidade: Brasileira

Sexo:  Masc. ( ) Fem.

Endereço:

Rua Sabara Nº 34

Bairro:

Das Cidades

Cidade:

Campina Grande

Estado:

PB

Cep:

53107003

Telefone: 3335-00-40

E-mail:

Grau de escolaridade: 2º grau em L

Atualmente estuda?  Sim ( ) Não

Nome do estabelecimento de ensino: E. E. E. T. M. Prof. Raul Bândula

Faz algum curso Profissionalizante? ( ) Sim  Não

Qual o curso?

Nome do estabelecimento:

Faz algum curso artístico? ( ) Sim  Não

Nome do estabelecimento:

Exerce alguma atividade profissional: ( ) Sim  Não

Onde desenvolve a atividade profissional?

Filiação

Nome do pai: Manoel Mesquita de Sousa

Nome da mãe: Yvete Maria de Sousa

Possui irmãos? ( ) Sim

( ) Não

Quantos?

Todos residem na mesma casa?

Profissão dos pais:

Mãe: Doméstica

Pai: Carpinteiro

Média da renda familiar:

500 R\$

Você já leu Literatura de cordel?  Sim ( ) Não

Você gostou? Por quê?

sim, porque faz desenvolver a leitura

Yosi Wilson de Sousa

Assinatura do participante



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS  
PÓS - GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO

FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO			
PROJETO DE PESQUISA: LEITURA DE CORDÉIS À LUZ DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO		LOCAL DE PESQUISA CLUBE DE MÃES DO BAIRRO DAS CIDADES	
Nome do participante: <i>Ana Paula Beatriz Pereira</i>			
Data de Nascimento: <i>07/08/1998</i>		Naturalidade: <i>Pernambuco</i>	
Nacionalidade: <i>Brasileira</i>		Sexo: ( ) Masc. (X) Fem.	
Endereço: <i>Rua Pedagogos nº 193</i>			
Bairro: <i>B. das Cidades</i>	Cidade: <i>Campina Grande</i>	Estado <i>PB</i>	Cep: <i>57.107-235</i>
Telefone: <i>99.943.445</i>		E-mail:	
Grau de escolaridade: <i>3ª série</i>		Atualmente estuda? (X) Sim ( ) Não	
Nome do estabelecimento de ensino: <i>Escola M. da Glória Pimenta Moraes de Vasconcelos</i>			
Faz algum curso Profissionalizante? ( ) Sim (X) Não			
Qual o curso?			
Nome do estabelecimento:			
Faz algum curso artístico? ( ) Sim (X) Não			
Nome do estabelecimento:			
Exerce alguma atividade profissional: ( ) Sim (X) Não			
Onde desenvolve a atividade profissional?			
Filiação	Nome do pai: <i>M. Rinaldo Pereira</i>		
	Nome da mãe: <i>D. Maria Gelina Bezerra Pereira</i>		
Possui irmãos? (X) Sim ( ) Não	Quantos? <i>2 (dois)</i>	Todos residem na mesma casa? <i>Sim</i>	
Profissão dos pais:	Mãe: <i>Agricultora</i>	Pai: <i>Agricultor</i>	
Média da renda familiar: <i>400 R\$</i>			
Você já leu Literatura de cordel? ( ) Sim (X) Não			
Você gostou? Por quê?			

*Ana Paula Beatriz Pereira*  
Assinatura do participante

Campina Grande

Assinatura do responsável



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS  
PÓS - GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO

FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO

PROJETO DE PESQUISA: LEITURA DE CORDÉIS À LUZ  
DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

LOCAL DE PESQUISA  
CLUBE DE MÃES DO BAIRRO  
DAS CIDADES

Nome do participante:

Yara do Nascimento Santos

Data de Nascimento: 05-09-75

Naturalidade: E. grande

Nacionalidade: Brasileira

Sexo: ( ) Masc. (X) Fem.

Endereço:

Rua: Paulista nº 200

Bairro:

Bairro das Cidades

Cidade:

E. grande

Estado:

PB

Cep:

53.107.000

Telefone:

E-mail:

Grau de escolaridade: 6º

Atualmente estuda? (X) Sim ( ) Não

Nome do estabelecimento de ensino: EM. Mº D. V. P. O. Queiroz

Faz algum curso Profissionalizante? ( ) Sim (X) Não

Qual o curso?

Nome do estabelecimento:

Faz algum curso artístico? ( ) Sim (X) Não

Nome do estabelecimento:

Exerce alguma atividade profissional? ( ) Sim (X) Não

Onde desenvolve a atividade profissional?

Filiação Nome do pai: Carlos José dos Santos

Nome da mãe: Eliene do Nascimento Santos

Possui irmãos? (X) Sim ( ) Não Quantos? 2 Todos residem na mesma casa? Sim

Profissão dos pais:

Mãe: Doméstica

Pai: Pedreiro

Média da renda familiar: 80 Bolívia escola.

Você já leu Literatura de cordel? (X) Sim ( ) Não

Você gostou? Por quê?

Gostei, Por quê foi muito interessante.

Yara do Nascimento Santos  
Assinatura do participante

Campina Grande, 13/09/2007

Assinatura da pesquisadora



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS  
PÓS - GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO

FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO

PROJETO DE PESQUISA: LEITURA DE CORDÉIS À LUZ DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO		LOCAL DE PESQUISA CLUBE DE MÃES DO BAIRRO DAS CIDADES	
Nome do participante: LUCIO XAVIER DA SILVA			
Data de Nascimento: 29-07-87		Naturalidade: C. GRANDE	
Nacionalidade: BRASILEIRO		Sexo: (X) Masc. ( ) Fem.	
Endereço: RUA: COMODINAS Nº 93			
Bairro: DAS CIDADES		Cidade: C. GRANDE	Estado: PB Cep: 58707-223
Telefone: (83) 8848-6211		E-mail: GURE.LUCIO@PIDEP@histmois	
Grau de escolaridade: 2ª SÉRIE		Atualmente estuda? (X) Sim ( ) Não	
Nome do estabelecimento de ensino: MAJOR VENEZIANO VITAL DO REGO			
Faz algum curso Profissionalizante? ( ) Sim (X) Não			
Qual o curso?			
Nome do estabelecimento:			
Faz algum curso artístico? ( ) Sim (X) Não			
Nome do estabelecimento:			
Exerce alguma atividade profissional: ( ) Sim (X) Não			
Onde desenvolve a atividade profissional?			
Filiação	Nome do pai: HOMERO PALMO DA SILVA		
	Nome da mãe: JOSEFA X. BARBOZA DA SILVA		
Possui irmãos?	(X) Sim ( ) Não	Quantos? 3	Todos residem na mesma casa? NÃO
Profissão dos pais:	Mãe: CHEFE MEIÃO		
	Pai: PEDREIRO		
Média da renda familiar: <del>3333</del> 300,00			
Você já leu Literatura de cordel? (X) Sim ( ) Não			
Você gostou? Por quê? SIM, POR CAUSA DA LINGUAGEM AS PALAVRAS COMO SÃO USADAS. E MUITO MAIS POR QUÊ?			

LUCIO XAVIER DA SILVA  
Assinatura do participante

Campina Grande, 19/02/07

Assinatura da pesquisadora



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS  
PÓS - GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO

FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO

PROJETO DE PESQUISA: LEITURA DE CORDÉIS À LUZ  
DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

LOCAL DE PESQUISA  
CLUBE DE MÃES DO BAIRRO  
DAS CIDADES

Nome do participante:

Josemildo de Oliveira.

Data de Nascimento: 11-04-1991

Naturalidade: e. grande

Nacionalidade: Brasileiro

Sexo:  Masc.  Fem.

Endereço:

Rua: Jgeracu Nº 300

Bairro:

Das Cidades

Cidade:

e. grande

Estado

P.B

Cep:

58104-000

Telefone:

E-mail:

Grau de escolaridade: 2º ano

Atualmente estuda?  Sim  Não

Nome do estabelecimento de ensino: E. E. E. F. M. Major Venegiano Vital do Rêgo

Faz algum curso Profissionalizante?  Sim  Não

Qual o curso?

Nome do estabelecimento:

Faz algum curso artístico?  Sim  Não

Nome do estabelecimento:

Exerce alguma atividade profissional:  Sim  Não

Onde desenvolve a atividade profissional?

Filiação

Nome do pai: José Francisco

Nome da mãe: M<sup>te</sup> DAS DORES TOMAS

Possui irmãos?  Sim  Não

Quantos? 7

Todos residem na mesma casa? Não

Profissão dos pais:

Mãe: Empregada doméstica

Pai: Agricultor

Média da renda familiar: Salário mínima

Você já leu Literatura de cordel?  Sim  Não

Você gostou? Por quê?

Eu gostei muito, por que é importante Para quem gosta de ler. Eu também já fiz um com meus colegas.

Josemildo de Oliveira.  
Assinatura do participante

Campina Grande, / /

Assinatura da pesquisadora